

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**O PLANO REGIONAL DE LEITURA – do projeto à
prática num clube de leitura**

Fátima Margarida Sousa Ferreira

Lisboa | 2019

UNIVERSIDADE ABERTA



**O PLANO REGIONAL DE LEITURA – do projeto à
prática num clube de leitura**

**Fátima Margarida Sousa
Ferreira**

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em
Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares

Orientadora: Professora Doutora Glória Maria Lourenço Bastos

Lisboa, 2019

Resumo

Na presente dissertação, procuramos perceber os contributos que um Clube de Leitura pode oferecer no âmbito da promoção da leitura, na formação de leitores de 2.º ciclo que contactarão, pela primeira vez, com obras recomendadas pelo Plano Regional de Leitura, e em que vertentes a apropriação de conhecimentos desta mesma leitura teve impacto.

Esta opção veio em sequência da realidade observada na Escola do Ensino Básico e Secundário do Nordeste (EBS Nordeste), São Miguel, Açores, na qual se verificou, através de uma análise exploratória, que os livros listados no PRL raramente eram solicitados pelos alunos ou pelos docentes para dinamização de alguma atividade. Na prática, o PRL, naquele contexto em particular, não se podia considerar um projeto nem conhecido, nem implementado.

Neste contexto, seleccionámos três livros de uma coleção intitulada “Férias nos Açores”, de Regina Tristão da Cunha. A escolha dos títulos foi feita conscientemente, na medida em que um dos objetivos era que os membros do Clube de Leitura pudessem contactar com realidades históricas, geográficas e culturais, que transcendessem a sua (São Miguel) e observassem a de outras ilhas, e perceberem se a obra em questão promovia a consciência da insularidade e de como esta é ultrapassável com a apropriação de conhecimentos históricos e culturais comuns ao arquipélago.

O desenvolvimento deste projeto de leitura no Clube de Leitura contribuiu para a ampliação dos conhecimentos relativos à realidade açoriana nos domínios históricos, geográficos e culturais, tendo, também, implicações muito positivas no incremento da fluência da leitura, na aquisição de hábitos leitores e no manuseamento de informação aquando do preenchimento dos guiões de leitura.

Palavras-chave: Plano Regional de Leitura, Clube de Leitura, Literatura para Crianças, Açores

Abstract

The current dissertation aims at understanding the valuable contribution of a Reading Club can offer to 2^o ciclo readers, as to find out how Reading habits are created and nurtured, for the first time using works from the *Plano Regional de Leitura (PRL)*. Also, to grasp the impact of these readings on knowledge acquisition for the students.

The path of this investigation was set by the careful observation of *the Escola do Ensino Básico e Secundário de Nordeste (EBS Nordeste), São Miguel, Açores*, reality. Observing that reality, one comes across with striking facts. For instance, at this school library, the collection of works comprising the *Plano Regional de Leitura*'s list was scarce; moreover, the numbers of home autonomous reading, library reading, oriented reading and project development (2015/2016) revealed that books listed on the PRL were rarely requested by students or teachers, in general, for promoting any school task. Thus, the *PRL*, in that particular school context, couldn't be considered a known, let alone, implemented project.

At this starting point, a collection of works, entitled *Férias nos Açores*, by Regina Tristão da Cunha, was selected. It is composed by nine volumes, concerning one Azorean island each. Further along the project, we've opted for three of these volumes: *Kathy em Santa Maria, Kathy na Graciosa e Kathy no Faial*.

The choice for these titles was deliberately made, as one of the aims was exposing the Reading Club members to historical, geographical and cultural realities diverse from the ones they were familiar with. The students were to be immersed in the other islands' realities and question themselves about insularity: "Does this book promote insularity awareness? How can we surpass insularity finding out more about background historical and cultural similarities among the islands of the archipelago?"

The implementation of this reading project in the Reading Club contributed to the expansion of knowledge about the Azorean reality in the historical, geographic and cultural domains, and also had very positive implications for reading fluency, reading habits and handling information when filling in the reading guides

Keywords: Reading Regional Plan, Reading Club, Children's Literature, Azores.

Dedicatória

Ao meu pai (*in memoriam*), com muita dor, por não ter vivido o suficiente para ver este projeto concluído e por considerar que a educação formal faria toda a diferença no nosso comportamento social.

À minha mãe (*in memorium*), por espicaçar a minha personalidade e a minha persistência quando me contradizia.

Ao Luís, meu marido e companheiro, pela paciência e pela disponibilidade.

Às minhas meninas, Sofia e Isabel, por perceberem que, na gestão do tempo, elas nem sempre foram o que deviam ser, a prioridade.

A todos aqueles que persistem e insistem na sua tomada de decisões.

Agradecimentos

A presente dissertação tornou-se, ao longo do tempo, uma tarefa de difícil consecução, pois outros projetos foram surgindo e a energia intelectual foi sendo desviada e consagrada para outros campos que não o de estudo e, conseqüentemente, foi sendo necessário um permanente estímulo para terminá-la.

Em primeiro lugar, manifesto os meus agradecimentos à minha orientadora, Dr^a Glória Bastos, por me consciencializar do pragmatismo necessário à realização de uma dissertação, em especial no atinente à temática a ser abordada e respetivos limites.

Aos meus incansáveis alunos que completaram um ciclo de ensino (2.º ciclo) sob a minha orientação, estando sempre disponíveis para agarrar todos os projetos académicos; aos respetivos pais e encarregados de educação que autorizaram a participação no Clube de Leitura e ao Conselho Executivo da Escola Básica e Secundária do Nordeste, por permitir o desenvolvimento da presente dissertação no seu contexto escolar.

Uma palavra de apreço à minha vice-presidente, Nélia Miranda, por ter lido e acertado com todo o pormenor a língua portuguesa na presente dissertação e à Margarida Carreiro pelo apoio no inglês.

Uma palavra especial de agradecimento ainda à Secretaria Regional de Educação, na pessoa da Dra. Lúcia Santos, por ter autorizado o uso de documentos internos e a dedicação que colocou nesta investigação.

À minha irmã, que sempre desempenha o papel de avó, ao cuidar das minhas filhas quando, na gestão do tempo, o estudo tem prioridade.

Ao meu sempre disponível sobrinho Dinis Pacheco e ao meu amigo-irmão, Óscar Carreiro, que me acudiram nas minhas agonias informáticas.

À Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada e à Biblioteca Escolar da Escola Básica Gaspar Frutuoso pelo empréstimo das obras literárias em questão.

Índice geral

Resumo	3
Abstract	4
Dedicatória	5
Agradecimentos	6
Índice geral.....	7
Índice de gráficos.....	9
Glossário das siglas.....	10
Introdução	12
Parte I Enquadramento Teórico	15
1. A Leitura e as Bibliotecas Escolares	16
1.2 As Bibliotecas Escolares e a Promoção da Leitura	21
2. A Rede Regional de Bibliotecas Escolares	41
2.2 Projetos de Promoção da Leitura da RRBE	46
Projeto Ler+	46
Projeto Todos Juntos Podemos Ler.....	50
Projeto Ler é Saudável	50
Projeto Ler Encantar Recordar	52
3. O Plano Regional de Leitura.....	53
3.1 O PRL - Da conceptualização à avaliação	53
3.2 O Currículo Regional do Ensino Básico e o Plano Regional de Leitura.....	55
4. Literatura Infantil e Juvenil e a Coleção “Férias nos Açores”	71
4.2 Uma aproximação à coleção “Férias nos Açores”	75
Parte II Estudo Empírico	84
1. Introdução ao estudo empírico.....	85
3. O Clube de Leitura - projeto de dinamização a partir da coleção “Férias nos Açores”	92

3.1 Apresentação do projeto.....	92
3.2 Caracterização do contexto e participantes no projeto	93
3.3 Análise do inquérito por questionário I	96
2.4 A dinamização do Clube de Leitura	105
2.4.1 Os guiões de leitura	108
2.4.2 O passaporte literário	109
2.4.3 A atividade lúdica.....	109
2.4.4 As apresentações orais	110
4.6 Discussão dos resultados.....	122
Conclusões.....	126
Bibliografia.....	129
Anexos.....	135

Índice de gráficos

Gráfico I - Hábitos de leitura.....	96
Gráfico II – Razões para a prática da leitura.	97
Gráfico III - Inexistência de hábitos de Leitura.....	98
Gráfico IV - Incentivos para a prática da leitura.	98
Gráfico V - Preferências de Leitura.....	99
Gráfico VI - Frequência da prática leitora.....	100
Gráfico VII - Hábitos de leitura em casa.	100
Gráfico VIII - Em que circunstâncias os alunos se dedicam à leitura.	101
Gráfico IX - Forma de aquisição do livro.....	102
Gráfico X - Significado atribuído à prática da leitura.	103
Gráfico XI - Evolução do hábito de ler.	104
Gráfico XII - Quem promove o hábito de ler.	104
Gráfico XIII - Costumas dedicar-te à leitura.	113
Gráfico XIV - Como obtiveste conhecimento do PRL.	114
Gráfico XV - Conhecimento de outras obras recomendadas pelo PRL.	115
Gráfico XVI - Motivações para a leitura de outra obra do PRL.....	115
Gráfico XVII - Importância do PRL para a tua formação enquanto aluno e açoriano?	116
Gráfico XVIII - Justificação afirmativa.....	116
Gráfico XIX - Aspetos mais relevantes a partir da leitura dos volumes da coleção Férias nos Açores.	117
Gráfico XX - Contributo para o aumento do teu gosto e interesse pela leitura de obras do PRL, a partir da coleção lida.	118
Gráfico XXI - A leitura dos volumes coleção Férias nos Açores não contribuiu para o aumento do gosto e interesse pela leitura de obras do PRL.	119
Gráfico XXII - Ampliação do conhecimento nas áreas da História, Cultura e Geografia dos Açores.	120
Gráfico XXIII - Probabilidade de contactar com outras obras do PRL.	120

Glossário das siglas

AASL - American Association of School Librarians

BAD – Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas

BE – Biblioteca Escolar

CREB – Currículo Regional do Ensino Básico

EBSN – Escola Básica e Secundária do Nordeste

EPI – Escola em Processo de Integração

IFLA - International Federation of Library Associations

LIJ – Literatura Infantil e Juvenil

OCDE – Organização para a Cooperação Económica e Desenvolvimento

PAA – Plano Anual de Atividades

PCE – Projeto Curricular de Escola

PE – Projeto Educativo

PB – Professor Bibliotecário

PISA - Programme for International Student Assessment (Programa Internacional de Avaliação do Desempenho dos Alunos)

PNEP – Programa Nacional Ensino do Português

PNL – Plano Nacional de Leitura

PRL – Plano Regional de Leitura

RAA – Região Autónoma dos Açores

RRBE – Rede Regional de Bibliotecas Escolares

RRBEA - Rede Regional de Bibliotecas Escolares Açores

SREC – Secretaria Regional da Educação e Cultura

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Como literatura regional que é, i.é, referida a uma região com peculiaridades, a literatura açoriana não deixa, porém, de dever ter o direito à intemporalidade e à universalidade potenciais de todo o fenómeno literário. O que quer dizer que não basta que se escreva *na* região ou *sobre* a região para *ser* literatura.

Aliás: quanto mais *verdadeiramente* regional mais universal, pois que a expressão de uma verdadeira singularidade é objecto da atenção universal. A existência de uma *verdadeira — insistimos — literatura regional não é uma questão de quantidade mas uma questão de qualidade. Neste sentido não são açorianos* os autores nascidos nos Açores ou que deles falam, mas todos aqueles que criam, transmitem ou apelam para uma peculiaridade açoriana, com qualidade literária.

(Machado Pires, 1984)

Introdução

A presente dissertação enquadrou-se na dúvida profissional e pessoal acerca de dois aspetos: se havia uma efetiva dinamização das obras referenciadas no PRL na Escola Básica e Secundária do Nordeste (EBSN) e, caso houvesse, que aprendizagens daí tinham advindo para os alunos.

Confessamos que o primeiro ímpeto fora o de perceber se aquele estava implementado na Região Autónoma dos Açores e de que forma a equipa coordenativa, assim como a Secretaria Regional da Educação, monitorizava os dados que obtinha (se os obtivesse) para definir uma estratégia que desembocasse num plano de melhoria. Todavia, perante a amplitude da questão, uma vez que implicaria obter dados de várias Unidades Orgânicas, cingimo-nos àquela em que poderíamos, na prática, alterar, se necessário, o estado de inércia perante a implementação do PRL e promover aprendizagens, através da literatura, sobre a Região Autónoma dos Açores (RAA).

O PRL é produto de duas preocupações da tutela açoriana: a de efetivamente elevar a competência leitora dos alunos açorianos e, simultaneamente, tornar acessível o contato com escritores açorianos ou obras de temática açoriana, na sua escrita criativa e respetiva divulgação.

As nossas dúvidas, porém, fixaram-se não na conceptualização do projeto em si, não no esforço que a Comissão que rege o PRL apresenta na divulgação de atividades próprias que o tenham por base, nem na produção literária que difunde pelas Unidades Orgânicas, mas no desenvolvimento de mecanismos que lhe permitam aferir o grau de efetivo envolvimento das Unidades Orgânicas no projeto e na sistematização de atividades realizadas, enfatizando a noção de promoção de leitura de temática açoriana.

Que projetos de dinamização do PRL têm as diversas Unidades Orgânicas e Bibliotecas Municipais e com que regularidade se implementam? Quais são os destinatários ou públicos-alvo? Que impacto tem nas aprendizagens o contacto com obras do PRL? Em concreto, em que medida as atividades correspondem às orientações/objetivos do PRL, de que as bibliotecas escolares são não *uma*, mas *a* parceira estratégica? Quais os constrangimentos que são colocados, em termos de acesso ao acervo, de gestão da própria obra literária ao docente/coordenador da BE/ aluno e, até, do ponto de vista da gestão curricular? Quais as opiniões das equipas da BE, frequentemente protagonistas da preparação, execução, dinamização e avaliação das atividades das

bibliotecas? E que sugestões têm a fazer quanto às orientações seguidas, aos problemas com que se defrontam na sua prática profissional? Que mecanismos de monitorização possui a comissão do PRL que lhe permita avaliar e, se necessário, reformular e redirecionar a sua prática?

Na prática quotidiana de promoção de hábitos de leitura, as bibliotecas escolares são o local/equipamento escolar por excelência. Desse ponto de vista, as suas atividades poderão ser consideradas, de uma ou de outra forma, como atividades de promoção da leitura. Nesta lógica, e na presente dissertação, optamos por criar uma oportunidade para dinamizar, no âmbito do Clube de Leitura, umas das obras do PRL e tentar perceber que respostas daríamos a algumas das questões atrás elencadas, observando *in loco* (na BE da E.B.S. do Nordeste) a fraca requisição de obras do PRL, assim como a inexistência de um projeto que estivesse direcionado para a implementação do mesmo.

Quanto ao percurso investigativo que seguimos, o desenvolvimento da presente dissertação inicia-se com uma revisão da literatura que, na sua essência, adquire uma dupla função, a definição concreta do problema em questão e a obtenção de uma ideia precisa sobre o estado atual dos conhecimentos sobre um determinado tema, as suas lacunas. A partir deste ponto, delinear-se-á a contribuição da investigação para o desenvolvimento do presente trabalho, sendo que no ponto de vista dos autores de *Revisão da Literatura e sistematização do conhecimento* (2010:36), «a análise documental precede e prepara uma boa análise de conteúdo. A análise documental traduzirá o tratamento prévio fundamental e indispensável que permitirá posteriormente a realização da análise de conteúdo».

A revisão da literatura é uma parte central do processo de investigação, pois dela faz parte integrante a gestão de um conjunto de processos - localizar, analisar, sintetizar e interpretar investigação anteriormente desenvolvida relacionada com uma área de estudo; é, então, uma busca bibliográfica pormenorizada, referente aos trabalhos já publicados sobre o tema. O conceito da revisão da literatura é indispensável para o entendimento do conceito de mapeamento de campo – como a clarificação, através da delimitação, dos aspetos a serem investigados sob uma determinada metodologia e que constituirão o cerne da questão colocada.

Neste quadro, considerámos pertinente abordar, numa primeira parte, a importância da leitura, numa época marcada pelo acesso facilitado à tecnologia e pela instauração do preconceito que a leitura é uma atividade arcaica, incompatível com a pressa do quotidiano. Associada a esta necessidade, julgamos imprescindível dar

relevância à recente implementação da Rede Regional de Bibliotecas Escolares, na Região Autónoma dos Açores e, obviamente, aos contornos conceptuais do Plano Regional de Leitura, assim como às questões que envolvem a Literatura infantojuvenil e à contextualização da obra literária em estudo, *Férias nos Açores*, e à análise que desenvolvemos, enquanto promotora da leitura, da mesma.

Num segundo momento, o nosso foco centrou-se no desenvolvimento do estudo empírico. Apresentamos os elementos que nortearam a nossa investigação, assim como a metodologia usada na recolha de dados e a consequente dinamização do nosso projeto de leitura, em contexto de Clube de Leitura. Para tal, exploramos a pertinência deste na promoção do livro e do desenvolvimento de hábitos de leitura, apresentando a caracterização do público envolvido e a forma como este se enriqueceu em termos de aprendizagens advindas do contato com a coleção atrás indicada, analisando o comportamento leitor.

Finalmente no capítulo dedicado às conclusões tecemos um conjunto de considerações, em especial sobre o desenvolvimento do PRL, e procurando ainda articular os objetivos da investigação realizada com os resultados alcançados.

Parte I
Enquadramento
Teórico

1. A Leitura e as Bibliotecas Escolares

1.1 O Papel da Leitura

Uma questão primordial que prevalece é a necessidade de, ainda no século XXI, numa sociedade marcada pela tecnologia com acesso rápido a toda e qualquer informação, mais ou menos credível e útil, se sensibilizar para a leitura. Enumerar toda a sua influência e importância na formação da personalidade e da cidadania de um indivíduo será repetir muito do que já foi elencado, argumentado e consentâneo em outras circunstâncias.

Todavia, esta questão implica uma outra central: como mantê-la presente nas novas dialéticas quotidianas de todos os cidadãos e, em particular, como estimulá-la para que ainda seja reconhecida como uma peça importante nas várias vertentes do nosso quotidiano.

A leitura transcende a simples decifração do código, quando o documento escrito se transforma, de instrumento para o ato de ler, num exercício de compreensão do mundo e de si mesmo.

Cristina Manuela Sá e Maria José Veiga, no seu livro *Estratégias de leitura e intercompreensão* (2010) desdobram o conceito de leitura, atribuindo-lhe um sentido mais restrito, relacionado com a descodificação/ decifração, e outro mais alargado, que inclui a compreensão global do sentido dos textos. Assim, afirmam que a leitura, num sentido mais restrito, é a capacidade de decifrar num texto, identificar palavras, situar as palavras no contexto em que estas aparecem e atribuir-lhes um sentido nesse contexto específico; num sentido mais amplo, a leitura implica ter a capacidade de compreender e, para isso, é necessário ser capaz de atribuir sentido ao texto lido, invocando, a propósito do tema deste os conhecimentos que a nossa experiência de vida e as nossas leituras precedentes nos permitiram adquirir. É tornar o texto lido parte integrante da nossa história ou revê-la no texto lido, como se de uma relação circular se tratasse. Na prática, não há uma relação direta entre alfabetização e capacidade individual de interpretação e relação que permita o acesso direto ao conhecimento e manuseamento de informação. A alfabetização não se traduz necessariamente em literacia e em transformação da informação em conhecimento.

Farmoroso (2013, p. 13) considera que «Pode mesmo referir-se que um défice de competências de leitura implica um défice de cidadania já que, a capacidade de leitura

transformou-se numa competência técnica base, num direito cívico e fonte de desenvolvimento social dos indivíduos». Neste contexto, é obviamente, fundamental o papel da escola, particularmente nos primeiros níveis do ensino básico, sendo, desse modo, entendido como um desafio que os educadores de infância, professores e todos aqueles que têm a seu cargo a educação, entendida como um processo complexo e em permanente desenvolvimento, devem privilegiar nas atividades educativas, considerando a sua complexidade.

Cabe ao professor uma parte muito significativa da responsabilidade de ensinar a criança a ler, ajudando-a a desenvolver os mecanismos indispensáveis à leitura. Nesse sentido, o desenvolvimento das competências de literacia implica uma relação transdisciplinar, transcendendo as aulas vocacionadas para o ensino do Português, ideia que Inês Duarte (2015, p. 28) sublinha: uma vez que a consciência linguística é uma pré-condição para a fluência de leitura e a proficiência da escrita, e uma vez que um bom nível de desempenho nestas competências se conta entre os mais importantes fatores de sucesso escolar, ela é, indiretamente, uma das condições de sucesso escolar em outras disciplinas curriculares.

À perspetiva de Inês Duarte, consideramos importante juntar a de Lurdes Mata, Vera Monteiro e Francisco Peixoto ao enfatizar as correntes de pensamento dos anos 90 que colocam a dimensão afetiva como uma parte importante no todo que é o ler.

Nos últimos anos houve alterações na forma de pensar a leitura, como uma atividade que envolve esforço, na sua dimensão cognitiva, mas em que a dimensão afetiva é igualmente importante. Nesta linha de pensamento, o fator motivação toma, pois, um papel importantíssimo no desempenho desta tarefa, até porque saber ler não implica que a pessoa escolha fazê-lo. Assim, as atitudes positivas e o prazer recebido despertam os principiantes para a aprendizagem da leitura, a perseverarem, canalizarem esforços e envolverem-se ativamente, desenvolvendo desde cedo as suas atitudes e crenças relativamente a determinadas tarefas, nomeadamente, as suas atitudes, crenças e características motivacionais face à leitura.

O Programa Nacional do Ensino do Português (PNEP, p. 62) vem defender a ideia de que é muitíssimo importante «os alunos [contactarem] com múltiplos textos em diferentes suportes e formatos, de diferentes tipos e com finalidades distintas, considerando o domínio do literário e o do não literário. Tal opção emerge de dois pressupostos: i) a construção de uma cultura literária partilhada por todos os alunos; ii) o papel fundamental dos textos não literários na construção e organização do

conhecimento, tendo em conta que os alunos estão a descobrir o mundo e a aprender a classificá-lo».

Segundo a edição do PISA 2015, os alunos portugueses melhoram os resultados em todas as áreas (Matemática, Leitura e Ciências), confirmando a consistência da evolução positiva dos resultados em Portugal que se verifica desde 2000 (a primeira edição do teste internacional PISA).

Considerando apenas os 35 países/economias que integram a OCDE, dos 72 participantes no estudo, Portugal alcança agora as seguintes posições: 17.º a Ciências, com 501 pontos, 18.º em Leitura, com 498 pontos, e 22.º a Matemática, com 492 pontos, ficando acima da média da OCDE em todos os domínios. Na literacia em leitura, a média portuguesa foi de 498 pontos, e a da OCDE de 493. Em relação à participação de 2000, Portugal progrediu 28 pontos. Está em 21.º lugar no total dos analisados e em 18.º quando se restringe à participação apenas aos membros da OCDE.

Contudo, e de acordo com a apresentação dos resultados do projeto (2017) *Aprender a ler e a escrever em Portugal*, de Maria de Lurdes Rodrigues, Isabel Alçada, Teresa Calçada e João Mata, Portugal é o segundo país da OCDE com mais reprovações precoces, logo depois da Bélgica: 17% dos alunos que participaram no PISA declararam ter repetido pelo menos uma vez logo no ensino primário.

Vários investigadores, mas também professores e dirigentes de escolas apontam as dificuldades de aprendizagem e o défice de competências em leitura como causas do insucesso e das elevadas taxas de retenção, sobretudo a precoce. O estudo revela exatamente que a primeira causa da retenção precoce, a razão apontada pelos professores para a decisão de fazer o aluno repetir o segundo ano de escolaridade, é o défice de competências em leitura. As crianças reprovam no segundo ano por não lerem bem, por não terem atingido os objetivos estabelecidos no programa no que respeita à leitura e à escrita, seja no domínio técnico de identificação e decodificação dos sinais, seja na compreensão da leitura ou do domínio do vocabulário.

As causas apontadas para as dificuldades de aprendizagem da leitura estão, na opinião dos professores e dos dirigentes escolares, diretamente relacionadas com os contextos familiares dos alunos: famílias que não valorizam nem acompanham a vida escolar do aluno, por razões socioeconómicas e culturais. Faltam aos alunos em risco de insucesso estímulos e apoios positivos que reforcem o trabalho da escola.

Gouveia (2009), no que se prende com a importância da família em relação ao enraizamento de hábitos e gostos pela leitura, considera que um dos fatores

preponderantes para a iniciação da atividade de leitura é o facto de as crianças observarem esta dinâmica no seu seio familiar, em particular, sendo desenvolvida pelos próprios pais. É importante não esquecer que, se a família tem um papel chave nos primeiros contactos da criança com a leitura e na estimulação para esta atividade, este contributo continua a ser crucial com a entrada da criança para escola, por exemplo, através do envolvimento em atividades de literacia com a criança e do incentivo aos seus hábitos de leitura.

Porém, o desejável não se pode confundir com o observável e, na realidade portuguesa, uma parte significativa das famílias não tem hábitos de leitura arraigados.

Como compensar esta falha familiar ou, se assim entendermos, um modo de vida familiar que não entende a leitura como uma ferramenta diferenciadora no saber, saber ser e no saber fazer? Continuará a responsabilização das famílias pelas falhas que o sistema de ensino demonstra no âmbito da dotação de competências da leitura a via mais credível para se justificar a perpetuação de resultados pouco satisfatórios? Como ensinar as famílias a valorizar a capacidade leitora? Não entendemos a escolaridade como a grande alavanca para minguar as diferenças sociais e económicas? Que estratégias necessitam de ser e assumidas pelas escolas para que, ainda em tenra idade e quando já se detetaram as primeiras lacunas, se driblem e melhorem resultados?

De acordo com o Inquérito para o *Projeto Aprender a Ler e a Escrever em Portugal* (2015, p. 18), apontam-se diversas causas que obstem ao desenvolvimento da competência da leitura, sendo que a imaturidade (18%) é a mais pronunciada, associando-se à falta de estímulo para a leitura em casa (15%), onde se encaixa a própria falta de hábitos de leitura em casa (14%). A falta de pré-requisitos (11%), a de acompanhamento familiar (9%) e de interesse (5%), assim como a perceção das necessidades educativas especiais (5%), dificuldade na aquisição do mecanismo da leitura e da escrita (4%), de concentração (4%), de aprendizagem (3%), falta de treino da leitura (4%) e outros motivos (3%), assiduidade e absentismo (2%), extensão e exigência dos programas (2%) e a generalização dos métodos de ensino (1%) engrossam a lista de causas.

Como recomendações, e no domínio, em geral, do ensino da leitura e da escrita nos primeiros anos de escolaridade, o dito relatório sugere a intervenção precoce e continuada; reconhecer a existência de um problema com o ensino da leitura, que tem uma expressão assaz evidente nos primeiros anos de escolaridade, mas que prolonga os seus efeitos negativos nos percursos escolares e no desempenho dos alunos nos anos subsequentes; utilizar os recursos existentes (Rede de Bibliotecas Escolares e Plano Nacional de Leitura) para desenvolver dinâmicas de apoio às escolas e aos professores

nas atividades de ensino da leitura, definindo como prioritária a intervenção no primeiro ciclo; desenvolver instrumentos de diagnóstico e de intervenção precoce, a partir das múltiplas experiências e projetos existentes nas escolas; acompanhar de forma continuada os agrupamentos de escolas com elevados níveis de insucesso nos primeiros anos de escolaridade, apoiando-os na formulação de estratégia e planos de ação para resolver os problemas e desafiar as escolas superiores de educação a promoverem uma reflexão sobre o espaço reservado, nos seus programas de formação inicial e de formação contínua de professores, às questões do insucesso escolar e das dificuldades de aprendizagem da leitura.

Têm surgido autores que defendem que a leitura deve ser uma atividade unicamente guiada pelo desejo intrínseco de cada indivíduo, sendo, portanto, uma opção de foro pessoal. Nesta linha de pensamento, as orientações curriculares para a leitura apresentam-se absolutamente castrantes quanto à manifestação do livre arbítrio de cada um. Paralelamente, surge a questão do como incentivar, ou num primeiro momento, dar a conhecer os privilégios da leitura, se há um conjunto de indivíduos (possivelmente estudantes e eventualmente adultos que padecem de iliteracia funcional) que não leem?

O currículo encontra-se numa interseção de carácter filosófico e paradoxal de difícil gestão. A gestão curricular, entendida como um todo, facilitará as articulações inter e transdisciplinares, transcendendo o peso das tarefas fechadas, dos exercícios, das rotinas, por oposição às pesquisas, às situações abertas, aos projetos e à criatividade. A literatura encontrará aqui um espaço para se flexibilizar, para aproveitar e converter ocasiões e responder a apelos das diversas componentes curriculares.

O Plano Nacional de Leitura prevê um grande envolvimento dos responsáveis pelas atividades de aprendizagem, dada a necessária adequação destes programas a cada turma e às necessidades de cada criança. Mas, para isso, é indispensável que os educadores e professores tenham uma boa formação literária, que lhes forneça as ferramentas necessárias para lidar com os desafios que a leitura apresenta, tanto ao nível da atividade em si (leitura), como das atividades de pré ou pós leitura.

1.2 As Bibliotecas Escolares e a Promoção da Leitura

É passível de gerar dúvidas, na maior parte da comunidade, o recrudescimento da importância dada às Bibliotecas Escolares com o surgimento de uma legislação e documentação de suporte mais explícita e incisiva, do surgimento de novos projetos de âmbito, nacional, regional e local, até internacional, da imposição e respetivo cumprimento de objetivos, precedidas pelo estabelecimento de metas. A questão que subjaz a estas dúvidas, por parte da comunidade, remonta não necessariamente à desvalorização consciente da Biblioteca Escolar por parte desta, mas à sua recente valorização enquanto eixo estruturante que concorre para o sucesso educativo.

O novo rumo que subjaz às Bibliotecas Escolares já não é alheio nem às novas orientações educativas, nem à reconceptualização do aluno, pois o redimensionamento e a requalificação da Biblioteca Escolar é consequência direta dos novos contextos e paradigmas sociais, académicos e culturais que se influenciam simbioticamente, em que as metodologias de ensino-aprendizagem têm um cunho mais construtivista, marcado pela autonomia e pela transmissão de competências – *savoir faire*. Estamos perante uma sociedade que se reinventa e transforma a um ritmo avassalador e cuja alavanca é a informação, que se multiplica e expande com facilidade e rapidez.

No contexto especificamente açoriano, e de acordo com o explanado no documento intitulado *Jovens Açorianos Qualificados- Relatório Final*, considera-se que, no contexto nacional, os Açores apresentam-se como a região mais jovem, mas também com os mais baixos níveis de qualificação: «Os Açores são a região do País com menores níveis de qualificação, designadamente no que respeita ao Ensino Superior, situação que contrasta com a sua maior juventude» (Rocha *et al.*, 2012).

Sónia Neves (2010, p. 42) afirma que:

De acordo com Sim-Sim (2006, p.16), um nível incipiente de leitura ao terminar a escolaridade básica e obrigatória é um obstáculo à continuação de estudos, nomeadamente de nível superior, ao desempenho profissional e ao usufruto e produção de conhecimento especializado. Numa sociedade cada vez mais dependente da obtenção rápida de informação, a leitura representa para os maus leitores o primeiro embaraço na realização de tarefas que lhes são solicitadas e a extracção de significado torna-se um procedimento penoso, conduzindo ao desânimo e desistência face a aprendizagens que dependem substancialmente da informação escrita e causando, a curto prazo, retenção e insucesso escolar.

Porém, o retrato da escolarização da população açoriana nas últimas décadas permite salientar, por um lado, a evolução marcadamente positiva de alguns indicadores e, por outro, o muito que ainda é preciso trilhar para aproximar a região das médias europeias. Nas considerações apresentadas pela equipa do estudo atrás referenciado, coordenada por Gilberta Pavão (2015, p. 33) verificou-se que:

O que os dados registam é que ao longo de uma década a escolaridade média dos açorianos aumentou cerca de 1 ano. Se em 2001 essa escolaridade se situava ao nível do 2º ciclo do ensino básico, em 2011 estava ainda muito afastada da escolaridade obrigatória de nove anos. O cenário açoriano não difere, nesta matéria, do encontrado para o território continental que, em 2001 apresentava uma média de escolaridade de 6 anos e, em 2011, 7,4 anos (CNE, 2014), aquém do registado na Noruega ou na Alemanha, que em 2010 registavam valores próximos dos 12 anos.

Nesta dita sociedade de informação, a necessidade de dotar e consciencializar os cidadãos da importância de saber selecionar, processar, manusear e comunicar com inteligência tem-se constituído como um desafio académico avassalador e transversal.

O que se pretende, acima de tudo, será munir os alunos/indivíduos/cidadãos de competências, também no âmbito da tecnologia, para que se possam (re)adaptar, (re)inventar e (re)definir. O conhecimento e o saber passam pela capacidade não de aceder simplesmente à informação, mas à sua seleção e manipulação, bem como pela sua análise e posterior aplicação. No território açoriano, ainda se sublinha o abandono precoce de educação e formação com a Região ainda a figurar como um dos territórios europeus com mais dificuldades em combater a saída precoce da escola dos jovens com idade entre os 18-24 anos, que concluíram apenas a escolaridade básica e não se encontram a estudar ou a receber formação. O mesmo estudo conclui que o *background* cultural e económico pode condicionar positivamente o percurso académico e o sucesso escolar, assim como a redução da possibilidade de abandono escolar, estabelecendo-se uma relação de mútua influência entre as comunidades e os contextos locais.

Mas como se posiciona a Biblioteca Escolar e o Professor Bibliotecário nesta problemática?

No campo da biblioteconomia, a década de 1980 viu o aparecimento de novas diretrizes da AASL (American Association of School Librarians¹), denominadas *Information Power: Guidelines for School Libraries Media Programs*, que

¹ Consultar em <http://www.ala.org/aasl/>

procuraram definir com mais clareza a função pedagógica do bibliotecário, vincando a parceria entre professores, órgãos de gestão escolar e bibliotecários na definição de um programa para a Biblioteca Escolar, de acordo com as necessidades específicas da comunidade escolar.

Uma das funções do bibliotecário foi a de ser um professor com uma vertente mais dinâmica e construtiva no desenvolvimento das competências de pensar criticamente e no ideal de ensinar a aprender a aprender e, simultaneamente, a de um consultor didático, encarregado de integrar o programa da biblioteca no currículo escolar, colaborando no processo de ensino/aprendizagem, transformando a Biblioteca Escolar num centro dinâmico da comunidade escolar onde se processa uma aprendizagem baseada em recursos, que enfatiza a utilização de uma variedade de fontes e de tecnologias de informação para alavancar a competência informacional.

A Biblioteca Escolar, ao promover oportunidades e proximidades de acesso a novos conhecimentos e à informação, cumpre, neste contexto, uma também função social ao se tornar um centro de disponibilização do saber, ao preparar-se para responder diretamente às demandas da sociedade e ao diligenciar oportunidades de acesso a novos conhecimentos, respetivamente. A requalificação da Biblioteca Escolar e, inerentemente, a do Professor Bibliotecário, insere-se nesta dinâmica. Contudo, uma questão premente surge e para: como fazer a alavancagem para o reconhecimento das suas importâncias no contexto escolar e comunitário perante pares, alunos, pais e concidadãos?

Mike Eisenberg, criador do modelo *Big 6*, em colaboração com Danielle H. Miller Eisenberg em *This man wants to change your job* (2002), propõe uma metodologia assente em três eixos complementares a ser aplicada pelo próprio Professor Bibliotecário, a partir do entendimento divergente que este tem da sua função e importância que a reveste perante uma comunidade na qual se integra, que se mostra alheada da sua relevância, e a necessidade de promover o seu reconhecimento/valorização nesta.

O autor expressa, no início do artigo, três focos de preocupação: o de promover a aquisição de competências ao nível da gestão da informação; o de criar condições que desemboquem num trabalho de parceria entre docentes e órgãos de gestão, o demonstrar da pertinência do papel de um Professor Bibliotecário no sucesso das aprendizagens, conferindo-lhe um novo *satus quo*. O modelo designado de ABC, traduzindo respetivamente *Articulate a vision and agenda*; *Be strategic* e *Communicate continuously*, que pode sugerir alguma facilidade de compreensão/aplicabilidade da estratégia pela sequencialidade básica das letras, é a proposta presumivelmente simples

(não simplória) dos autores atrás citados para revalorizar o Professor Bibliotecário e a Biblioteca Escolar como uma instituição de objetivos próprios e de valia para a formação integral do aluno, enquanto tal e enquanto cidadão, procurando demonstrar a efetiva capacidade destes em influenciar positivamente a educação.

O autor supera o conceito tradicional de Biblioteca, impregnando-lhe um cunho mais dinâmico, percecionando-a como o espaço que pode não só suprir a escassez de acesso aos recursos informacionais, como torná-la num centro privilegiado de acesso àqueles, enfatizando a competência informacional como a linha orientadora a partir da qual se poderá definir o programa da Biblioteca Escolar em linha com outros autores como Ross Todd, Haycock e Carol Kuhlthau.

Os bibliotecários são incitados a tomar atitude proactiva, a fim de participar do esforço educativo que requer mais do que a visão ingénua e simplista do processo de busca e uso da informação. O manuseamento da informação surge como um aliado na reconversão do papel do Professor Bibliotecário, assumindo este novo papel e protagonismo, (re) prestigiando o espaço da Biblioteca Escolar, indo ao encontro do Manifesto da UNESCO para as Bibliotecas Escolares, no âmbito das funções desta - gestão de recursos, gestão de bibliotecas e de informação e ensino.

A dinâmica dos eixos supramencionados passa, também, apesar de não se referenciar diretamente, pela formalização escrita, documentada e objetiva de escolhas e opções específicas e contextualizadas e aprovadas perante órgãos de gestão escolar e da comunidade «*the school library program's vital role and the importance of teacher-librarian. Refer to it as frequently as possible—in written, verbal, and electronic communication*» (Eisenberg, 2002, p. 1).

Transcendendo a mera declaração de intenções, agrega e define objetivos, metas, atividades, reflexões, reconsiderações e diagnósticos constantes acerca da qualidade /como proporciona e que se consubstancia em documentos orientadores que explicitam a linha orientadora e a missão da Biblioteca Escolar, representando o seu compromisso e a sua responsabilidade perante uma comunidade de utilizadores e responsáveis.

Os autores encaram a Biblioteca Escolar como protagonista da *information skills* como parte de um todo que é o currículo; aliás, se atentarmos em alguns dos princípios consignados no documento fundador da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE, 1997), e no presente da documentação internacional existente, vemos que estes apontam necessariamente para o entendimento das bibliotecas escolares como recursos básicos do sistema educativo, sendo-lhes reconhecido um papel central nos domínios da leitura e da

literacia, com a integração das novas tecnologias, na aquisição de competências de informação e do aprofundamento da cultura em geral.

As bibliotecas escolares constituem polos fundamentais transdisciplinares onde têm assento atividades de ensino e atividades curriculares não letivas e recreativas/lazer, mas que, para cumprir a multiplicidade das suas funções e expectativas, as bibliotecas devem dispor de um conjunto de condições: espaço e equipamento, Política de Desenvolvimento da Coleção em conformidade com os interesses e necessidades da comunidade escolar, uma equipa de professores e técnicos com formação adequada e uma dotação orçamental própria, considerando que programa da Biblioteca Escolar é um elo essencial para a comunidade escolar em sentido amplo.

O papel do professor bibliotecário, então, não se resume apenas à questão da gestão da informação; são-lhe atribuídas distintas competências que vão desde a área do planeamento e gestão até ao desenvolvimento de trabalho colaborativo em equipa pela área da avaliação, que não é mais do que uma consciencialização do (in)sucesso do rumo previamente traçado e da imperatividade de uma reconversão da estratégia definida.

As linhas de orientação/ação da Biblioteca Escolar, que podemos designar de programa de gestão, funcionam, simultaneamente, como um organismo independente, ao considerarmos a Biblioteca Escolar e o Professor Bibliotecário como agentes autónomos do processo ensino-aprendizagem, e interdependente, pois o mesmo programa só é pragmatizável ao ser congregado a uma linha global orientadora da Unidade Orgânica, que concorre com todos os projetos comunitários, a par deles.

Mantendo devidamente afastados o mundo empresarial do cultural/educativo, cremos que Mike Eisenberg, na obra atrás mencionada, considerara, não de forma inocente, que ao programa da Biblioteca Escolar subjaz um pensamento estratégico, que condicionará uma ação concertada que se converterá num *produto final*, num resultado que se inicia com uma questão de atitude positiva por parte do Professor Bibliotecário, parecendo-nos, no entanto, mais uma questão de perfil de liderança do que propriamente de definição de estratégia. A atitude correta, *per si*, não definirá o sucesso da última, confundindo-se, ainda no artigo em questão, com a necessidade de marketing e publicitação de resultados. Essa mesma atitude fará parte integrante de um conjunto alargado de características que definirão o perfil de liderança forte mencionado pelos autores, associada a uma visão/projeto a gestão estratégica, crendo que este é um dos pontos fulcrais de um Professor Bibliotecário.

Ao assumir um conjunto de responsabilidades socioculturais e académicas e de apresentar qualidade nos serviços que presta, a Biblioteca Escolar tem necessariamente de delinear uma estratégia de ação, uma linha condutora marcada pela flexibilidade, em que o objetivo é que a mesma possa ser avaliada e reformulada, não de uma forma pontual, mas de uma forma suficientemente sistemática, para que possa surtir efeito, exigindo-se um conhecimento aprofundado da comunidade na qual a Biblioteca Escolar se insere e serve e dos pontos mais frágeis da sua aplicação, por forma a serem reconvertidos.

Neste âmbito, adquire pertinência a existência de uma equipa que Eisenberg cinge a um grupo restrito de docentes, com funções igualmente restringidas a uma vertente de «relações públicas» e aconselhamento «create a formal library advisory committee composed as a key administrator and two or three classroom teachers who are movers and shakers» (*Idem*, p. 4), abrindo-se, eventualmente, a outras personalidades.

Consideramos que esta é uma fragilidade na estratégia apresentada, o não considerar uma equipa multi e transdisciplinar sólida, permanente e de apoio à prática do Professor Bibliotecário, quando lhe é exigido uma multiplicidade de funções, de presenças e de visão ampliada, na certeza de que todas estas questões impõem um trabalho cooperante e colaborativo entre o Professor Bibliotecário e a comunidade perante a qual a Biblioteca Escolar age, mediante um diálogo horizontal e vertical daquele com os seus pares (entenda-se, aqui, como todos aqueles que com a Biblioteca Escolar definem uma estratégia única de orientação, constituindo-se um plataforma de apoio ao serviço da aprendizagem). Ao Professor Bibliotecário não compete apenas disponibilização de uma grande quantidade e diversidade de recursos, mas também, e principalmente, colaborar com os professores como facilitadores do processo de aprendizagem baseado nesses recursos, e integrá-los na prática letiva.

A capacidade de reformulação e de reajuste é delineada como um pilar do *Be strategic* e advém do acompanhamento feito pelo Professor Bibliotecário à comunidade, através de uma rede de comunicação permanente que propicia o enquadramento e a legitimidade da readequação das linhas orientadoras, tendo consciência da volatilidade não dos compromissos assumidos, mas do cumprimento dos mesmos, uma vez que, em última análise, dependem da comunidade. Partilhar e publicitar uma mesma visão estratégica para a Biblioteca Escolar e esperar que dela comungue a sua comunidade afigura-se uma estratégia de marketing para alavancar e enriquecer a praxis desta, promovendo-se na comunidade educativa, tornando-se cada vez mais indispensável,

procurada e eficaz, antecipando necessidades e vontades, impondo a sua presença e ganhando um novo espaço.

Todavia, esta estratégia de comunicação e de ação é, essencialmente, de divulgação, não engloba propriamente o trabalho colaborativo e de parceria com outras escolas, pares, autarquias, pais e encarregados de educação, comunidade em geral, que possa rentabilizar em prol do respeito das linhas de ação definidas todo um conjunto de recursos, meios e projetos.

Sendo muito válida a aquisição de competências no domínio da gestão informacional da pesquisa e partilha, remanescem duas questões: uma relativa à capacidade dos Professores Bibliotecários em satisfazer as necessidades informacionais dos utilizadores que acorrem à Biblioteca, ou seja, estarem profissionalmente aptos/preparados para assumir este novo papel; a outra será a possibilidade das Unidades Orgânicas se atualizarem do ponto de vista tecnológico para cumprir as funções atribuídas.

Contudo, cremos que há um aspeto que é inevitavelmente associado à prática de qualquer biblioteca, a de promoção da leitura e do estímulo ao gosto e prazer de ler.

A leitura como ato em si continua a ser, no século XXI, a fórmula que enquadra todo o nosso processo comunicativo oral e escrito, dotando todos os indivíduos de capacidade de expressão, de compreensão e discussão. A questão que se coloca será a da qualidade das mesmas. Como se enquadra aqui o Professor Bibliotecário? Será o mesmo que indagarmos qual é uma das funções da escola e da educação! A Biblioteca Escolar, ao facultar a disponibilidade para a leitura, já cumpre um dos seus grandes objetivos e ultrapassa um dos seus grandes obstáculos. Outras contendidas emergem: a qualidade do que se oferece para ler; a fórmula de fomentar a leitura; a envolvência dos seus principais destinatários; a organização do espaço; a articulação com toda a comunidade educativa. A reflexão da sua praxis como dinamizador da leitura e a sua consciência de que é imprescindível evoluir é considerada uma parte inerente à ação daquele, sendo a leitura o ponto de partida para o exercício das suas funções.

Fernando Azevedo e Jorge Martins alvitram que «Não nascemos leitores, nem tão pouco não leitores. Tornamo-nos leitores ou não, em função das experiências motivadoras ou das experiências desmotivadoras que vivemos, ao longo da nossa vida.» (2011, p. 1)

A formação de um leitor, segundo os autores atrás referidos (Id., p. 9), apresenta-se, como nunca dantes, o grande desafio da Educação Escolar:

escola tem necessidade imperiosa de encontrar nos seus profissionais e nas suas formas de organização e de operacionalização dos currícula meios para proporcionar aos alunos o desenvolvimento de uma série de competências: o ser capaz de ler, compreender e interpretar textos, o ser capaz de, reflexivamente, construir o próprio conhecimento, o ser capaz de exercitar, com proficiência, uma palavra autónoma, numa multiplicidade de contextos de ocorrência, de modo a poder responder aos desafios de uma sociedade que, a todos os títulos, se apresenta cada vez mais complexa, sofisticada e exigente.

As considerações acerca dos aspetos que espoletam o gosto para a leitura são uma constante entre aqueles que buscam uma fórmula que surta efeito nos vários quadrantes sociais e académicos. Cremos que um dos eixos que alavancam este mesmo gosto entronca nos afetos associados à leitura, nomeadamente a satisfação e prazer, os quais, por sua vez, irão influenciar dimensões como o valor e interesse atribuídos à leitura. Nesta linha de pensamento, Luís Arizaleta, no artigo *Trece ideas para aficionar a la lectura* (1988), numa honestidade típica de quem lê pelo simples e imenso prazer de o fazer, considera que a leitura é um ato pessoal que se alicerça e pauta por um conjunto de circunstâncias únicas e momentâneas, considerando a leitura como um direito, não deixando se de ser, todavia, uma opção, onde se coadunam best-sellers com os livros clássicos, não havendo lugar para preconceitos.

É imprescindível a adequação entre o que está escrito e o que é lido, ou seja, entre a intencionalidade comunicativa e sensibilidade recetiva, gerando-se, aqui, uma dialética de entendimento pessoal entre autor e leitor, que irá ao encontro da disponibilidade espiritual do último. Neste contexto, surge a questão do efeito reversivo na leitura imposta e instrumentalizada pelas escolas, que no seu objetivo último de enredar positivamente a sua comunidade educativa na leitura, frequentemente tem um efeito algo contrário e perverso.

O mesmo autor considera que a leitura, lembrando o património oral de um povo, se vai disseminando ao enraizar-se na intimidade de cada leitor ao encontrar uma obra literária adequada a si ou à sua circunstância imediata que a irá partilhar. Como se posiciona uma Biblioteca Escolar e um Professor Bibliotecário nesta conjuntura tão pessoal? No mínimo, será de exigir que, em primeiro lugar, este seja um leitor conhecedor de várias tipologias textuais (sim, porque não confundamos leitura simplesmente com literatura clássica); em segundo lugar, conheça a sua comunidade escolar nas suas sensibilidades e circunstâncias (não se resumindo apenas a estudantes), o que obriga a que seja reconhecido por aquela como um mediador literário fiável e crítico, apresentando

livros que se encaixem no perfil com o qual se defronta, - um autêntico *book counselor*; em terceiro lugar e, em quarto lugar, que conquiste e assuma este estatuto, desenvolvendo um conjunto de estratégias motivacionais para atrair leitores, além de auxiliar na transição para novos temas e autores.

Creio que o grande desafio transcende os aspetos atrás elencados, remetendo-se não só no facultar hipóteses de leitura, mas na capacidade de ensinar a ler, entendendo-se aqui na habilidade de assimilar uma determinada informação, mais ou menos subliminar, para que esta seja convertida numa capacidade construtiva em termos funcionais, críticos e transversais na contemporaneidade.

O artigo de Lurdes Mata, Vera Monteiro e Francisco Peixoto, intitulado *Motivação para a leitura ao longo da escolaridade*, de 2014, tal como vários anos antes o de Bernice Cuullinan, *Independent Reading and School Achievement* (2000) concluem, através das evidências obtidas das suas pesquisas, que há níveis motivacionais mais elevados, por parte dos alunos mais novos, e que se vão gradualmente reduzindo consoante a sua maturação e crescimento.

A justificação poderá ser explicada com as características de desenvolvimento das crianças e a diversificação de áreas de interesse e de competência e, de acordo com o artigo de Lurdes Mata, Vera Monteiro e Francisco Peixoto, pode também ser explicada pelas práticas pedagógicas utilizadas pelos professores nas atividades de leitura, sendo as mesmas determinantes no tipo e nível de motivação, o que eventualmente poderá justificar o decréscimo verificado ao longo dos três ciclos de escolaridade, nos indicadores motivacionais dos alunos.

A imperatividade dos indivíduos, quer na sua fase infantil e juvenil, quer na fase adulta, se envolverem em atividades de leitura tem marcado muito os pressupostos académicos e políticas educativas, desde que se assumiu que a capacidade de leitura se traduz num contributo social e exercício de cidadania exigível a qualquer membro de uma estrutura social.

Levando em consideração Maria de Fátima Silva Castro Fradique (2011, p. 31):

A Biblioteca Escolar e o Professor Bibliotecário têm, nos dias de hoje, o papel de promover o desenvolvimento de competências no domínio da literacia da informação junto dos alunos, pois, mais do que nunca, é imprescindível fazer uma leitura compreensiva do que se lê de forma a ser capaz de seleccionar e tratar a informação, transformando-a em conhecimento mobilizável e aplicando-o em situações específicas reais.

No documento atrás citado, *As Bibliotecas Escolares e o papel do Professor Bibliotecário*, expõe-se que é necessário que o PB perspetive a leitura de um conjunto de ângulos:

- que se consciencialize que está perante um novo tipo de leitor com novos suportes e incontáveis possibilidades de leitura;
- que proponha uma leitura enquadrada no quotidiano de forma natural, lúdica e adequada à sua faixa etária;
- que busque que a leitura seja incentivada de forma precoce em contextos familiares;
- que entenda que a leitura é um hábito em construção ao longo da vida;
- que selecione livros com textos bem elaborados e belas ilustrações, livros de autores nacionais e estrangeiros, obras de um mesmo autor e/ou que fazem parte de uma mesma coleção (Pode ser um excelente critério de escolha tanto para a leitura do professor, como para a leitura autónoma dos alunos, para que possam, assim, ampliar suas referências literárias, e, portanto, aprender a ler, gostar de ler e precisar da leitura nos mais variados contextos de sua vida pessoal e académica. Nesse sentido, é fundamental a parceria entre os professores e o bibliotecário escolar, pois a seleção dos textos passa pela seleção do acervo da biblioteca, que deve ser uma atividade constante e conjunta de tais profissionais, visando despertar o gosto pela leitura);
- que aceite que o aluno não somente poderá participar das atividades desenvolvidas pela escola, como também terá a liberdade de escolha;
- que o bibliotecário escolar, como mediador, deve estar inserido na comunidade escolar, conhecer e participar das propostas curriculares e fazer da biblioteca um espaço integrado a escola, proporcionando momentos de descoberta, alegria, criatividade, reflexões, debates, questionamentos, aprendizagem e prazer, entre outros;
- que são várias as atividades que podem ser desenvolvidas para incentivar a leitura, como: hora do conto, exposições, concursos literários, oficinas de leitura, murais informativos, feiras de livros, leitura & arte na biblioteca, formação de contadores de história, divulgação do acervo (pelo bibliotecário e por alunos), divulgação de leitura, divulgação de lançamentos de editoras,

história da escola ou do bairro, debate sobre autores e livros, varal de poesias, entre outros.

A instrumentalização da leitura, através das obras obrigatórias nas disciplinas, poderá contribuir para a vontade de não ler?

Na prática, e para se definirem as opções literárias de um leitor, concorre, acima de tudo, o contexto familiar e o contato, muito precoce, continuado e variado com os livros, estimulado por professores e educadores, e também é aqui que as bibliotecas escolares e a figura do Professor Bibliotecário ganham protagonismo, para que os jovens e adolescentes consigam ler e estabelecer uma ligação dinâmica e duradoura com o que é lido. Na essência, é uma questão de gosto.

No entanto, concordo que este gosto pode ser (des)estimulado pelo grupo onde se insere o leitor, pela orientação que recebe, pelas opções que lhe são oferecidas no seu contexto social, cultural e acadêmico, pela maturidade que adquiriu em função da faixa etária onde se posiciona. Parece-me crucial, que a opção por um livro ou por outro (gênero literário) é muito influenciada por algo pouco tangível: a circunstância pessoal do leitor, porque a leitura reflete um estado de espírito, e o importante na leitura é a atribuição do significado ao que se lê. Assim se vão formando os gostos literários. Discutíveis? Não! As leituras acompanham ciclos das nossas vidas, onde se inserem vontades, prazeres, turbulências, apaziguamentos, ceticismos...

Mais do que refletir acerca da essência do gosto literário, o desafio central lançado também ao Professor Bibliotecário é fomentá-lo e promover a leitura (Bastos, 2009).

Ao observar o seu público-alvo delineia um conjunto de estratégias, concluindo-se que aquelas que têm um impacto mais positivo se relacionam com a temática abordada, preferindo-se a ficção, onde há personagens de heróis estereotipados que geram empatia com o leitor; narrativas contadas para um grupo em voz alta e por uma personagem masculina/feminina que possa gerar empatia ou cuja vida social e profissional seja, de alguma forma meritosa. Ou seja, na prática traduz-se em proporcionar oportunidades de leitura.

Obviamente que uma biblioteca escolar devidamente apetrechada, quer com equipamento informático quer com títulos de coleções de clássicos e atuais, dinamizadora de um conjunto de atividades com um teor mais prático que consiga envolver a comunidade extramuros escolares, será muito mais apelativa a qualquer jovem, independentemente do gênero. Ter um Professor Bibliotecário persistente fará toda a

diferença na sua dinamização e no seu resultado. De acordo com Silva e Filipe (2008, p. 2):

Integrar a biblioteca nas práticas lectivas, articulando-a com o currículo e colocando-a ao serviço do processo formativo e das aprendizagens dos alunos é o grande passo em frente que se espera das bibliotecas escolares neste momento em que estão já resolvidas questões como o espaço e os recursos e se perspectiva a existência de recursos humanos em número suficiente a partir do próximo ano.

Um dos principais papéis da escola é, portanto, formar leitores competentes. Sequeiros, parafraseado por Virgínia Coutinho e Fernando Azevedo, diz-nos que se uma criança for uma fraca leitora, esse é um facto que pode levá-la, na idade adulta, à exclusão social. Nestas intersecções, que papel poderá desempenhar um PB? Construindo, executando e avaliando o currículo escolar fundamentado na leitura e literatura, e com o envolvimento de toda a comunidade escolar, pois na ótica de Azevedo (2011, p. 9):

o currículo torna-se um elemento propiciador de aprendizagens efectivas, na medida em que um modelo de ensino-aprendizagem alicerçado na leitura e literatura dá aos alunos «a possibilidade de ler múltiplos livros e de os partilhar, buscando informação sempre que tal se revele necessário, desenvolvendo o seu raciocínio crítico em função de situações reais e concretas.

Sendo assim, é fundamental apostar também na formação de professores e educadores que saibam reconhecer o texto de literatura infantil e juvenil como um veículo para o conhecimento/aprendizagem da cultura literária e da própria complexidade do ser humano e que sejam capazes de problematizar e intervir em situações pedagógicas de forma crítica e construtiva.

Ao PB, compete, também, propiciar experiências enriquecedoras para a aprendizagem e motivação dos alunos para a leitura, mobilizando procedimentos e estratégias que vão ao encontro dos seus saberes, necessidades e gostos, a fim de promover um contacto proveitoso com os livros. Só assim se poderão formar leitores competentes, capazes de colaborar na construção do sentido do texto e de o ler criticamente. A BE deve estar obrigatoriamente integrada no Projeto Educativo de Escola, mas/e também criando formas próprias e autónomas de intervir na realidade escolar e no seu modelo de ensino e que, portanto, é assim que deve estar ambientada no contexto a escola.

Em paralelo, decorre uma outra necessidade: a de auxílio e orientação à pesquisa escolar, que deve contribuir para a construção e enriquecimento do conhecimento do indivíduo, através dos questionamentos gerados de acordo com que o aluno/estudante busca a informação, colmatando deficiências ou gaps na literacia da informação. Promover atividades por iniciativa própria ou articular-se com aquelas que são promovidas pelos departamentos escolares e entidades vivas das comunidades, cruzando aprendizagens, construindo conhecimentos, integrando o manuseamento consciente e construtivo das Tecnologias de Informação e Comunicação, em ambas as situações, são estes alguns dos desafios da Biblioteca Escolar contemporânea.

Para Valmira Perucchi (1999, p. 82):

Para que os objetivos da educação possam ser atingidos, é necessário que os meios utilizados sejam compatíveis e eficazes. Portanto, entre os diversos recursos educativos encontra-se a biblioteca, considerada um recurso indispensável para o desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem e formação do educando/educador. A biblioteca é como uma escola, e o bibliotecário é, no mais alto sentido um professor e o usuário é um leitor entre livros como um trabalhador entre suas ferramentas.

A biblioteca, entendida como apoio e extensão de toda a ação pedagógica, deve ser capaz de: desenvolver programas de aproximação com seus utilizadores; oferecendo um ambiente adequado e agradável à formação e o desenvolvimento de hábitos de leitura, pesquisa, estudo e recreação; dar suporte para a ampliação e atualização de conhecimentos, tanto de educandos como de professores e funcionários, visto que é fonte de cultura e de informação; oferecer materiais necessários para a implementação e difusão dos mesmos no processo educacional.

Para Ilda Medeiros (2014, p. 73), na prática académica quotidiana, todo o trabalho desenvolvido em contexto de sala de aula é ampliado quando se estabelece uma relação simbiótica com a Biblioteca Escolar, exemplificando atividades de:

- descoberta do espaço e do livro: esta atividade é mais indicada para as crianças mais pequenas que vão iniciar as suas visitas à biblioteca, pois necessitam aprender a conhecê-la e a saber utilizá-la;
- animação do livro e da leitura: são atividades que visam a apresentação de livros de forma diversa através de um mediador. O trabalho de animação e de promoção da leitura deve ser sistemático e diversificado, para que os alunos se tornem leitores habituais;

- articulação do livro e da leitura com várias áreas: são atividades relacionadas com o visionamento de filmes baseados em livros, a realização de debates, conferências, exposições e iniciativas de natureza cultural que possam ser dinamizadas através da biblioteca;
- leitura individual e em pequenos grupos: são atividades de leitura realizadas sem o apoio de um mediador, o aluno vai à biblioteca para estar sozinho a ler um livro ou em grupos muito restritos, para realizar um trabalho de pesquisa, para estudar ou apenas para gozar de um momento de leitura.

1.3 O Clube de Leitura na Promoção da Leitura

Nas orientações do projeto aLeR+, de 2007, constam as diretrizes para fomentar e apoiar atividades que promovam o gosto e o prazer de ler em várias situações da vida escolar, onde se assume que a escola reconhece a importância de construir uma cultura integrada de leitura. Com o intuito de criar e implementar uma cultura de escola, onde se imagina que os gostos literários dos alunos são tema assíduo de conversa, que as sugestões e as partilhas de propostas literárias são uma constante, entende-se que o ponto de partida de qualquer iniciativa que venha a ter um impacto verdadeiramente importante no desenvolvimento da leitura, requer o empenho de toda a escola, como o indicado no documento *aLeR+ Orientações* (2007, p. 5), «é possível imaginar que a escola é uma espécie de clube de leitura, em que os sócios são todos os que nela se integram.»

Durante algum tempo, associou-se o surgimento dos clubes de leitura mais à comercialização de livros do que à promoção da leitura e na formação de leitores e de profissionais que possam conduzir pessoas ao mundo da leitura. Cremos que esta perceção, há muito, foi abandonada, como refere Luís Filipe Barbeiro e Maria José Gamboa (2014, p. 6):

Distinguem-se dos modos mais tradicionais de promoção da leitura, por favorecerem e diversificarem oportunidades de interação entre alunos/participantes a partir da leitura de livros. Centram-se na diversificação de modos de encontro e de participação com uma multiplicidade de textos e variedade de suportes, facilitadores de uma construção pessoal e coletiva de significados por parte de participantes, membros de uma comunidade de leitores, através do domínio progressivo dos mecanismos utilizados na construção dos textos.

A título de exemplo, o Ministério dos Negócios Estrangeiros, pelo Instituto Camões da Cooperação e da Língua, em colaboração com o Plano Nacional de Leitura, reconhece nos clubes de leitura um veículo de excelência para a difusão da língua e da cultura portuguesas, à sua literatura e às literaturas que se expressam em português, através de ações de incentivo à leitura de obras de autores nativos ou de língua portuguesa, em 2013.

Não se relacionando especificamente com o contexto da nossa dissertação, porém interessa-nos sublinhar que a respetiva comissão tenha considerado como uma das estratégias para a promoção da leitura a organização de clubes de leitura, que proporcionassem momentos de leitura entre pares, trocas de livros e debates sobre os autores e livros lidos (em espaços da escola como, por exemplo, as bibliotecas escolares).

Na essência, criar um clube de leitura é criar um ambiente de leitura - um ambiente de leitura é aquele no qual os livros são lidos – às vezes em silêncio, às vezes em voz alta, de forma individual ou de modo partilhado, dialogado. É um lugar onde os leitores podem ler sozinhos ou com amigos, partilhando a (in)satisfação da leitura, o impacto que a mesma teve em si próprio, discutindo os livros e reagindo de modos diferentes; está voltado para a leitura, análise e discussão.

Como referiu Bortolin (2011, p. 7) «Clube de leitura é toda iniciativa de um grupo de leitores experientes ou iniciantes, tendo como característica básica a realização de reuniões periódicas, presenciais ou virtuais, com a finalidade de ler e discutir determinado texto/livro, em sua maioria, literários.»

Mas como angariar membros para um clube de leitura, quando este pode ser associado, a priori, com imposição, aborrecimento e execução de tarefas (mais escolares)?

A intenção do clube de leitura não é somente propor leitura, mas compartilhar experiências de diversas narrativas, procurando valorizar a leitura dos que já a assumem como uma atividade comum na sua prática diária e estudantil e proporcionar condições para os que ainda não leem com frequência. O clube de leitura acaba por valorizar a biblioteca da escola, desafiando os jovens a conhecer seu acervo literário, encontrando novas possibilidades de leituras, com a consciência de que o investimento do seu tempo em contato com o livro, com a literatura e com a biblioteca são manifestamente importantes para o seu sucesso individual enquanto aluno e enquanto pessoa.

Para Fernando Azevedo e Jorge Martins (2011, p. 3):

Daqui decorre que a escola tem necessidade imperiosa de encontrar nos seus profissionais e nas suas formas de organização e de operacionalização dos curricula meios para proporcionar aos alunos o desenvolvimento de uma série de competências: o ser capaz de ler, compreender e interpretar textos, o ser capaz de, reflexivamente, construir o próprio conhecimento, o ser capaz de exercitar, com proficiência, uma palavra autónoma, numa multiplicidade de contextos de ocorrência, de modo a poder responder aos desafios de uma sociedade que, a todos os títulos, se apresenta cada vez mais complexa, sofisticada e exigente.

Pessoalmente, cremos que o clube, acima de tudo, deve proporcionar a liberdade de escolha do leitor (até para diferenciar do rigor existente na sala de aula). Além da leitura, o clube pode proporcionar ao leitor o contato com diversas atividades, narrativas e géneros literários, como o teatro, a música, o cinema, e outras que direta e/ou indiretamente promovam a literatura.

Luís Filipe Barreto e Maria José Gâmbôa (2011, p. 217) baseando-se em diferentes autores sublinham que:

Os clubes de leitura surgem como dispositivos particularmente fecundos para o desenvolvimento de práticas leitoras, constituindo-se como um modo de alargar potencialidades, face à leitura escolar ou à circunscrição da leitura à esfera individual. Clubes de leitura, círculos de leitura e grupos de leitura são algumas formas de nomear espaços de leitura e de discussão e construção individual e coletiva de significados em torno de livros.

Todavia, urge considerar uma outra questão, a de como atrair os que não leem e não encontram na leitura algo de motivante para frequentarem o clube de leitura, sob pena deste acentuar a clivagem entre os que já leem (e, como tal, com outra dinâmica de vocabulário, sensibilidade, articulação de ideias, possuidores de uma cultura literária vastas) e os que não leem?

Neste emaranhado de circunstâncias, consideramos que a proximidade e a cumplicidade entre o Professor Bibliotecário, o docente da disciplina de Português e o mediador da leitura serão fatores decisivos no alargamento do clube de leitura a diversos públicos, levando em consideração que para que esse encontro com a cultura escrita se construa ao longo do percurso académico e se enraíze como prática vivencial, é fundamental criar condições para que a leitura seja perspectivada como prática contextualizada, considerando os circunstâncias do leitor.

E os públicos divergentes deverão coexistir, para que os seus membros e utilizadores de possam influenciar e fazer da leitura e do acesso à literatura uma fórmula

de socialização ou, em alternativa, proporcionar experiências literárias diferenciadas, mesmo em tempos cronológicos, para que uns não melindrem os outros?

Creemos que ambas as soluções são passíveis de serem aplicadas, mediante o público-leitor que dispomos, porque possuir a capacidade de ler e de adquirir informação não se traduz necessariamente no gosto de ler, pois e na ótica de Luís Filipe Barbeiro e Maria José Gâmbôa (2014, p. 9) «é fundamental reconhecer a importância de ancorar a construção do percurso leitor numa rede de gestos pedagógicos e didáticos que ajudem o aprendiz leitor a não enfrentar sozinho as complexidades linguísticas, semióticas, culturais dos textos em que se move».

Nesse sentido, a proposta da criação e gestão de um clube de leitura, com a presença do mediador, é uma iniciativa que poderá contribuir tanto para a iniciação e formação de leitores, quanto para alargar o contato desses alunos com o livro e a literatura.

De acordo com os autores do documento intitulado *Leitura – Guião de Implementação do Programa* (2009, p. 38), e baseando-se em Cerrillo (2006) o mediador:

é alguém que funciona como ponte ou elo de ligação entre os livros e os leitores, propiciando e facilitando o encontro, a descoberta e o diálogo entre ambos. Cumpre o papel de primeiro receptor ou de receptor intermédio do texto e tem o poder de declarar quais são os livros bons para serem lidos. Tem como principais funções: criar e incentivar hábitos de leitura, seduzir os leitores, facilitar a tarefa de compreender, orientar a leitura, seleccionar ou ajudar a seleccionar os livros adequados ao leitor ou leitores, preparar, implementar e avaliar projectos de animação da leitura e de promoção/divulgação do livro.

Todavia, e perante as exigências supra referenciadas, há que se delinear um determinado perfil para aquele que se funde, em muitos aspetos, com o concebido para o Professor Bibliotecário. Os mesmos autores conceptualizam o primeiro, mantendo-se na senda de Cerrillo, considerando que o mediador deverá apresentar:

- um índice de leitura que lhe permita ser considerado um leitor habitual, e que desta prática sobressaia o gosto pela leitura;
- a habilidade de partilhar e transmitir o gosto pela leitura;
- o domínio de conhecimentos acerca do grupo com o qual irá desenvolver as actividades de promoção da leitura, para que possa promover o enraizamento e a cristalização dos hábitos de leitura, mantendo-se neutro face aos gostos de cada um dos membros do grupo, embora deva ir apresentando outras alternativas literárias para que os seus membros possam evoluir e engrandecer;

- a capacidade de redescobrir formas e alternativas de promover o gosto pela leitura com imaginação e criatividade;
- a crença de que a sua tarefa, enquanto mediador, poderá não apresentar resultados imediatos, sendo que o gosto pela leitura não é uma constante, mesmo para um leitor assíduo, mas que exige capacidade de reinvenção, persistência e responsabilidade;
- a consciência de que a mediação da leitura é uma tarefa que exige autorreflexão e, conseqüentemente, envolve a necessidade de renovação, reciclagem e continuidade de aprendizagem em várias áreas da literatura.

Com a definição do perfil ideal do mediador da leitura, Encarnação Silva *et al.* (2009, p. 39) apontam que «todos os mediadores são importantes, mas parece-nos que o professor é o mediador por excelência, embora se deva salientar que o papel de mediador é apenas um dos papéis que o professor desempenha no processo de formação de leitores.»

Os clubes de leitura estão associados não só ao desenvolvimento de competências de leitura, como à intensificação de práticas leitoras e à promoção do desejo de ler, decorrentes do alargamento de oportunidades de ler, escrever e discutir sobre os livros, estabelecendo-se uma relação simbiótica entre todos os seus membros, onde a reflexão, a discussão e a partilha ganham nova dimensão, a social. Para Barbeiro e Gamboa (2014, p. 7):

Assim, estas reuniões de leitores, comumente denominadas clubes de leitura, estão associadas não só ao desenvolvimento de competências de leitura, como à intensificação de práticas leitoras e à promoção do desejo de ler, decorrentes do alargamento de oportunidades de ler, escrever e discutir sobre os livros.

O clube de leitura surge como um lugar de aprendizagem e apreciação da leitura privilegiado no contexto escolar, fecundo no desenvolvimento da competência e prática leitora, pois a escola delimita frequentemente o discurso sobre os livros e as leituras à aprendizagem escolar, na ótica dos autores atrás citados.

Para aqueles autores (2014, p. 2):

Assim, estas reuniões de leitores, comumente denominadas clubes de leitura, estão associadas não só ao desenvolvimento de competências de leitura, como à intensificação de práticas leitoras e à promoção do desejo de ler, decorrentes do alargamento de oportunidades de ler, escrever e discutir sobre os livros.

Para além do entendimento dos múltiplos valores da leitura, destaque-se a importância de:

- um professor que serve de modelo explícito de leitor - um mediador que cria condições de partilha das suas leituras e do prazer e valores associados a essas práticas;
- um ambiente rico em livros - a existência de uma diversidade de livros favorece a possibilidade de descoberta de objetos que vão ao encontro dos interesses dos alunos, alargando as práticas de leitura para além das que integram o currículo escolar, não perdendo de vista textos que funcionem como modelos de linguagem e de cultura;
- a possibilidade de escolha - poder escolher favorece a construção de um percurso leitor progressivamente autónomo, desenvolvendo uma motivação intrínseca para ler, dimensão que naturalmente decorre da diversidade de livros disponíveis para escolher;
- alargamento das possibilidades de interação social com os outros - ler em voz alta, pensar através da escrita e realizar discussões informais em torno dos livros realizadas com os pares - favorecem a escolha dos alunos e motivam a ler, por permitirem, também, conhecer, com os outros, os mecanismos linguísticos, semióticos e discursivos utilizados na construção dos textos;
- possibilidade de os leitores se familiarizarem com os livros a ler - ler é uma prática influenciada pelos conhecimentos que os leitores têm sobre que os outros dizem relativamente aos livros de que gostaram;
- existência de recompensas associadas à leitura - incentivos externos, como prémios parecem influenciar o desejo de ler, ainda que não constituam a principal fonte de motivação leitora.

Um clube de leitura é um espaço de estreitamento da relação de um leitor/aspirante a lê-lo com o livro, onde, preferencialmente, lhe sejam colocados à disposição uns que não estejam no seu tradicional âmbito de escolha, pois só assim lhe será possível alargar o seu campo de escolha e despertar novos gostos literários, transcendendo o seu círculo delimitado de opções, promovendo o alargamento do círculo de leitura. Luís Barbeiro *em Alargar o círculo da leitura por meio da escrita de comentários na página interativa* considera que o Clube de leitura, de facto, é geralmente formado por um “grupo de

peças que realizam individualmente a leitura de um mesmo livro e que, sob a coordenação de um dinamizador, se reúnem ‘periódicamente para comentar, valorar a obra e intercambiar sus impressões.’ (Red de Bibliotecas Públicas Castilla-La Mancha, s.d.)” (Barbeiro & Gamboa, 2014).

Aquele mesmo autor elenca um conjunto de predicados que validam e valorizam a existência de um Clube de Leitura, também no tocante à experiência social que este promove, sob o pretexto de uma leitura:

- a interação com os outros potencia a redescoberta do livro, a partir das leituras realizadas pelos outros participantes;
- o sujeito, além de leitor, torna-se conhecido, colega, companheiro, amigo, fomentando-se o sentido de pertença a uma comunidade de leitores;
- o espaço de fruição alarga-se, assim, à participação e ao relacionamento ou convívio que proporciona;
- alarga, ainda, o próprio objeto da leitura, criando aos participantes o pretexto para que possa sair das suas escolhas pessoais para ser conquistado e enriquecido por outras opções, ou, em alternativa, encontrar nestas um espaço para desenvolver o seu espírito crítico e acutilância literária;
- o estreitamento da relação com a leitura nas escolas encontra na criação de clubes de leitura um espaço de enriquecimento, de patamar para outras leituras, a que não fica alheia a aprendizagem, mas em que esta não fica parametrizada a um conjunto de conhecimentos a adquirir sobre obras.

Finalizamos este conjunto de perspectivas sobre as potencialidades dos Clubes de Leitura recordando as observações de Barbeiro e Gamboa (2014, p. 11):

Nesta ordem de ideias, os clubes de leitura, porque assentes numa organização informal de aprendizagens cognitivas, linguísticas, afectivas, culturais e sociais feitas em torno de livros, através de práticas linguísticas realizadas numa comunidade de aprendizagens, surgem como dispositivos particularmente fecundos para a construção de comunidades de leitores, de escritores e de pensadores críticos que não confinam a sua relação com cultura escrita ao tempo e espaços escolares.

2. A Rede Regional de Bibliotecas Escolares

2.1 A criação da Rede Regional de Bibliotecas Escolares

A criação da Rede Regional de Bibliotecas Escolares, no âmbito da Resolução do Conselho do Governo n.º 82/2011, de 6 de junho de 2011, visou a promoção do desenvolvimento das bibliotecas sediadas nas escolas públicas da Região Autónoma dos Açores, disponibilizando apoio ao nível da gestão e animação das referidas bibliotecas. Pretendeu-se, deste modo, que a biblioteca escolar se tornasse parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento das práticas educativas, e não um mero local de trabalho e ou de armazenamento de recursos.

A Rede Regional de Bibliotecas Escolares (RRBE) priorizou a necessidade de facultar formação aos coordenadores de biblioteca e assistentes operacionais a ela ligados, assegurando a catalogação dos acervos, harmonizando procedimentos, promovendo dinâmicas de leitura e construção de parcerias com as bibliotecas municipais e públicas, fortalecendo-se nos coordenadores de biblioteca que asseguram, nas escolas, o funcionamento das bibliotecas e que planeiam atividades em função do público escolar a que se dirigem, tendo em conta a articulação com o currículo e a abertura à comunidade envolvente, visando o desenvolvimento da literacia e a criação de comunidades de leitores, contribuindo assim para a construção da cidadania.

Desde a aprovação da legislação que a legitima, a RRBE tem vindo a desenvolver um trabalho cooperativo com as bibliotecas escolares de todas as unidades orgânicas dos Açores, no sentido de cumprir o objetivo de se firmar através de parcerias estabelecidas com as instituições locais de âmbito cultural e associativo e do envolvimento ativo das famílias e outros interlocutores, assim como implementar atividades promotoras de leitura.

Segundo a anterior coordenadora, Ana Isabel Serpa, em artigo publicado na *Revista de Cultura* (dezembro de 2016), o surgimento da RRBE atenuou o problema da descontinuidade do território açoriano, o que, por si, acentua ainda mais isolamento do arquipélago, donde emergia a imperiosa necessidade de trabalhar em rede, partilhar projetos, angústias, ideias novas, recursos ou documentos de natureza vária, através do catálogo coletivo das bibliotecas escolares dos Açores.

Legislação, manuscritos, teorias e estratégias abundam relativamente às Bibliotecas Escolares e à promoção do seu sucesso, no entanto, a realidade ainda espelha algo longínquo face ao idealizado. O relatório da Rede Regional de Bibliotecas de 2013 apresenta cruamente o panorama regional dos Açores no que toca à desvalorização destas na promoção do sucesso escolar dos alunos.

A Região Autónoma dos Açores dispunha de uma cobertura efetiva ao nível das bibliotecas escolares, embora fosse ainda necessário fazer alguns esforços no que se reporta ao acervo e dinamização dos espaços, implicando toda a comunidade escolar, de forma a que a biblioteca se tornasse um lugar-chave no processo de ensino-aprendizagem.

A maioria das escolas – oitenta e um por cento – considerava que era necessário que se promovesse formação específica, o que indiciava já uma preocupação evidente com a necessidade de se dinamizar a biblioteca, transformando-a num espaço vivo, mas também de se proceder à catalogação do acervo, para que se pudesse servir a comunidade escolar de forma mais eficaz. Esta preocupação com a catalogação traduzia, também, a vontade de se pensar as aquisições e compreender as necessidades, otimizando os recursos existentes, sem que houvesse uma verdadeira implicação dos professores e da restante comunidade escolar.

Assim, era manifesta a necessidade de se promover formação junto dos professores e incentivá-los para que a biblioteca se tornasse um espaço de acesso ao saber e de promoção da leitura e da pesquisa. No entanto, outra falha subsistia: apenas uma escola referia a existência de um coordenador, embora sem formação nem horário para desempenhar esta função.

Em sequência deste panorama e no artigo atrás referido, Ana Isabel Serpa demonstrou a consciência do muito que era necessário recuperar na RAA, em termos de bibliotecas escolares, persistindo muitos desafios a enfrentar: a formação especializada dos coordenadores das bibliotecas (futuros Professores Bibliotecários), e da própria equipa coordenativa da Rede; a necessidade de aumentar a verba afeta às bibliotecas escolares no seio de cada uma das unidades orgânicas; a necessidade de dotar as bibliotecas escolares de equipamento informático e de um acervo mais atualizados; a necessidade de formação contínua para os assistentes operacionais afetos às bibliotecas.

A todas estas questões, acresciam os constrangimentos físicos intrínsecos aos espaços nos quais funcionavam as bibliotecas, muito aquém do manual de instalações de bibliotecas a nível nacional, que obriga a que as diferentes zonas de funcionamento da

biblioteca tenham determinadas dimensões, tendo em conta o rácio dos alunos que a frequentam.

Aquela coordenadora, em linha com o que já fora feito ao abrigo do concetualizado pelo programa nacional da rede de bibliotecas, pretendeu transformar as bibliotecas em espaços ativos, modernizados, frequentados pelos alunos, professores e demais comunidade educativa, particularmente as famílias, não de forma esporádica, mas frequente, tendo, necessariamente de reverter o foco da biblioteca escolar para um espaço de múltiplas funções, quer seja para aceder ao acervo documental, para ministrar/assistir a aulas e a conferências, aceder a revistas *online* ou não, fazer uma apresentação oral, usar novas aplicações para dispositivos móveis e novas ferramentas digitais ao dispor de todos.

Com Planos Anuais de Atividades alicerçados em 4 domínios² (o da articulação da Biblioteca Escolar com o currículo e com os docentes; o da literacia da leitura, dos média e da informação; o da gestão da biblioteca e as técnicas de *merchandising* de que ela se socorre para construir a sua imagem e a sua identidade digital; dos projetos e parcerias com outras instituições, empresas ou organizações), gradualmente foram-se complexificando e substituindo datas temáticas avulsas pelo desenvolvimento de projetos que a médio prazo foram dando resultados. As ações de melhoria, fruto da consciência da qualidade, ou falta dela, do que fora colocado, ainda que experimentalmente, constituíram-se a alavanca para a evolução.

Paralelamente, a equipa teve em trabalho de campo dois professores a implementar projetos de leitura no 1.º ciclo, envolvendo milhares de alunos em todo o Arquipélago, e, via *Skype* ou *TeamViewer*, outro membro da equipa, da área de Informática, desenvolveu ações de formação para manuseamento do novo software para as bibliotecas escolares – o *Koha* –, que permitiria elaborar o primeiro catálogo coletivo das Bibliotecas Escolares de toda a Região.

A equipa da RRBE, à semelhança da equipa da Rede de Bibliotecas Escolares, em Lisboa, foi formada por quatro professores, a maioria deles com uma forte experiência ligada às bibliotecas escolares, com formação ou com competências informáticas elevadas, que permitiram ao programa crescer a vários níveis e para bem do utilizador num curto período de tempo. Segundo a antiga coordenadora, em entrevista a Patrícia Carreiro, em 2017:

² Neste aspeto, bem como noutros, a RRBE colhe inspiração nas orientações já existentes na Rede de Bibliotecas Escolares no continente, e que estão espelhadas no MABE (2011, 2014, 2018).

As bibliotecas congregam o ensino, as memórias e a nossa memória em vários suportes. Não são uma sala de aula. São espaços de civilidade, socialização, saber falar, saber ouvir, fazer escolhas por um determinado autor, espaço de discussão e tertúlia. Em termos concretos, um aluno que não lê não tem cultura nem sabe escrever corretamente. Mas as bibliotecas ultrapassam todo esse sentido de pragmatismo e vão mais longe na formação global dos seus utilizadores.

Tendo em conta que a instalação da Rede Regional de Bibliotecas Escolares é um processo gradual e que as bibliotecas escolares se deviam organizar de modo eficiente, de acordo com princípios normalizadores das bibliotecas escolares já existentes no todo nacional, optou-se, numa primeira etapa, por implementar na Região Autónoma dos Açores, nos anos letivos 2015-2016 e 2016-2017, uma experiência-piloto com quatro bibliotecas de escolas situadas em diferentes pontos do arquipélago.

Assim, conforme o estipulado no Despacho n.º 1409/2015, de 25 de junho de 2015, foram selecionadas para esta experiência as bibliotecas escolares da Escola Básica Integrada da Maia, na cidade da Ribeira Grande, São Miguel; da Escola Básica Integrada Francisco Ornelas da Câmara, na cidade da Praia da Vitória, Terceira, da Escola Secundária Manuel de Arriaga, na cidade da Horta, Faial, e da Escola Secundária Domingos Rebelo, Ponta Delgada, São Miguel, sob a ainda coordenação de Ana Isabel Serpa.

Pretendeu-se, com esta experiência, acima de tudo, fazer com que a Região Autónoma dos Açores recuperasse, em poucos anos, o imenso atraso que tinha relativamente ao território nacional no que concernia à revitalização e valorização das Bibliotecas Escolares.

Assim, introduziram-se mecanismos de diagnose, avaliação e concretização de ações de melhoria, mediante evidências objetivas, traduzidas em relatórios estatísticos e na sua análise. Além da necessidade de avaliar, a RRBE pretende desenvolver as competências que estão consagradas no referencial *Aprender com a Biblioteca Escolar* (2012) e formar os profissionais que nela trabalham, sejam os docentes, sejam os assistentes operacionais.

Cabia aos coordenadores das BE das escolas supramencionadas:

- trabalhar de forma estreita com a Rede Regional de Bibliotecas Escolares;
- questionar os órgãos da escola a que pertencem, alguns docentes, pais e alunos, de modo a conhecerem a visão que eles têm da sua biblioteca escolar

(estes dados são o ponto de partida para a elaboração do PAA/plano de melhoria);

- operacionalizar o registo diário dos alunos, de forma a obter números concretos da taxa de utilização da biblioteca escolar, a noção do tipo de tarefa nela concretizada, bem como o espaço utilizado para esse fim;
- fazer formação creditada e não creditada;
- proceder à formação de utilizadores, mediante a disponibilização de guias do utilizador, de guias dos serviços de apoio ao leitor, do kardex, de rotinas de abertura e fecho, de folha de controlo, de tabelas de empréstimos e devolução, de tutoriais e de visitas guiadas, de atividades como a «caça ao tesouro» ou o «bibliopaper»;
- redigir o regimento da BE;
- organizar manuais de procedimentos;
- construir a sua identidade digital através do sítio web, *Facebook* ou do blogue;
- planificar e organizar um manual relativo à Política de Gestão Documental da BE;
- organizar e catalogar o acervo;
- participar no Conselho Pedagógico, tendo por objetivo planificar um trabalho inter e transdisciplinar com as diversas áreas curriculares, em sintonia com o Projeto Educativo da Escola e com o «ProSucesso»;
- dinamizar boas práticas de promoção da leitura junto do público escolar;
- organizar processos eficientes de itinerância dos livros, principalmente no que respeita às escolas do primeiro ciclo;
- desenvolver competências de literacia da leitura, dos média e da informação.

A apresentação do programa Rede Regional de Bibliotecas Escolares dos Açores visou (visa) melhorar o desenvolvimento das bibliotecas dos estabelecimentos de ensino público do arquipélago, proporcionando-lhes a oportunidade de formação dos recursos humanos e dotando-as de mais recursos materiais.

Por decisão do Secretário Regional da Educação e Cultura, Avelino de Freitas Menezes, a Rede Regional de Bibliotecas Escolares dos Açores, no ano letivo de 2017/2018, abrangeu dez das quarenta unidades orgânicas do sistema de ensino, com candidaturas à RRBE (anexo I).

Com aquela medida, que é operacionalizada pela Direção Regional da Educação e pela coordenação da RRBEA., o programa das bibliotecas escolares, que integrou nos últimos dois anos letivos, como projeto piloto, quatro unidades orgânicas das ilhas de São Miguel, Terceira e Faial, abrangeu agora cerca de 10.500 alunos, com a inclusão de unidades orgânicas das ilhas Pico, Terceira e de Santa Maria, reconhecendo-se, por um lado a excelência e a utilidade do trabalho feito e a necessidade e urgência do mesmo se alargar ao arquipélago, deixando-se de privilegiar a ilha de São Miguel, embora desta ilha se tivessem integrado a Escola Básica Integrada de Água de Pau, Escola Básica Integrada de Ribeira Grande e Escola Secundária das Laranjeiras.

Em 2018-2019, outras Unidades Orgânicas entraram, após apreciação de candidatura (anexo I), em EPI (Escola em Processo de Integração), nomeadamente, a Escola Básica Integrada Canto da Maia, a Escola Básica e Secundária do Nordeste (ambas na ilha de São Miguel), a Escola Básica e Secundária Tomás de Borba, a Escola Básica Integrada de Angra do Heroísmo (ilha Terceira) e a Escola Básica e Secundária das Velas (ilha de São Jorge).

Todo este processo tem visado, acima de tudo, contribuir para um efetivo desenvolvimento das bibliotecas escolares pelo investimento nas literacias da informação, da leitura e dos média, prioritárias no Plano Integrado de Promoção do Sucesso Escolar - ProSucesso.

2.2 Projetos de Promoção da Leitura da RRBE

Projeto Ler+

Simultaneamente, a própria equipa coordenativa da RRBE delineou, promoveu e implementou os seus projetos de promoção da leitura em colaboração com os Coordenadores das Bibliotecas Escolares, numa primeira fase apenas na ilha de São Miguel. Destacamos a dinamização do projeto Ler+, no primeiro ciclo, mais especificamente junto dos alunos de segundo ano de escolaridade, dos docentes e das famílias, no sentido de desenvolver o gosto pela leitura e de aumentar a compreensão leitora.

No ano letivo 2015-2016, a RRBE privilegiou o 2.º ano de escolaridade das Escolas Básicas de 1.º ciclo de cinco Unidades Orgânicas (num total de 700 alunos) da

ilha de São Miguel, alargando-se, atualmente, a outras Unidades Orgânicas dentro e fora da ilha de São Miguel.

O projeto, que ainda se mantém, alargando-se a mais de dez mil alunos, já extrapolando o espaço físico da ilha de São Miguel, tem como finalidade desenvolver as competências previstas no programa regional de combate ao insucesso escolar denominado de *ProSsucesso*, no *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico* e no *Referencial Aprender com a Biblioteca Escolar*.

São os seguintes, os objetivos gerais deste projeto.

1. Desenvolver os domínios da leitura, da escrita e da oralidade;
2. Interpretar textos orais e escritos, de expressão literária e não literária, de modalidades gradualmente mais complexas;
3. Usar fluentemente a língua, mobilizando recursos verbais e não-verbais;
4. Adquirir os processos que permitem a decodificação do texto escrito, com vista a uma leitura individual fluente;
5. Treinar a capacidade de adequar formas de escrita a diferentes situações de comunicação;
6. Construir sentidos a partir da leitura de livros e outros textos multimodais (áudio, vídeo e multimédia);
7. Relatar experiências de leitura, exprimindo sentimentos e emitindo opiniões.
8. Adquirir, progressivamente, hábitos de leitura;
9. Sensibilizar as famílias para a importância da leitura;
10. Fomentar práticas de avaliação formativa e de autoavaliação das leituras realizadas;
11. articular a leitura com outras dimensões comunicativas, o trabalho individual com o coletivo e a atividade da aula com a pesquisa;
12. alargar as formas de circulação social dos trabalhos produzidos pelos alunos (na turma, na escola, nas redes sociais, no Portal da RRBE).

Os docentes que constituíram a equipa coordenadora da RRBE (2015-16) intervieram em vinte e quatro escolas do primeiro ciclo da ilha de São Miguel, tendo em vista realizar ações de promoção da leitura, com a duração de 60 minutos. Foram envolvidas trinta e sete turmas do segundo ano.

Toda a equipa coordenativa da RRBE (quatro docentes) dedicou-se à conceção e concretização das diversas sessões que conheceram as seguintes etapas:

1. Obtenção das obras literárias, por meio de pedido e de compra às editoras;
2. Idealização e elaboração de materiais, com diferentes graus de complexidade (textos, fichas de trabalho, gravações em áudio, pesquisa de filmes);
3. Dinamização das sessões de leitura, por meio de ateliês e oficinas;
4. Conceção e correção de dispositivos de avaliação diagnóstica e formativa de todas as sessões de leitura;
5. Captação de imagens em vídeo para realização de pequenos filmes a mostrar aos pais e a toda a comunidade educativa.

O projeto desenvolveu-se (ainda se mantendo nos mesmos moldes) em três vertentes essenciais:

I. Promoção de leitura no espaço da sala de aula

Um professor da equipa coordenativa da RRBE dinamizou sete sessões de leitura aos alunos do 1.º ciclo.

Aos 700 alunos do 1.º ciclo, foi e continua a ser entregue um *portefólio* para a colocação dos trabalhos realizados no âmbito da promoção da leitura da RRBE, sendo-lhes, igualmente, entregue o passaporte do leitor para preenchimento e carimbagem.

A RRBE, em articulação com a Porto Editora e a Paleta de Letras, organizou sessões de autor durante uma semana em várias escolas.

II. Promoção da leitura junto das famílias

Nalgumas escolas, houve, no início do ano letivo 2015-16, reuniões de pais com vista à explicitação do projeto promocional de leitura da RRBE, sendo que os materiais a conceber pela RRBE incluíram fichas de trabalho com atividades a realizar em casa.

Os pais e encarregados de educação foram convidados a assistir à última sessão de leitura, onde poderão apreciar as atividades realizadas pelos filhos e/ou educandos e adquirir, caso seja necessário, uma nova sensibilidade para a promoção da leitura em contexto familiar,

III. Promoção da leitura junto dos docentes

O professor titular de turma auxiliou o docente da RRBE a preparar a sala onde as ações irão ter lugar, bem como a organizar a mostra de trabalhos a expor na escola.

No II Encontro de Boas Práticas da Rede Regional de Bibliotecas Escolares, promovido pela RRBE (onde se partilharam experiências, dúvidas e frustrações, nos dias 03 e 04 de julho de 2018, permitindo-se um encontro de várias entidades transversais à sociedade açoriana, uma vez que acolheu instituições do sistema de ensino, mas também outras entidades que se têm envolvido na promoção da leitura e do ensino em geral), anunciou-se que o projeto Ler+ seria alargado, ao nível do 1.º Ciclo, a todas as ilhas dos Açores, na medida em que o mesmo tem contribuído para a promoção da leitura e, conseqüentemente, ao sucesso dos alunos açorianos, uma vez que, e de acordo com Gilberta Pavão, no Relatório Final acerca das qualificações académicas dos jovens açorianos já atrás referenciado:

Em termos globais, ainda que em menor número, os jovens são os mais qualificados, distanciando-se de modo significativo dos níveis de instrução detidos pelas gerações mais velhas, tanto no ensino básico, como secundário ou superior. Todavia, esta mudança não é suficiente para que os Açores deixem de ser a região do País, como da UE, com as mais baixas qualificações académicas. (2015, p. 128)

Considerou-se que as bibliotecas escolares constituem um modelo de referência em termos de atividades junto de alunos e professores, contribuindo para o Plano Integrado de Promoção do Sucesso Escolar (*ProSucesso*) nas unidades orgânicas escolares da Região.

Acresce que no ano letivo 2017-2018 integrou-se no projeto supracitado a primeira obra do PRL *Sou diferente, sou fantástico*, de Susana Teles Margarido, cuja temática aborda a diferença, a discriminação e a necessidade de aceitação do outro. Neste contexto, a autora fez um périplo pelas escolas que integram a RRBE, promovendo-se o contato entre o autor e a comunidade leitora.

Reconhecemos que este foi o primeiro passo efetivo para o reconhecimento do PRL numa escala alargada na região, pois há um trabalho concertado, consciencioso e agregador nas diversas Unidades Orgânicas.

Projeto Todos Juntos Podemos Ler

O projeto intitulado «Todos Juntos Podemos Ler» tem como objetivo principal a criação de bibliotecas inclusivas, capazes de proporcionar oportunidades de leitura para todos os alunos, dotando-as de recursos adequados, em formatos acessíveis destinados a alunos com necessidades educativas especiais. Visa, sobretudo, a promoção de uma cultura inclusiva, em que todos os alunos sejam capazes de partilhar leituras e materiais pedagógicos.

A Rede de Bibliotecas Escolares, no ano letivo 2011-2012, iniciou este projeto, em articulação com a Direção Geral de Serviços de Educação Especial e Apoios Socioeducativos e o PNL, com a designação de «Todos Juntos Podemos Ler».

No ano letivo 2015-2016, a RRBE decidiu implementar o projeto pela primeira vez nos Açores, tendo, para o efeito, sido selecionadas as seguintes unidades orgânicas: Escola Básica Integrada de Capelas, Escola Básica Integrada Roberto Ivens e Escola Básica Integrada da Ribeira Grande, em São Miguel. Estas escolas formalizaram a sua candidatura à Fundação Portugal Telecom (anexo II), que lhes concedeu equipamentos informáticos para serem utilizados nas atividades de promoção de leitura com os alunos portadores de necessidades educativas especiais. Estas três unidades orgânicas contaram, ainda, com o apoio financeiro da INSCO (Insular de Hipermercados, SA Comércio a retalho em supermercados e hipermercados) e da Fábrica de Chá Gorreana, o que lhes permitiu terem acesso a materiais necessários à concretização do projeto.

No ano letivo 2016-2017, as escolas que aderiram ao projeto «Todos Juntos Podemos Ler» foram a Escola Básica e Secundária Tomás de Borba, ilha Terceira, a Escola Básica Integrada de Arrifes e a Escola Básica e Secundária da Povoação, ambas na ilha de São Miguel e contaram com o apoio da Fundação Portugal Telecom, da INSCO e da empresa Expert (Valados).

Projeto Ler é Saudável

No início do ano letivo 2016/2017, o Secretário Regional da Educação e Cultura procedeu ao lançamento do projeto «Ler é saudável» que, como o nome indica, visa articular o desporto com a leitura de histórias, num projeto concebido e planificado pelas três direções regionais que compõem a Secretaria Regional da Educação e Cultura: a Direção Regional da Educação, a Direção Regional da Cultura e a Direção Regional do Desporto.

Este projeto resultou de um trabalho desenvolvido por pessoas com formação diversa, bem como do investimento financeiro e de recursos humanos que as três direções regionais conseguiram afetar a uma ação considerada meritória e articulada e que tem por objetivo ser aplicada em todas as ilhas dos Açores.

«Ler é saudável» é um projeto desenvolvido para ser implementado no 1.º ciclo do ensino básico, tendo como público-alvo os alunos de 3.º e 4.º anos de escolaridade.

Partiu-se da seleção de vários elementos desportivos, uns mais habituais e outros mais invulgares, e de uma ficha técnica explicitadora das características de cada elemento. Uma primeira componente inclui cinco elementos desportivos que implicam práticas desportivas também diferentes.

Numa segunda etapa, as fichas técnicas foram entregues aos escritores açorianos Victor Rui Soares, Ana Isabel Ferreira, Ângela Furtado-Brum, Cristina Quental, Mariana Magalhães e Regina Tristão da Cunha. Cada um dos escritores escolheu um elemento diferente do kit e inspirou-se nele para escrever a história.

Os heróis e as personagens, cuja faixa etária é coincidente com o público-alvo, integram os objetivos desportivos nas suas aventuras: a escada, que se torna mágica; os lenços, que geram jogos imparáveis; as crianças, que se surpreendem e entusiasma-se com o vórtex; um menino, que atrai os colegas, ensinando-lhes o jogo do rãguebi; os dois amigos, que, no ilhéu do Topo, falam das vantagens de saltar à corda. Tudo isto por meio de uma incursão de grande ensinamento ecológico.

Os escritores (alguns com obras que integram o PRL) são simultaneamente professores de vários graus de ensino, o que, segundo a antiga coordenadora da RRBE, os capacita de uma sensibilidade muito particular em relação ao mundo da infância, à linguagem e aos problemas que afetam a saúde das crianças, sobretudo os que se relacionam com os hábitos alimentares e os hábitos de vida.

Acompanha o livro um guião de leitura dos contos e um guião de leitura das ilustrações. Todos os guiões estão disponíveis no Portal da RRBE, de modo a que todos os professores do 1.º ciclo e os professores de Educação Física que lecionam no 1.º ciclo os possam utilizar.

O projeto pretende que a promoção da leitura seja uma corresponsabilidade de vários docentes, envolvendo-se, também, os de Educação Física, para que os livros sejam também vistos como objetos multifuncionais, pois o kit, cedido a todas as Unidades Orgânicas, é apenas um princípio e um meio. As experiências e as aprendizagens que ele fomentar irão ter o seu lado visível no recreio, no ginásio, na sala de aula, no jardim.

Projeto Ler Encantar Recordar

É o projeto mais recente da RRBE (lançado no ano letivo 2017/18), sendo direcionado para o ensino pré-escolar, aplicando-se, a título experimental, na Escola Básica Integrada Roberto Ivens, Ponta Delgada, São Miguel.

A docente que constitui a equipa coordenativa da RRBE percorreu as seis escolas da Unidade Orgânica atrás citada, tendo em vista realizar três ações de promoção da leitura, com a duração aproximada de 60 minutos, em cada turma, sendo que numa das sessões fez-se a promoção de uma das obras do PRL – *O coração de Luana*, de Vânia Leal Oliveira.

O projeto abrange duas vertentes, a promoção de leitura no espaço da sala de aula, feita por um dos membros da equipa da RRBE, e a promoção da leitura junto das famílias, sendo que aos alunos foi entregue um material específico, de acordo com uma das obras trabalhadas, para partilhar com a família, por forma a possibilitar o reconto da história.

3. O Plano Regional de Leitura

3.1 O PRL - Da conceptualização à avaliação

A produção literária não é um instrumento neutro, é uma demonstração particular, por parte de um escritor, de como se concebe o encontro com a cultura, num determinado contexto, que tipo de valores se pretende veicular e, conseqüentemente, que tipo de cidadão e de sociedade se pretende promover. Os valores sociais que veicula são a expressão da preocupação dos seus autores, assim como das editoras que os produzem e tornam públicas e das políticas educativas que os distinguem e implementam. No caso português, no Plano Nacional de Leitura e na leitura obrigatória nos programas de português e, regionalmente, no Plano Regional de Leitura da Região Autónoma dos Açores, contextualizado no Currículo Regional do Ensino Básico (CREB).

O PISA de dois mil e doze, um estudo internacional da responsabilidade da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico), que visa avaliar a capacidade que os alunos de quinze anos de diferentes países e economias têm para mobilizar conhecimentos nos domínios da matemática, da leitura e das ciências e responder a situações comuns da vida quotidiana, denunciou que os resultados alcançados por Portugal se situam abaixo da média da OCDE, próximos dos scores obtidos pela Hungria, Espanha e Luxemburgo, todos com pontuações médias de 488 pontos na literacia de Leitura. O resultado alcançado por Portugal no ciclo de 2012, embora registando apenas uma ligeira diferença, comparativamente com o ciclo de 2009, onde obteve 489 pontos, representa um desempenho inferior, se se considerar que em 2009 os resultados médios nacionais se encontravam na média da OCDE, sendo que o défice da leitura ocorre desde a infância até à população adulta.

Tendo consciência da discrepância dos estudantes portugueses face a outros tantos, já fora criado em 2006 o Plano Nacional de Leitura (PNL), com o objetivo central de elevar os níveis de literacia em Portugal, para que os mesmos acompanhem o nível dos parceiros europeus, buscando-se um melhor entendimento sobre o fenómeno da leitura em Portugal e que estratégias poderiam ser adotadas com o intuito de ampliar as competências nesta área. De acordo com o relatório de 2011, *Avaliação do Plano Nacional de Leitura: os primeiros cinco anos*, já é possível identificar positivamente o

impacto do PNL na sociedade portuguesa, em particular a estudantil, nas atitudes e práticas relativas à leitura e nas competências de literacia.

Na mesma lógica à qual se associa um conhecimento deficitário entre os habitantes do arquipélago dos Açores, por ser um território descontínuo e de acesso ainda difícil entre as nove ilhas que o compõem, consubstancia-se o Plano Regional de Leitura. Este preconiza um conjunto de aprendizagens que contribuirão para o desenvolvimento de competências que se centram na valorização do seu contexto histórico-geográfico e, inerentemente, cultural, e na capacidade interventiva e crítica de atuar sob o mesmo, preservando-o numa perspetiva de consciencialização da diferença cultural açoriana integrada num contexto cultural nacional integrador.

A obra literária analisada na presente dissertação, integrada no Plano Regional de Leitura e, conforme o primeiro relatório disponibilizado em 2011/12, integrando as listas de obras recomendadas, surge na senda da necessidade de promover um conhecimento alargado das várias parcelas do arquipélago, numa região marcada pelo distanciamento e desconhecimento entre si, buscando-se pontos de confluência entre todas as ilhas para marcar um senso de unicidade territorial e cultural.

A literatura, independentemente do adjetivo que a qualifica, obedece a uma lógica de pensamento (se quisermos também de emoções), que culminará numa construção artística que encontrará eco ou não num determinado leitor, seja ele mais infantil, mais juvenil ou já na fase adulta, num determinado contexto referencial e vivencial, sendo, muitas vezes, apropriada e instrumentalizada em oportunidades educativas.

O Plano Regional de Leitura constitui um destes instrumentos, embora autónomo, que, sendo baseado nos mesmos princípios subjacentes ao Plano Nacional de Leitura, reúne ações e estratégias de valorização da leitura e do livro especificamente adequadas às características e necessidades da população açoriana e do sistema educativo regional, operacionalizado através de uma listagem de obras de temática açoriana e não exclusivamente de autores açorianos, adotando a linha de pensamento de Machado Pires citado por Dias Batista (2012, p. 29):

integra a literatura dita açoriana dentro da literatura regional portuguesa, na medida em que se refere a uma região com particularidades, mas almejando o direito à intemporalidade e à universalidade, direitos que se alcançam através da qualidade literária. Assim, o que importa é que esta literatura tenha qualidade para que possa ser aceite pelos açorianos, enquanto leitores, e poder integrar-se no fenómeno cultural do arquipélago. Neste sentido, autores açorianos são todos os que retratam as especificidades dos Açores nas suas obras, desde que o façam com qualidade literária, condição indispensável para a existência de qualquer literatura,

independentemente de esses autores terem nascido ou não nos Açores, e qualquer que seja o género ou a língua.

Na pertinência de que a literatura de qualidade produzida nos Açores e sobre os Açores seja impactante para os leitores, infantis e juvenis, independentemente do escritor, por forma a combater a iliteracia e promover o conhecimento acerca do arquipélago, consideramos ser de toda a utilidade versar a nossa dissertação sobre uma obra regional, optando pela coletânea *Férias nos Açores*, da autora Regina Tristão da Cunha.

A iniciativa de escrever a coleção de contos, assim designados pela autora Regina Tristão da Cunha, tem por base a vontade de dar a conhecer aos jovens a sua regionalidade geográfica, a sua Região, na sua vertente cultural, para que lhes desperte o amor e o orgulho pela sua herança cultural, não ignorando que da sua História fizeram parte heróis, descobridores e gente corajosa e que, reconhecidamente, a singularidade do arquipélago é parte importante de um todo que é Portugal.

3.2 O Currículo Regional do Ensino Básico e o Plano Regional de Leitura

Em 2011, a Presidência do Governo Regional fez publicar o Decreto Regulamentar Regional n.º 17/2011/A, de 2 de agosto, que estabelece o conjunto de competências-chave e aprova o referencial curricular para a educação básica na Região Autónoma dos Açores, tendo em conta as especificidades das ilhas açorianas. Este Decreto Regulamentar sintetiza uma série de legislação sobre as aprendizagens e competências a desenvolver nas escolas açorianas, cuja primeira referência remonta a 2001, ano em que se introduziu o conceito de currículo regional na política educativa açoriana, sendo uma adaptação orgânica do currículo nacional. Assim, no n.º 1 do artigo 2.º do Decreto Legislativo Regional Nº 15/2001/A, de 4 de agosto, define-se currículo regional (2001:3) como:

o conjunto de aprendizagens e competências a desenvolver pelos alunos que se fundamentam nas características geográficas, económicas, sociais, culturais e político-administrativas dos Açores”. Esta definição significa o reconhecimento de que o grau de especificidade de determinadas características desta Região insular é suficientemente acentuado para que as mesmas sejam tidas em conta nas decisões sobre as aprendizagens a promover nas escolas açorianas.

O Decreto Regulamentar Regional n.º 17/2011/A, de 2 de agosto, agrupa dois temas integradores, transversais às competências-chave e às áreas curriculares:

desenvolvimento sustentável e açorianidade. Mas, para lá da articulação transversal, este documento define aquele conceito, no seguimento do que havia feito Nemésio, e entendido como o modo de ser do açoriano e a sua relação com o mundo.

Deste modo, assumem-se as particularidades arquipelágicas, as quais configuram uma identidade regional que se expressa no fenómeno da açorianidade. Neste sentido, todas as áreas curriculares participam na abordagem àquela, num contexto de educação para o desenvolvimento sustentável.

Em relação à área curricular de Português, pretende-se que contribua para afirmação da identidade linguística e literária açoriana, promovendo o conhecimento e a valorização das especificidades linguísticas decorrentes da descontinuidade territorial regional, das dinâmicas de povoamento e fenómenos migratórios açorianos, divulgando e fomentando a reflexão em torno do património literário oral e escrito com origem e raízes nos Açores, em articulação com o Plano Regional de Leitura. (DRR n.º 17/2011/A). Na perspetiva de Dias Batista (2012, p. 3):

Ora, atendendo ao património literário oral e escrito com origem e raízes nos Açores, isto é, relativo a autores ou temáticas açorianas, transpõe-se a açorianidade para o campo da literatura. Assim, delimita-se o conceito de açorianidade: deixa de ser entendido enquanto fenómeno cultural *lato sensu*, para ser abordado como açorianidade literária.

Tal especificidade configura uma identidade arquipelágica que se exprime no atrás aludido fenómeno da açorianidade, como um conceito experiencial de vida, observação de Sá Couto, poético e lírico, e não propriamente alargado a tudo o que diz respeito aos Açores, ao comportamento dos açorianos e à sociedade açoriana.

A criação deste referencial assenta, ainda, no pressuposto de que a escola básica possui três funções essenciais, intituladas de personalizadora, que permite que a pessoa esteja apta a construir o seu autoconceito e autonomia, de instrutiva/do conhecimento, que promove a assimilação e reconstrução significativa e estruturada da “cultura”, enquanto património da humanidade e, por último, a de socializadora, o que possibilita a integração do indivíduo na sociedade, de forma crítica e participativa.

O Plano Regional de Leitura surge como uma ferramenta de operacionalização do Currículo Regional do Ensino Básico, que pretende ter uma abrangência desde a primeira infância até à idade adulta. Cumpre-se, também, na obra sobre a qual faremos a nossa reflexão, ao priorizar a promoção da leitura de autores açorianos e/ou de obras sobre os Açores e buscando-se a afirmação da identidade literária açoriana, promovendo o

conhecimento e a valorização de uma escrita que dialogue continuamente com o quotidiano açoriano, embora ainda se possa considerar, como Cristóvão Aguiar (1979: 1), que a expressão «literatura açoriana» é um equívoco: “Não acredito numa «literatura açoriana» quando esta nos é proposta como uma literatura amadurecida, independente e original em contraposição a uma literatura portuguesa”.

Todo este processo foi antecedido pela adesão dos Açores ao PNL, sendo a mesma formalizada no dia cinco de fevereiro de 2010 na ilha Terceira, com a assinatura de um protocolo entre a Secretária Regional da Educação e Formação e o Comissário nacional do projeto. Este documento foi assinado na biblioteca da Escola Básica e Secundária Tomás de Borba, em Angra do Heroísmo, ilha Terceira, na presença de vários convidados.

No primeiro Relatório do PRL – *Ler Açores* – que abrange os anos letivos de 2011/12, cuja Comissão Coordenadora foi formada por Catarina Azevedo, Madalena San-Bento, Margarida Quinteiro, Paula Cotter Cabral e Paula de Sousa Lima, está patente uma manifesta preocupação face aos resultados advindos do PISA, em termos europeus, comparando-se e assumindo-se o PNL como uma ferramenta de integração social.

O Plano Regional de Leitura, subscrevendo a iniciativa nacional com o mesmo nome, mas adaptando objetivos e operacionalização às necessidades regionais, assume-se, desde a sua conceção, como o paladino de uma luta mais do que justificada, uma luta em nome do bem-estar, crescimento e identidade dos açorianos, assim como da sua inclusão ativa no património cultural da humanidade.

O mesmo relatório apresenta, ao longo das suas trinta e seis páginas, toda a conceptualização do PRL, os aspetos subjacentes à sua aplicação, assim como os projetos e iniciativas para a promoção da leitura, delineia como objetivos finais a dotação de capacidades e competências ao nível da literacia, alfabetização funcional e verticalidade da informação escrita e divide-se em duas partes: teorização e justificação do mesmo e aspetos mais práticos do COMO, pretendendo ter uma abrangência desde a primeira infância até à idade adulta.

Elegendo como sua principal meta o desenvolvimento de competências e práticas de leitura, os objetivos específicos deste plano pretendem:

- a) construir um ambiente escolar, familiar e social em que o livro e a leitura ocupem um lugar de destaque no imaginário regional;
- b) valorizar o poder informativo, formativo e simbólico da palavra escrita, contribuindo para a construção de representações afetivas em torno da leitura;
- c) promover a leitura de autores açorianos e/ou de obras sobre os Açores;

- d) identificar práticas pedagógicas que estimulem o prazer de ler entre as gerações mais jovens, levando-as a influenciar positivamente outras gerações;
- e) melhorar e diversificar as condições de acesso ao livro;
- f) desenvolver programas formativos dirigidos a educadores, bibliotecários e outros mediadores de leitura;
- g) assumir e ampliar o papel das bibliotecas enquanto núcleos difusores de informação e de cultura, centros de educação continuada e polos de entretenimento onde se estimula a fruição da leitura e o gosto pelo livro.

O PRL assenta em três eixos, a que podemos posicionar, respetivamente, no «O quê?», «O como?» e o «A quem?»:

1 - A Leitura em Contextos de Aprendizagem Formal e Informal – promover ações quer através de uma forma educativa, quer social, envolvendo não só a escola bem como a família através:

- a) da realização de campanhas regionais de valorização da leitura, do livro, da literatura, das bibliotecas e dos autores;
- b) da concretização de fóruns, congressos, seminários, jornadas e workshops que proponham agendas diversificadas sobre o livro e a leitura;
- c) da formação de grupos, constituídos por personalidades de referência, para a promoção do livro e da leitura;
- d) do reforço do contacto com o livro e com a leitura;
- e) da criação de projetos de leitura para diversos públicos alvo prioritários, envolvendo professores, alunos, pais, mediadores de leitura, contadores de histórias, autores, editores e livreiros;
- f) da conquista de novos espaços e pontos de leitura não convencionais;
- g) da melhoria e diferenciação das oportunidades de leitura, através dos livros digitais e audiolivros ou de outros suportes;
- h) da divulgação dos autores e das obras recomendadas pela comissão científica do Plano Regional de Leitura;
- i) do reforço das publicações dedicadas ao livro e à valorização da leitura;
- j) da constituição de Clubes de Leitura em todas as unidades orgânicas do sistema educativo regional e da divulgação das atividades que estes desenvolvem;

- k) da concessão de prémios de reconhecimento a iniciativas de valorização do livro e da leitura;
- l) da reserva intencional, explícita e sistemática de momentos de leitura em sala de aula.

2 - As Condições de Acesso ao Livro e à Leitura - Melhorar o acesso aos livros quer através das bibliotecas através de várias iniciativas, quer através de manuseamento do uso de novas tecnologias, quer através do recurso a realização de estudos no âmbito da leitura, através:

- a) do estabelecimento de parcerias e desenvolvimento de ações concertadas, mobilizando entidades públicas e privadas para a melhoria do acesso ao livro;
- b) do reforço e consolidação da rede regional de bibliotecas públicas e escolares;
- c) da atualização dos fundos documentais e bibliográficos das bibliotecas públicas e escolares;
- d) da distribuição de livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura e pelo Plano Regional de Leitura às bibliotecas escolares;
- e) da implementação de sistemas integrados de atualização, gestão e circulação de acervos documentais;
- f) da incorporação e uso das tecnologias da informação e comunicação no mundo do livro e da leitura;
- g) da realização de estudos e indicadores nas áreas do livro e da leitura, apurando índices de leitura, índices de empréstimos de livros nas bibliotecas, índices de livros adquiridos e divulgando resultados.

3 – Formação e Atualização de Recursos Humanos – esta formalização e atualização serão realizadas através dos centros de formação, disponibilização de recursos e até mesmo de divulgação de iniciativas de promoção de livros, através da:

- a) mobilização dos centros de formação e de outras instituições para ampliar e diversificar a oferta formativa na área da leitura para educadores, professores e outros mediadores de leitura, com recurso aos meios de formação à distância;
- b) disponibilização de recursos, informação e instrumentos sobre as questões da leitura e da literacia, nomeadamente no Portal do Governo dos Açores e no Portal da Educação;
- c) divulgação de programas, iniciativas e instrumentos de apoio à promoção do livro e da leitura.

O PRL não tem como pretensão sobrepor-se a nenhuma outra iniciativa de caráter nacional, afirmando-se como um complemento que valoriza e aconselha escritores açorianos ou temáticas açorianas, disponibilizando projetos e iniciativas para a promoção da leitura.

Deste conjunto, salientamos:

- a) Acesso ao Portal de Educação, que será feito pelo pessoal docente, afirmando-se a valorização dada a este na implementação do PRL e a disponibilização dos materiais lúdico-pedagógicos para implementar o projeto de literacia em família, embora seja iniciado na escola, «*Leitura vai e vem*» e «*Já sei ler*», iniciativa do PNL, promovendo-se uma aproximação com os encarregados de educação e familiares. Apresentam-se como ações concentradas nas Unidades Orgânicas, uma vez que a disponibilização dos materiais será feita pelo pessoal docente, da formação externa promovida para estes e do próprio acesso ao PRL, sendo crucial abranger os alunos, quer apresentem maiores ou menores dificuldades e maior ou menor motivação para a leitura, desenvolvendo-se atividades nucleares do PRL em contexto escolar ou a partir dele e diretamente orientadas pelos docentes.
- b) Projetos que assentam no acesso às redes sociais, logo acessíveis a toda a comunidade, e na presencialidade da literatura regional no quotidiano. Destacam-se o *Portal da Educação* (para que a comunidade aceda à página do PRL), *Blogue* (embora desatualizado), *Página de Facebook* (não disponível ao utilizador) Campanha *Ler Açores* (famosos do arquipélago dão o seu testemunho acerca dos livros que os marcaram e é exibido na RTP Açores), *publicidade* em vários suportes, *recursos de apoio em linha* (desativado, onde são disponibilizados outros materiais por parte da comissão do PRL e por coordenadores de bibliotecas das escolas da RAA, na plataforma *Moodle* (<http://moodle.edu.azores.gov.pt/dref/>), direcionados para a realização de atividades nas escolas, atividades essas coordenadas, em especial e na sua maioria, pelas bibliotecas escolares, nomeadamente modelo de ficha de atividades, “armário insólito”, “*crossbooking*”, “baú surpresa”, “leituras inesperadas”, “livros com chá” e “comemorações”.)

A listagem dos livros a integrar o PRL foi elaborada pela Comissão Coordenadora do PRL e os membros da Comissão Científica, como consta do primeiro relatório do

Plano Regional de Leitura de 2011-12, teve como ponto de partida a constituição de uma Comissão Científica que levasse a cabo tal intento. Tal Comissão, cujos membros foram convidados pela Secretaria Regional da Educação e Formação, era inicialmente composta por Daniel de Sá, Leonor Sampaio da Silva e Natália Almeida, reconhecidos vultos da cultura da Região; todavia, por indisponibilidade da Dra. Natália Almeida, procedeu-se a uma reformulação da supramencionada Comissão, sendo o terceiro membro a Dra. Maria João Berquó Cavaco, como está referenciado no Relatório do Plano Regional de Leitura de 2011-12.

A listagem das obras recomendadas foi norteada por um critério abrangente, pretendendo as Comissões Científica e Coordenadora complementar as obras referenciadas pelo PNL, mas que fossem imbuídas de uma visão alargada, na medida em que não se destina especificamente, mas globalmente ao público Açoriano, ou seja, uma marca literário-cultural para um público vasto, em termos etários, tendo por alicerces o interesse cultural, a qualidade literária, o rigor científico e a estética das edições; critérios estes que os membros da Comissão Científica considerassem relevantes e apropriados, sem descuidar a posição da Comissão Coordenadora (revelada no Relatório do Plano Regional de Leitura), que opinou no sentido de serem escolhidas obras que complementassem a lista do PNL e não obras já nesta destacada, considerando também importante a lista contemplar obras diversificadas em géneros e temáticas, assim como capazes de visar tanto o público adulto como o infantil e o «intermédio».

O relatório assegura a alteração da primeira lista do PRL, enriquecendo-a com as novas obras que surgirão no e de contexto regional e retirando outras, acompanhando, desta forma, a evolução da literatura nacional e regional, entendendo-a como um processo mutável (Idem, Ibidem, p. 10)

bem como corrigir naturais erros de avaliação que possam ter sido cometidos pelas comissões coordenadora e científica do mesmo. Neste processo, é desejável que a sociedade manifeste o seu entendimento acerca da questão, para que o PRL não resulte apenas da opinião de uns poucos, mas do juízo de muitos mais (...) atender à recomendação de incluir narrativas provindas do património tradicional, decidindo, em conformidade com este critério, acrescentar títulos que se evidenciam no contributo que trazem para o conhecimento de uma memória identitária com fundas raízes na história e na expressão literária dos Açores.

O mesmo documento (p. 16) foca ainda o despertar para o aparecimento da Rede Regional de Bibliotecas Escolares, «com vista a um funcionamento de suporte para uma maior articulação entre o Currículo, os programas e os recursos documentais disponíveis em cada escola.»

A Comissão do PRL pretende que a BE alargue as suas funções, priorizando um trabalho com os membros da comunidade escolar, de modo a agregar a comunidade envolvente, já que os seus objetivos se justificam no sentido de implementar a leitura, transcendendo a obrigatoriedade académica e a constante motivação por parte dos educadores. A leitura é concebida como parte integrante, já autónoma, do cidadão.

O documento do PRL menciona o surgimento da RRBE, pressupondo que esta seria uma parceira fundamental no conhecimento e reconhecimento dele próprio, através da captação de parceiros que estivessem em posição de dar o seu contributo para alcançar os objetivos propostos, à semelhança do que fora feito com o PNL no seu Plano de Ação atividades propostas para a dinamização do PRL, especificamente o Concurso Regional de Leitura e os projetos *Leitura em vai e vem* e *Já sei ler*; não definindo, porém, uma ação concertada para a alavancagem do projeto regional em todos os ciclos de ensino. Para além desse aspeto, a RRBE é assumida como um instrumento de excelência para o enraizamento do PRL:

1. adquirindo suportes informáticos (software adequado à futura criação da RRBE);
2. munindo-se de monografias (com especial incidência para as obras recomendadas pelo PNL e PRL, segundo uma listagem das maiores faltas sentidas nas escolas, tendo sido feitas três entregas por escola, num total de 1657 livros);
3. construindo a plataforma da RRBE, criando-se um fórum na plataforma *moodle* para a RRBE, onde os implicados pudessem expor, nos diversos tópicos, todas as questões que beneficiam de uma partilha em trabalho e experiência;
4. promovendo formação BAD e Biblio.net (assistentes técnicos, assistentes operacionais e docentes afetos às bibliotecas escolares das unidades orgânicas da RAA);
5. lançando desafios - celebrar a Semana da Leitura e o dia Mundial do Livro, à semelhança do PNL.

Na senda do entendimento feito da RRBE como opção estratégica, o PRL busca uma parceria com esta através do seu projeto de continuidade intitulado «Ler Mais no 1.º ciclo», no ano letivo 2017/18, cuja finalidade é a de desenvolver as competências

previstas no «ProSucesso», no *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico* e no Referencial «Aprender com a Biblioteca Escolar».

Visando uma ampliação da visibilidade do PRL, num ambiente propício à valorização da leitura, as docentes que constituem a equipa coordenativa da RRBE alargarão as sessões de promoção da leitura a outras Unidades Orgânicas da ilha de São Miguel e a outras ilhas dos Açores, no presente ano letivo, tendo em vista realizar três ações de promoção da leitura, com a duração de 90 minutos, às turmas de 2.º ano de escolaridade, fazendo a promoção da leitura no espaço de sala de aula, junto das famílias e junto dos docentes, de uma das obras referenciadas no PRL, pela primeira vez, *Sou Diferente, Sou Fantástico*, de Susana Teles Margarido, sendo que em algumas Unidades Orgânicas, o mesmo projeto está sendo implementado pelos coordenadores das Bibliotecas Escolares.

Voltando um pouco atrás, um dos aspetos importantes na reflexão apresentada no documento em questão recai sobre as ações de formação creditadas para pessoal docente, promovidas pela Comissão Coordenadora do PRL, onde se privilegiasse a promoção da leitura, numa vertente prática, onde se constata que, à data do Relatório (2012), o conceito do PRL estava adquirido, mas toda a sua logística não, o que na prática indicia a sua não aplicação na maioria das Unidades Orgânicas.

No questionário aplicado aos docentes que frequentaram as ditas ações de formação, cujas temáticas incidiram sobre a competência da Leitura, especificamos a única que incidiu sobre o PRL - “Ler Mais e Melhor com o CREB e PRL” (ação n.º 43/2012), ação ministrada por Maria da Conceição Medeiros, em São Miguel.

Nesta formação, destaca-se um dos quatro objetivos específicos, «Analisar criticamente a elencagem de obras sugeridas pelo PRL e sugerir outras obras passíveis de exploração nos diferentes contextos educativos» (p. 25), cujo conteúdo foi a «Importância do PRL» (ibidem). Todavia, a reflexão apresentada acerca pela formadora apenas reflete um aspeto crítico que incide sobre a modalidade de formação - «Toda a literatura da área do desenvolvimento profissional dos professores indica que este tipo de formação muito curta não tem impacto nenhum na alteração das práticas educativas dos professores.» (Idem, p. 26) -, sendo totalmente inócua relativamente à adesão dos formandos e dos aspetos que estes consideraram pertinentes na sua futura prática de mediadores da leitura do PRL

Contudo, o relatório de 2012 (p. 24), numa perspetiva crítica acerca das ações de formação promovidas, salienta alguma frustração, na medida em que, pela negativa, e na

maior parte dos casos, os formandos desconheciam praticamente todos os aspetos relacionados com os Planos Regional e Nacional de Leitura, apesar de o primeiro destes ter sido amplamente divulgado junto das unidades orgânicas da região.

Questionados acerca do motivo da sua inscrição, referiram quase sempre a curiosidade em relação aos objetivos e modos de operar do PRL, que, em discussão no início dos trabalhos, revelaram desconhecer em quase todos os pormenores e ações principais, estando apenas cientes da sua existência em curso.

De facto, e ainda de acordo com o dito relatório, os docentes referiam-se quase exclusivamente à «publicação da lista de obras recomendadas pelo PRL, o que constituía motivo de apreensão da sua parte, uma vez que lhe atribuíam um carácter limitativo e pouco alargado» (Idem, p. 27).

No relatório de 2013/2014, por despacho do Secretário Regional da Educação, Ciência e Cultura, de 18 de outubro de 2013, a comissão coordenadora foi alterada (passando a ser constituída pelos seguintes elementos: Lúcia Santos, Catarina Azevedo, Madalena San Bento, Paula Cabral e Paula de Sousa Lima, onde quatro elementos se mantêm e um é substituído), não se apresentam novamente dados que permitam aferir o grau de envolvimento no PRL das várias Unidades Orgânicas nem as estratégias e recursos usados para o efeito e quais os alunos envolvidos.

O relatório atualiza as listagens com as obras recomendadas, apenas com a introdução de novas propostas literárias e nunca exclusões, com um elemento novo, a disponibilização de um formulário de candidatura para que os autores proponham a sua obra para integrar o PRL

Enumeram-se projetos e iniciativas que também apelam a um esforço de sensibilização da opinião pública para a promoção da leitura, procurando, simultaneamente, suscitar também o envolvimento dos cidadãos nas suas iniciativas e promover atitudes favoráveis à leitura:

- a) participação no Concurso Nacional de Leitura (com a presença pequena de 13 escolas da região, embora a participação neste concurso não tenha relação direta com o PRL), fases de escola e ilha;
- b) concurso do PRL «A nossa História», com a presença de 14 escolas;
- c) parceria com Associação de Imigrantes nos Açores (AIPA), cujo projeto visou a promoção da leitura em voz alta, através de vários tipos de iniciativas que evidenciassem e valorizassem a riqueza de diferentes sotaques no uso da

língua portuguesa pelas comunidades imigrantes que frequentam as escolas dos Açores;

- d) semana da Leitura – Ler no autocarro – datada de 18 de março;
- e) envio de uma Newsletter, cujo objetivo «é fazer chegar aos destinatários a informação de forma rápida e eficaz permitindo que as forças vivas que compõem as nossas escolas acompanhem e participem nas atividades desenvolvidas pelo Plano Regional de Leitura.» (Idem, p. 25);
- f) PRL Presente (presença mensal no jornal Açoriano Oriental - No âmbito do Plano Regional de Leitura (PRL), a Direção Regional da Educação estabeleceu uma parceria com o jornal Açoriano Oriental. Na última quinta-feira de cada mês é publicada uma página intitulada *PRL Presente*, da autoria/responsabilidade dos membros da comissão coordenadora do PRL

No último relatório que nos foi facultado (2015/2016), ressalta, efetivamente, a preocupação da atualização do acervo das bibliotecas escolares com obras de origem/temática açoriana, apresentando-se o apetrechamento dos estabelecimentos de ensino de primeiro ciclo com a coleção de livros da Coleção *Retratos* (11 vols.), *Leonor no Núcleo de Arte Sacra* do Museu Carlos Machado e *O urso polar com patilhas*, que foram oferecidos pela Direção Regional da Cultura, tendo os restantes sido adquiridos pela Direção Regional da Educação, porque, e de acordo com a perspetiva de José Manuel Dias Batista (2012, p. 49), «Deste modo, dar-se-á continuidade ao fenómeno literário ilhéu, uma vez que as obras vão ser lidas, discutidas, amadas ou rejeitadas pelos açorianos, passando os escritores a entrar na consciência cultural dos Açores».

A disponibilização dos novos recursos literários destinados às Bibliotecas Escolares pressupõe que estas são um ambiente por excelência para a criação de um ambiente de leitura junto das suas comunidades. Todavia, importava mobilizar os docentes para aderir aos postulados no PRL e à sua divulgação, sendo este o grande desafio que o mesmo enfrenta, pois a disponibilização e enriquecimento do acervo das bibliotecas escolares com exemplares do PRL, *per si*, é uma estratégia inócua, não se definindo como o pressuposto para viabilizar a leitura das obras recomendadas, quer de forma autónoma, quer de forma orientada. Como se pronuncia Maria Isabel Vilar (2016, p. 155), «de que sendo os professores simultaneamente alvos e agentes de mudança, se torna indispensável considerar a sua adesão e acima de tudo identificar motivos que os levam a pôr ou a não pôr em prática as novas orientações.»

Na essência, dos relatórios a que tivemos acesso, não consta nenhum dado que permita perceber até que ponto o PRL é implementado nas Unidades Orgânicas da RAA, que estratégias são utilizadas para o efeito, que agentes educativos são envolvidos, que eixos são priorizados, e que obras são dinamizadas, consagrando-se, inclusive, grande parte do relatório às iniciativas regionais da RRBE. São relatórios meramente expositivos que não nos possibilitam apreciar os resultados e impactos que a implementação do PRL tem na comunidade educativa açoriana no que diz respeito quer à adesão dos projetos lançados pelo mesmo, quer às práticas de leitura da população escolar, nem de que forma contribuem para uma melhoria na capacidade leitora dos alunos açorianos ou conhecer a opinião dos docentes sobre a adequação dos livros recomendados aos diferentes anos de escolaridade e sobre a efetiva utilização dos livros adquiridos.

Em termos de atualização das listas de recomendação das obras, o primeiro relatório do PRL (2011/12) apresenta uma listagem de 61 obras de temática/autoria açoriana, sem as organizar por ciclos de ensino nem delinear/sugerir que tipo de projetos se poderiam desenvolver em torno das ditas obras; os relatórios subsequentes (2013/14 e 2015/16) limitam-se a apresentar um engrandecimento das propostas de leitura (81 e 167 obras, respetivamente). Atualmente, e disponível na página web da Secretaria Regional de Educação (<https://edu.azores.gov.pt/seccoes/livros-recomendados-20172018/>), toda esta informação foi reorganizada e sistematizada, quer distribuindo as propostas e recomendações de leitura por ciclos de ensino (num total de 20 para o ensino pré-escolar; 37 para o 1.º ciclo, 22 para o 2.º ciclo, 40 para o 3.º ciclo e 106 para o ensino secundário, sendo que muitas das obras estão recomendadas para mais do que um ciclo de ensino) e apresentando-se um projeto de orientação para a dinamização da leitura, entenda-se Leitura em voz alta, Leitura com apoio do educador/pais, Apoio a projetos, Leitura autónoma, Leitura orientada e Sugestão de leitura.

No relatório apresentado na Reunião Plenária de 12 de janeiro do ano civil (2017) do Conselho Coordenador do Sistema Educativo, a prestação do PRL cinge-se à apresentação da listagem de obras oferecidas às várias Unidades Orgânicas e a respetiva quantidade, assim como a identificação das escolas que participarão no Concurso Nacional de Leitura, alargado aos 1.º e 2.º ciclos, pela primeira vez. Apenas.

Após mais uma solicitação do relatório referente a 2017/2018, foi-nos respondido que o mesmo estava em fase de elaboração, mas foi-nos, prontamente, cedida a informação que integrou o Relatório Final do ProSucesso, enviada por **correio eletrónico**, a partir da Direção Regional de Educação, aqui transcrita na **íntegra**:

Através da publicação da Resolução do Conselho do Governo n.º 82/2011, de 6 de junho, o Governo Regional dos Açores implementou o Plano Regional de Leitura, que elege como principal objetivo o desenvolvimento de competências e práticas de leitura nos Açores e dá continuidade ao estipulado no Protocolo de colaboração celebrado pela então Secretaria Regional da Educação e Formação e a Comissão do Plano Nacional de Leitura.

O Plano Regional de Leitura concretiza-se através de um conjunto de iniciativas, cujo principal objetivo é a criação de ambientes diversificados de estímulo à leitura e o desenvolvimento sustentado de competências nos domínios da leitura e da escrita que conduza a um exercício mais consciente de produção e de criação de sentidos.

Assim, e com o objetivo de dar continuidade às práticas e divulgação do Plano Regional de Leitura, foram desenvolvidas, ao longo do ano letivo 2016/2017, os projetos "Concurso Nacional de Leitura" e "Aula aberta", ministrada pelo Professora Rosa Goulart, e feita, ainda, a atualização da lista de obras recomendadas pelo Plano Regional de Leitura.

Na fase regional do Concurso Regional de Leitura participaram 52 alunos (29 do ensino secundário e 33 de 3.º ciclo), de 14 unidades orgânicas, de 5 ilhas do arquipélago. Os vencedores da fase regional, realizada no dia 19 de maio, na Escola Básica integrada Francisco Ferreira Drummond, tiveram acesso à fase nacional, realizada a 7 de julho na Biblioteca Municipal da Anadia, tendo a representante do 3.º ciclo chegado à finalíssima, ocupando o 4º lugar.

A Aula aberta, ministrada pela Professora Rosa Goulart, docente do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores, foi uma atividade realizada a 28 de abril e destinada aos alunos do 12.º ano de escolaridade de Línguas e Humanidades e a mesma possibilitou aos alunos o contacto direto com uma especialista na temática Virgílio Ferreira. Participaram cerca de 80 alunos das 3 escolas com ensino secundário da ilha Terceira (ES Jerónimo Emiliano de Andrade e EBS Tomás de Borba e ES Vitorino Nemésio).

A lista de obras recomendadas pelo PRL constitui-se como um instrumento de apoio para os educadores e professores de todos os níveis de ensino, aquando da preparação das atividades para o ano letivo seguinte. Esta lista foi atualizada e

apresenta 180 títulos dos quais 13 foram introduzidos em 2017 pela Comissão Científica do Plano Regional de Leitura.

Com o intuito de auxiliar as unidades orgânicas na promoção de projetos de leitura nos 2º e 3º ciclos, e em linha com o Eixo I do ProSucesso, foco na qualidade das aprendizagens dos alunos e a sua prioridade na promoção da literacia de leitura, a Direção Regional da Educação, através do Plano Regional de Leitura, e à semelhança do ano anterior, adquiriu para oferecer às bibliotecas escolares das Unidades Orgânicas dos Açores com 2º e 3º ciclos, um total de 504 livros.

Cada biblioteca escolar recebeu 4 exemplares de cada livro de acordo com o nível de ensino lecionado:

- Alves Redol A Vida Mágica da Sementinha 2.º ciclo
- Ilse Losa O Príncipe Nabo 2.º ciclo
- José Gomes Ferreira As aventuras de João Sem Medo 3.º ciclo
- Mia Couto Contos do nascer da Terra 3.º ciclo

A preocupação com a avaliação da do que é desenvolvido em prol do PRL, quer seja interna quer seja externa, não é demonstrada como sendo uma opção estratégica para (re)adaptação do das opções entretanto tomadas às realidades e contextos que foram e vão surgindo, uma vez que não constam nos documentos que nos foram facultados, nem nos relatórios subsequentes aos quais tivemos acesso. Não se explicita a necessidade de análises sistemáticas e rigorosas, que permitam apoiar decisões em informação cientificamente comprovada, em desajuste com o PNL, citando Maria Isabel Vilar, na apresentação do livro resultante da sua tese de doutoramento *O Plano Nacional de Leitura: fundamentos e resultados* (2016, p. 149).

A avaliação externa do PNL foi entregue ao Centro de Investigação e Estudos de Sociologia-Instituto Universitário de Lisboa desde o ano de lançamento. Esta opção foi considerada essencial, para possibilitar uma análise continuada de toda a atividade e para permitir a introdução de ajustamentos, tendo em conta a identificação de aspetos que se revelassem menos conseguidos. Deveria ser realizada através de uma metodologia complexa que incluísse observação direta, entrevistas, estudos de caso, inquéritos aos atores, barómetro de opinião pública, análise de exames e provas de aferição nacionais, inquéritos internacionais de avaliação de competências.

Todavia, a questão da avaliação é mencionada na Reunião Plenária, datada de 31 de março de 2011, onde a avaliação será consubstanciada num relatório anual de atividades do PRL, sendo o mesmo divulgado na Portal da Educação e no qual serão

apresentadas e ponderadas as necessidades e novas parcerias, assim como todos os ajustes e reformulações que se afigurem como pertinentes. A operacionalização da mesma não é priorizada.

Creemos que o contributo da RRBE para o PRL será essencial, sendo a opção estratégica mais segura para não só implementá-lo, como para perceber, até que ponto o mesmo se afigura útil e profícuo para a comunidade educativa, desvelando-se, a partir daí, uma estratégia concertada, uma sintonia de objetivos e de articulação entre estratégias entre ambos. Em hipótese, tal como se observou na implementação do PNL, as bibliotecas escolares terão de se mobilizar para o desenvolvimento do PRL, com o contributo dos coordenadores das Bibliotecas Escolares, na promoção das diferentes orientações para a realização das atividades propostas, sob a égide da RRBE, assumindo-se como divulgadores dos princípios do PRL junto de docentes e comunidades escolares, integrando as suas orientações estratégicas na sua ação.

Os Planos Anuais das Bibliotecas Escolares, assim como os relatórios de execução destes, submetidos na plataforma da RRBE por todas as Unidades Orgânicas da Região, no início e final do ano letivo, respetivamente, poderão constituir-se como indicadores fiáveis do envolvimento com o PRL, fundamentando-se eventuais futuras redefinições de prioridades, objetivos operacionais, metas, programas, ações e destinatários, numa lógica concertada entre PRL e RRBE, uma vez que é um projeto de âmbito regional, com alguma envergadura, abrangendo 37 Unidades Orgânicas, distribuídas pelas nove ilhas.

Considerando o documento intitulado *Avaliação do Plano Nacional de Leitura: os primeiros cinco anos*, cuja coordenação esteve a cargo de António Firmino da Costa com a colaboração de Elsa Pegado, Patrícia Ávila, Ana Rita Coelho, fica patente toda a orgânica subjacente à avaliação do PNL, em termos de intervenientes, o que lhes permite a recolha de perceções e fragilidades, mais do que perceber quais os projetos implementados de sucesso, para potenciar reajustes ou alterações estruturais, numa lógica de dinamismo e dialética (2011, p. 10):

Mais especificamente, o sistema de avaliação do PNL integra informação proveniente de um conjunto alargado de actores sociais, tanto promotores do Plano como destinatários dele, ou nele de algum modo intervenientes, desde a própria Comissão do Plano até à população em geral, passando por professores e alunos, bibliotecários (de bibliotecas escolares e bibliotecas públicas) e responsáveis autárquicos, pais e associações, actores de referência e profissionais de diversos domínios com relação com a leitura e com o PNL.

Consideramos importante registrar que o PNL, de acordo com o explanado por Maria Isabel Vilar, beneficiou de um conjunto de estruturas de apoio que promoveram a sua alavancagem e monitorização (2016, p. 15):

coordenação do PNL ficou a cargo de uma comissão interministerial, composta por cinco elementos: uma comissária; uma comissária-adjunta, a coordenadora do Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) do Ministério da Educação; duas representantes do Ministério da Cultura, da Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas (DGLB); uma representante do ministro dos Assuntos Parlamentares, do Gabinete para os Meios de Comunicação Social (GMCS). (...) Toda a organização e monitorização dos programas do PNL foi assegurada por um conjunto de professores destacados e de técnicos de serviços do Ministério da Educação, que nunca excedeu os sete elementos. (...) O PNL constituiu ainda um Conselho Científico que reúne periodicamente, pronunciando-se sobre o desenvolvimento do Plano e fornecendo contributos sobre atividades a desenvolver.

Na essência, cremos que ao PRL careça de estruturar um modelo de avaliação consciente, nem que seja de foro interno, não apenas para perceber até que ponto a sua estratégia foi implementada e operacionalizada, como também para aferir que resultados e impactos o mesmo teve nos eixos pré-definidos, pois o Governo Regional da RAA, ao conceptualizar e legislar sobre o PRL, tornou-se academicamente responsável pelo sucesso do mesmo, partilhando esta responsabilidade com outros intervenientes sociais e educativos, mas com toda a legitimidade em obter e avaliar resultados.

4. Literatura Infantil e Juvenil e a Coleção “Férias nos Açores”

4.1 O papel da literatura infantil e juvenil – breve apontamento

Sobrepondo-nos à erudição e às diversas teorias literárias dos especialistas, a literatura é vista como uma arte que consiste na estruturação de escritos, assente em determinados cânones, definidos não por quem a escreve, mas por aquele que, não a escrevendo, considera o que é escrito como válido, interessante, marcante, respeitador dos ditos cânones, logo um objeto de arte ou, em alternativa, um redundante falhanço, após uma desconstrução escrupulosa por parte do leitor.

O conceito de literatura abrange aspetos como o de intelectualidade, do entretenimento, da sensibilidade e até da retórica. Todavia, na sua essência, é um exercício de parceria entre um escritor e um leitor, entre quem escreve e quem lê, entre uma intenção comunicativa e o entendimento de tal. No estabelecimento da intimidade na relação entre escritor e leitor, é consciencioso considerar um conjunto de afinidades, desde históricas a políticas, sentimentais ou meramente circunstanciais, e, obviamente, as faixas etárias, o que nos transporta à problemática da Literatura Infantil e Juvenil como vertente autónoma no contexto Literário.

Certo será dizer que, se nem todos os que se alvitram escritores podem ser autores de obras literárias, será pertinente, mas não ousado, considerar que nem toda a obra literária é endereçada ao mesmo leitor. Nesta lógica de pensamento, o desafio do sucesso na e da escrita que se coloca para um público mais jovem tem a mesma dimensão quando colocada para outro público qualquer. Na essência, é uma questão inerente ao perfil do escritor e de leitor, pois a literatura não é uma imposição; é uma opção tomada em sequência também das circunstâncias pessoais. Considerando a perspetiva de Nelly Novaes Coelho (1984, citada por Rosado, 2011, p. 30), encaro-a como muito assertiva e com a visão mais plural do conceito de literatura infantil e juvenil, englobando leitor, texto e contexto na dinâmica da leitura, advogando que:

a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenómeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra”, sendo que “na essência, a sua natureza é a mesma que se destina aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor: a criança.

A literatura, para a infância ou para adultos, não pode ser percebida nem como um jogo estratégico em que o escritor comporá uma obra, visando exclusivamente um leitor, nem como uma forma caótica de expressão. Neste contexto, a literatura obedece a uma lógica de pensamento (se quisermos emocional) que culminará numa obra que encontrará eco, ou não, num determinado leitor, seja ele mais infantil, mais juvenil ou já na idade adulta.

Natércia Rocha, no livro *Breve História da literatura para crianças em Portugal*, para além de traçar toda uma linha evolutiva da literatura infantil em Portugal e dos modelos a que a mesma obedeceu, aborda uma questão interessante do ponto de vista da mutação das relações entre pessoas, mais especificamente crianças, e livros, em particular o livro em papel e o livro transmutado para os meios de comunicação social, em particular para a televisão e cinema.

No âmbito virtual, foca-se a questão da gestão da qualidade, ou seja, até que ponto uma obra literária pode manter os predicados que a caracterizam como tal. A qualidade da música e da interpretação da narrativa fomentará a ligação emocional, a formação do gosto pelo «enredo» permitirá a construção de juízos de valor acerca quer das personagens quer das ações das mesmas e, em última análise, uma aprendizagem será feita. Quantos de nós não nos rendemos à personagem de Tom Sawyer, de Mark Twain, após visualizarmos religiosamente a série com o mesmo nome e, mais tarde, optamos pela leitura da obra?

O livro deixa de ser *consumido* para ser *visualizado*. Perder-se-á o gosto pela literatura a partir do momento que se perde o contato físico com o livro? Não necessariamente, mas faz desabrochar um novo paradigma, alterando hábitos e funções da literatura enquanto tal, de pais e de educadores, no modo de proporcionar condições a partir das quais floresce o gosto e a apreciação pelo livro.

O livro, quando lido, é consumido trazendo uma riqueza para o leitor num outro parâmetro, o da imaginação e da construção pessoal das personagens e dos contextos, estimulando a capacidade de pensar e de pensar os conhecimentos que estão ali presentes, apurando a sensibilidade, o enriquecimento afetivo, a orientação para determinados valores e, posteriormente, a formação de juízos críticos e comparativos, constituindo-se como um meio de formação pessoal e social para cada um dos leitores.

Sob aquele ponto de vista, emergem outras questões: com que precocidade/*timing* se desperta o interesse de uma criança para o livro? Quem o fará e de que forma?

Certamente que, relativamente à segunda questão, a resposta recai necessariamente no contexto familiar, quer ao observar o modelo familiar (familiares a usufruir de livros), quer com a importantíssima «hora da história antes de dormir». Relativamente à primeira questão, o livro adaptar-se-á às prerrogativas inerentes à idade e à utilidade que terá no contexto do preenchimento das necessidades àquela. Nesta linha de pensamento, as ilustrações adquirem uma importância que se sobrepõe à palavra, porque serão as primeiras a estimular a imaginação, que se converterá numa lógica, posterior, de pensamento que se manifestará pela palavra, passando a criança de observador/leitor de ilustrações a criador/contador da história.

Neste processo gradual de estreitamento do relacionamento da criança com o livro, o ensino pré-escolar adquire contornos significativos, porque será neste ensino, na figura do importantíssimo *educador de infância*, que se catapultará o fortalecimento da criança com o livro (aquela que já com ele contacta no seu contexto familiar) ou se colmatará a negligência ou carência do meio social do qual a criança adveio no âmbito do contato com o livro e com aquilo que ele representa.

Em termos conclusivos e alongados, a literatura infantil é um processo dialético no sentido família/escola, no entanto, e no contexto atual, já pouco se coloca a questão inversa escola/família, resumindo-se à escola.

A leitura é um prazer específico que conscientemente elegemos para nós próprios. Logo, cada um de nós reserva-se ao direito de escolher um determinado livro, levando em conta algumas variáveis que cumulativamente ou não definirão a nossa escolha naquele momento: o autor, o título ser mais ou menos sugestivo, a temática abordada que, posteriormente, concluiremos se foi acertada ou não.

A produção de livros não é, portanto, um instrumento neutro; é uma demonstração particular, por parte de um escritor, de como se concebe o encontro com a cultura, num determinado contexto, que tipo de valores se pretende veicular e, conseqüentemente, que tipo de cidadão e de sociedade se pretende promover. Os valores sociais que veicula são a expressão da preocupação dos seus autores, assim como das editoras que os produzem e tornam públicos e das políticas educativas que os distinguem e implementam. No caso português, no Plano Nacional de Leitura e na leitura obrigatória nos programas de português. Regionalmente no Plano Regional de Leitura da Região Autónoma dos Açores, contextualizado no CREB.

Este preconiza um aglomerado de aprendizagens que contribuirão para o desenvolvimento de competências que se centram na valorização do seu contexto

histórico-geográfico, e inerentemente cultural, e na capacidade interventiva e crítica de atuar sob o mesmo, preservando-o, numa perspectiva de consciencialização da diferença cultural açoriana, integrada num contexto cultural nacional integrador, na perspectiva de José Dias Batista, na sua dissertação de mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares: «esta conceção de “gente esquecida”, mas desejosa de ser reconhecida» (2012, p. 10).

As obras analisadas na presente dissertação, integradas no Plano Regional de Leitura, advém da necessidade de promover um conhecimento alargado das várias parcelas do arquipélago, numa região marcada pelo distanciamento e desconhecimento entre si, buscando-se pontos de confluência entre todas as ilhas para marcar um senso de unicidade territorial e cultural.

O Plano Regional de Leitura assenta numa intencionalização da leitura, ou seja, promove contextos de aplicação e dinamização desta como um instrumento de agregação arquipelágica, na comunhão e partilha da História, da Geografia e da Cultura operacionalizado através de uma listagem de obras de temática açoriana e não exclusivamente de autores açorianos. Na pertinência de que a literatura de qualidade produzida nos Açores e sobre os Açores seja impactante para os leitores, também infantis e juvenis, independentemente do escritor, por forma a combater a iliteracia e promover o conhecimento acerca do arquipélago, considerou-se ser de toda a utilidade versar esta reflexão sobre uma obra regional, optando pela coleção “Férias nos Açores”, da autora Regina Tristão da Cunha.

Regina Tristão da Cunha é uma autora dedicada à escrita da identidade açoriana, em que apela igualmente à leitura e ao registo da memória, atendendo a que cada homem, cada função e cada particularidade valem de modo igual e integram o património açoriano. Orgulhar-se do que constitui o património açoriano passa pela curiosidade, pela atenção ao pormenor de cada coisa que torna a história açoriana única e que faz os açorianos os mais portugueses de todos.

Regina Tristão da Cunha é uma angrense que reside em S. Jorge. No seu currículo, consta uma passagem pela Assembleia Legislativa Regional dos Açores, como deputada pelo PSD, de 1989 a 1993; foi fundadora e presidente da Cruz Vermelha Portuguesa na Vila da Calheta até à data daquelas funções e foi Presidente da Assembleia Municipal da Calheta, mas foi a sua formação e atividade como professora que a inspirou a escrever a coletânea de contos, a concretização de “um sonho”.

Para a autora, segundo entrevista transmitida no programa televisivo *Ler Açores* (Rádio Televisão Portuguesa-Açores, 10 de outubro de 2013), o gosto pela escrita para crianças em idade escolar resultou da sua atividade enquanto professora, uma vez que este era um meio eficaz para enquadrar e associar acontecimentos, pessoas, lugares, monumentos e costumes, de forma a preservar e divulgar um património histórico.

A iniciativa de escrever a coleção teve por base a vontade de dar a conhecer aos jovens a sua regionalidade geográfica, a sua Região, na sua vertente cultural, para que lhes desperte o amor e o orgulho pela sua herança cultural, não ignorando que da sua História fizeram parte heróis, descobridores e gente corajosa, e que reconhecidamente a singularidade do arquipélago é parte importante de um todo que é Portugal.

Na essência, a autora procura colmatar o desconhecimento que os habitantes das nove ilhas dos Açores têm da sua realidade, na medida em que o contacto entre estes ainda é reduzido, subsistindo, porém, dinâmicas muito próprias de contacto, consoante o grupo geográfico (Ocidental, Central e Oriental) em que as ilhas se inserem, promovendo uma dupla aproximação afetiva entre os açorianos «ilhanizados», termo usado por José Manuel Dias Batista na sua dissertação de 2012 *Contributos para uma noção de açorianidade literária*, por comungarem de aspetos muito semelhantes na sua História e vivência quotidiana, independentemente da ilha em que habitam, e entre estes e o seu passado e a sua geografia. Exemplificamos com um aspeto da religião manifesto no culto ao Espírito Santo, sendo a devoção popular mais prezada de todas, relacionando-se com alguns tormentos que martirizaram as populações, designadamente erupções vulcânicas, sismos, pestes e fomes.

4.2 Uma aproximação à coleção “Férias nos Açores”

A memória da ilha é uma temática privilegiada na ficção açoriana, embora de forma crítica, recuando-se, frequentemente, à infância e à adolescência. No caso das obras em questão, a tónica é colocada não neste âmbito, mas numa crónica descritiva de aspetos históricos, onde se procura quebrar o preconceito de marasmo, esquecimento, isolamento e quietude associado ao arquipélago, estabelecendo-se uma relação positiva entre as personagens e os contextos espaciais, embora acentue aspetos como o isolamento e a angústia, conferindo à narrativa um aspeto dualístico e paradoxal. A coleção escrita pela autora, é composta por nove volumes, considerados pela autora como “contos” –

Kathy...em São Miguel, Kathy...em Santa Maria, Kathy...na Terceira, Kathy...na Graciosa, Kathy...no Faial, Kathy...no Pico, Kathy...em São Jorge, Kathy...nas Flores e Kathy...no Corvo – e alicerça-se em três eixos, sendo eles mar, religião e emigração, não se organiza em torno de nenhum acontecimento específico e agregador, sendo o passeio para fins turísticos o fio condutor e a linha coesiva para a exposição da autora.

Neste contexto, a progressão de cada narrativa é pautada pela exploração do espaço de cada uma das ilhas pelas personagens, sendo o diálogo marcado pelo ritmo da exposição/curiosidade (sob a forma de interrogação, o que impele à progressão da ação)/exposição [«Caros meninos... cá estamos na Vila do Porto [...] a primeira Vila fundada nos Açores pelos povoadores [...] - Como terão chegado até aqui? – interveio Fred» (Cunha, *Kathy em Santa Maria*, p. 9)] ou curiosidade/exposição/curiosidade [«O meu pai disse-me que é muito antigo e deve ser, pois aquelas peças não são deste tempo, não é? –Evidentemente! O forte é do século XVI» (Cunha, *Kathy no Faial*, p.12)].

Independentemente da forma como se organiza, o discurso mantém-se centrado nas questões intrínsecas aos aspetos observados no local, embora, e pontualmente, a autora faça alguns paralelismos com a vivência estrangeira da personagem principal, ora para diferenciar os espaços em termos de vivências culturais [«É verdade, tia! Diga-me cá uma coisa! Os Estados Unidos começaram como os Açores? (...) Os Açores, como te deves lembrar, não eram habitados, mas a América já o era pelos nativos» (Cunha, *Kathy em Santa Maria*, p.12)], ora para os igualar, integrando vivências similares [«- Na América, há algum parlamento? – Claro que há» (Cunha, *Kathy em Santa Maria* p. 26)].

Circunscrevendo-se aos limites da ilha, a especificidade da narrativa reside no seu contexto espacial, podendo ser reescrita/reconvertida em outro contexto qualquer. A sua escrita, não reunindo as condições de um conto, nem sendo cativante, roça a crónica, onde desfilam episódios reais da História dos Açores, devidamente documentados, recuperando a memória histórica coletiva para satisfazer a curiosidade de uma descendente americana de açorianos que veio em busca das suas «raízes». A personagem é acompanhada pelo pai, emigrante, que nunca invoca as suas memórias enquanto ilhéu, podendo-se inferir que emigrou cedo para os Estados Unidos da América; pela mãe, cuja nacionalidade não é comentada, contudo, ao proporcionar prontamente esclarecimentos às dúvidas colocadas pela personagem, pressupõe-se que seja também açoriana; pela tia Lyla, norte americana, que veio com os filhos, duas crianças, Mary e Fred, para proporcionar a esses uma mesma experiência de reencontro de raízes e de identidade.

Na essência, as ilhas, ao serem apresentadas como lugares da História e de história, permitem um regresso ao passado e às origens, respetivamente. Kathy, nome da personagem e, simultaneamente, da coleção, é sempre descrita no início da obra, independentemente do volume, para que o leitor compreenda quer o contexto no qual a narrativa se vai desenrolar, quer o porquê da mesma, não havendo continuidade da narrativa de volume para volume (9 no total, um por cada ilha), sendo o seu conteúdo estanque e desaproveitado para se estruturar paralelismos entre as várias ilhas dos Açores. Repete-se a caracterização física «menina de dez anos, alta, loirinha» (Cunha, *Kathy na Graciosa*, p. 3) que será, eventualmente, justificada por uma possível ascendência flamenga, abordada no volume referente à ilha do Faial; a referência à residência na Califórnia, Estados Unidos da América, um dos destinos privilegiados da emigração açoriana [«Pela primeira vez veio passar férias aos Açores, visitando os seus avós paternos que vivem na ilha de São Jorge» (Cunha, *Kathy no Faial*, p. 1)]; a indicação da manutenção dos laços entre famílias que o Atlântico separa e a necessidade de dar a conhecer a herança cultural familiar, apesar da personagem ter nascido e socializado no estrangeiro, o que revela a preocupação e pertinência de se manter a cultura parental num espaço geográfico além-mar – entenda-se que esta necessidade é observável naqueles contextos estrangeiros.

Do ponto de vista da caracterização psicológica, as personagens têm pouca densidade e riqueza. A atribuição da característica da curiosidade à personagem [«tens razão, é por isso que se torna interessante saber o porquê das coisas» (Cunha, *Kathy na Graciosa*, p. 28)] é o pressuposto no qual assenta a coleção, transformando-se numa experiência pessoal de reencontro com as suas raízes, alma açoriana, sendo o ponto central da diegese islenha que se afirma como um retrato da memória coletiva presente em cada ilha. Kathy personifica uma dualidade, muito presente na escrita da autora, que se encontra numa encruzilhada de sentimentos entre o ficar e o ir, tal como os emigrantes açorianos, com uma identidade feita de fragmentos, mas não fragmentada [«logo...tenho muitos bocadinhos – sou americana, sou portuguesa, sou açoriana e agora sou flamenga! Tem piada!» (Cunha, *Kathy no Faial*, p. 56)].

A despedida da Santa Maria, última ilha a ser conhecida, assinalando o regresso ao seu país natal, fica marcada por uma certa tensão de personalidade, surgindo como o momento de maior conflitualidade interior [«E quando o seu olhar, através da vigia do avião, se perdia no aglomerado das nuvens, sentiu que escrever Saudade em português...era escrever Açores» (Cunha, *Kathy em Santa Maria*, p. 58)].

As personagens representativas dos adultos, quer sejam aqueles que acompanham Kathy na viagem, quer sejam os locais que se vão integrando ocasionalmente na narrativa, têm como função a clarificação das questões e curiosidades que vão desabrochando e o enriquecimento cultural da personagem, introduzindo aspetos, em especial do património oral específico da ilha (com relevância para as lendas) e desconhecido pelos adultos que acompanham Kathy, num registo explicativo e pedagógico que, na mesma linha da análise de Bastos (2004, p. 64) para obras com organização similar: «na verdade, grande parte dos segmentos mais relevantes desses episódios resulta de um pedido das figuras infantis, dirigido aos adultos, para que estes clarifiquem ou expliquem determinado aspeto, assumindo assim o papel de contadores de histórias perante crianças ouvintes».

A coleção apresenta uma configuração híbrida, juntando características do livro informativo e documental (por exemplo, nas alusões a acontecimentos verídicos, elementos históricos ou baseados na observação, contemplação do património local), com elementos ficcionais, assentes sobretudo nas personagens e nos trajetos que estas efetuam. Consideramos que é a vertente documental que acaba por imperar, o que justifica a leitura do livro aconselhada na disciplina de História, Geografia e Cultura dos Açores, no 6.º e 8.º anos de escolaridade, substituindo os segmentos definidos para Cidadania na organização curricular dos Açores, fica diluída no objetivo de captar informações para ora estimular ora saciar a curiosidade da personagem principal, seguindo um esquema similar ao que Bastos (2004, p. 65-66) aponta:

Há, diríamos, uma espécie de contrato afirmativo que é repetidamente posto em cena, conduzindo as personagens – e, não podemos esquecer, os leitores visados – de uma posição de menos-saber para mais-saber. Verifica-se quase que uma fobia ao “vazio informativo”, tal a quantidade e a frequência de situações que têm como objetivo mais imediato preencher as lacunas de conhecimento dos jovens protagonistas.

A cadência da escrita apresenta-se despojada, simples, linear, previsível para o leitor, desde o primeiro contato com qualquer um dos volumes, sem qualquer conflitualidade, sendo, todavia, enriquecida por um discurso de pendor descritivo e informativo condensado que valoriza os detalhes das vivências [«segue-se o imperador e as pessoas que levam os açafates com o pão da mesa. A fechar, vêm os carros de bois, com as cangas engalanadas por belos efeitos de flores, transportando pão, carne, vinho e a lenha para a cozedura do jantar» (Cunha, *Kathy no Faial*, p.12) e das paisagens, despertando ideias, sensações, curiosidades, enriquecidas com enumerações, concedendo

veracidade à História, recorrendo-se à explicação de conceitos que se integram no texto para que o discurso faça sentido para o leitor «estalactites são depósitos carbonados que formam colunas de cima para baixo, como que penduradas do tecto, consequentes das águas subterrâneas que se infiltram e percorrem o tecto da gruta» (Cunha, *Kathy em Santa Maria*, p. 47).

Nos livros trabalhados na presente dissertação, a autora percorre três ilhas (Santa Maria, Faial e Graciosa), apresentando três realidades similares que permitem fazer uma leitura de unicidade geográfico-histórica insular, relacionando texto e contexto, recriando a História dos Açores num tempo próprio e integrando a atualidade de forma pontual, mas consentânea e com caráter de continuidade - «No século XVIII, esta cidade tinha um grande comércio marítimo com algumas nações estrangeiras – Antilhas, Inglaterra, França, Rússia e outras [...] Este é um dos 50 bares mais famosos do mundo, bem conhecido dos iatistas estrangeiros [...] a Horta é a cidade açoriana que mais iates recebe (Cunha, *Kathy no Faial*, p. 18).

A ilha, enquanto unicidade territorial, é representada frequentemente de forma fatalista, como espaço enclausurador, castrante, que aprisiona os povoadores, submetendo-os a privações e hostilidades humanas (piratas, corsários, espanhóis) e naturais (vulcões e tremores de terra), onde o passado foi definido pelo peso da geografia, fruto da pequenez do espaço, do isolamento a que o arquipélago estava acometido, desembocando, frequentemente, na resignação da população àquela realidade.

O mar simboliza mais um dualismo na narrativa da autora.

Simbolicamente, é uma fonte de medo, porque se constitui como o acesso fácil e frequente dos piratas e corsários às ilhas, que, sendo agentes da destruição, são, concomitantemente, catalisadores da proximidade e entreaajuda à população, porque esta se mobiliza o num esforço coletivo e cooperativo, adquirindo um sentido de comunidade em prol da defesa e preservação das suas vidas, bens e haveres.

Por outro lado, traz clausura, com a sensação de limite, impotência, isolamento, barreira e insularidade, agindo, simultaneamente, como libertador, ao facilitar a emigração, em especial para os Estados Unidos, permitindo ampliação de horizontes pelos seus habitantes e uma libertação física e espiritual dos grilhões da geografia para que se possam concretizar esperanças que numa ilha não têm lugar [«passando-se muitos jovens para a América através deles. Era o chamado «salto» por ser às escondidas» (Cunha, *Kathy no Faial*, p. 48)]; traz as tempestades que assolam as ilhas, fomentando uma forte religiosidade em busca de proteção. Por outro lado, traz alimento, traz

proximidade entre outros espaços de clausura, entre as outras ilhas, em especial Pico e Faial, formatando até aos nossos dias uma relação de contiguidade e continuidade das gentes.

Numa visão mais abrangente, o mar é um elo de ligação das ilhas com o mundo, devido à localização dos Açores (em particular com o continente Americano) e, ao mesmo tempo, elemento de separação entre as ilhas, devido à sua dispersão (Matos, Meneses e Leite, 2008, p. 10):

O posicionamento privilegiado em pleno Atlântico Norte, favorecido pelo determinismo do mar e pelas condições da navegação, transforma os Açores em meio de aproximação dos continentes, ou seja, em sinónimo de universalidade. Inversamente, o afastamento do mundo e a descontinuidade do território convertem os Açores em agente de cristalização de comportamentos, isto é, em sinónimo de isolamento.

A narração quebra a sensação do isolamento e abandono, enumerando-se as personalidades nacionais e estrangeiras que desembarcaram nas ilhas, adquirindo estas, no discurso do narrador, uma importância redimidora da contingência de ser ilhéu, porque estabelecem a ligação com o exterior longínquo para lá da imensidão do mar, adquirindo aquelas ilhas uma reconhecida importância internacional, conferida, também, pela prestação de muitos açorianos naqueles contextos - «Essa é a do Dr. Manuel Arriaga [...] o primeiro Presidente da República Portuguesa» (Cunha, *Kathy no Faial*, p. 23).

A religião é operacionalizada pela repetição dos rituais para apaziguar a ira divina, conferindo a sensação de conforto e esperança de sobrevivência. Na essência, a religião adquire a sua importância através da geografia e geologia, ou seja, das consequências negativas advindas para uma população rodeada de mar e presa a uma terra vulcânica, estando à mercê das contingências da natureza (Cabral, 2010, p. 19):

Invadidos pelo medo, os habitantes adotam dois sentidos de fuga: um, na horizontal, em direção a espaços abertos, para evitarem ficar debaixo de escombros, e outro, na vertical, em direção à divindade, através de variadas manifestações externas, como orações, promessas, gestos.

Nas três obras lidas, sublinha-se a religião, pela descrição de ermidas, igrejas, pinturas e imagens, entendendo a sua importância como crucial para a formação da identidade açoriana e como traço distintivo da sua cultura manifestado no seu património arquitetónico, oral (especificamente lendas) e etnográfico, que ainda perdura nas gentes do arquipélago [«mas saber que nesta quadra, em todas as ilhas dos Açores, em todas as

freguesias, em todos os Domingos, em todas as igrejas, se festeja o Divino Espírito Santo, é uma coisa extraordinária e única! De facto, é uma grande festa de fé, a fé do povo açoriano! E mais! Se a praticam desde o povoamento, é bom que se pense nisso, é porque Deus atende aos seus pedidos de aflição!» (Cunha, *Kathy em Santa Maria*, p. 42)].

A emigração, aspeto muito marcado na literatura açoriana, é muito retratada no q quanto à sua partida, mantendo-se uma visão idealizada da América, terra de origem da personagem principal, como o destino preferido, em especial pela facilidade de lá desembarcar, aquando da ida com os barcos da caça à baleia [«tinham emigrado para New Bedford e Nantucket, na «América de Baixo», virada ao Atlântico, e para a Califórnia (...)» (Cunha, *Kathy no Faial*, p.48). Para Cabral (2010, p. 125):

Trata-se, pois, de um lugar onde não existem a pobreza, a fome, a dificuldade de sustentar os filhos, uma terra que oferece um futuro radioso a todos os açorianos que decidem partir [...] com terras ainda por desbravar e riquezas por explorar, atractivos para massas de emigrantes que partiram.

A temática da emigração também é observada no desejo acalentado de regresso ao arquipélago, registando-se, novamente, a dualidade conflitual de sentimentos. A ilha é um lugar de partida (fruto da emigração), mas também um lugar de regressos (paradoxalmente, da emigração), de afetos [«ficaram alojados [...] na residência de uns amigos da tia Lyla, lá da Califórnia» (Cunha, *Kathy em Santa Maria*, p. 9)].

Ao longo da obra, o texto icónico correlaciona-se com o linguístico, recriando a prosa narrativa, não lhe acrescentando, todavia, nenhum elemento, recriando o conteúdo «assim, as ilustrações desenvolvem sugestões fornecidas pelos textos, mantendo-se, contudo, fiéis ao género textual em causa» (Ramos, 2012, p. 147). Contudo, na contracapa, surge um conjunto de imagens isoladas dos respetivos contextos espaciais, imagens que invocam aspetos característicos da ilha no âmbito da arquitetura (moinhos, fachadas de casas senhoriais, ermidas, igrejas, chaminés), religiosidade (procissões, cultos), artesanato, economia (agricultura, olaria) e natureza, e que podem propiciar explorações diversas por parte do leitor, estimulando a sensibilidade estética e a desenvoltura de uma pré-leitura. As ilustrações apresentam preocupações ao nível do pormenor, permitem ao leitor identificar espaços, situações, lugares e pessoas importantes, que vêm sendo enunciadas ao longo de toda a narrativa, e consideram-se apropriadas para que se estabeleçam pontos de referência visuais, a nível temporal e espacial, que por sua vez também permitem imaginar para além do que é escrito.

Para além destes aspetos pictóricos, em todos os volumes da obra, surge sempre um mapa desenhado manualmente, onde constam as nove ilhas dos Açores, para compreender a posição de umas relativamente às outras, e um outro maior da ilha em questão, assinalando-se as freguesias, vilas/cidades, para que os leitores possam seguir o itinerário evidenciado na narrativa.

Simultaneamente, a coletânea é marcada por imagens inexpressivas, cujos rostos foram concebidos propositadamente em branco, sendo impossível ao leitor fazer uma leitura ou inferência do comportamento das personagens se não se socorrer do registo escrito - «no livro para adultos a ilustração em geral é um luxo. No livro para crianças é uma necessidade. Por isso, o ilustrador deve ser um verdadeiro pintor, um verdadeiro artista» (Mello Breyner, 1980, p. 44).

Na globalidade, a autora faculta o conhecimento pormenorizado do arquipélago, usando uma linguagem acessível, nos seus aspetos geológicos, económicos, históricos e patrimoniais. A narrativa promove no leitor a capacidade de relacionar o texto lido com situações do seu quotidiano, favorecendo a correlação de fatos sociais e políticos, permitindo a ampliação do horizonte de ideias. O uso de uma personagem emigrante sugere um interesse internacional pela história do arquipélago e uma ligação familiar ainda intensa, apesar da distância entre o arquipélago e os Estados Unidos da América.

Ao apresentar um volume para cada ilha, a autora promove uma continuidade cultural entre as nove ilhas, que, apesar de territorialmente dispersas, constroem uma unicidade em termos culturais, foca as especificidades de cada uma delas, justificando as suas características com a própria geografia. Apresenta um roteiro histórico que permite ao leitor adquirir um conjunto de informações específicas de parcela territorial que, na essência, são comuns a todas as outras, permitindo ao leitor insular um conhecimento das ilhas que compõem o seu arquipélago, fazendo coexistir a noção de progresso e continuidade com o imperativo de preservação histórica, onde o património espelha um passado que no presente continua a ter sentido, sendo uma marca do progresso e da vivência. E é neste contexto de preservação patrimonial e cultural que a obra é parte integrante do Plano Regional de Leitura, cujos critérios de seleção assentam, predominantemente, no interesse cultural, qualidade literária e rigor científico.

No entanto, a análise não ficaria completa sem a apresentação de um conjunto de vulnerabilidades que podem obstar a uma leitura plena e prazerosa. A estrutura narrativa apresenta-se como repetitiva e monótona, com um carácter de ludicidade reduzido, demonstrando muita fragilidade, em parte, por estar desprovida de enredo, intriga ou

aventura que pudesse agregar o discurso, tornando-o apelativo e dinâmico. A narrativa não proporciona uma sequência de acontecimentos que pudessem catalisar emoções, dificultando a adesão ao texto por parte do leitor. Centra-se num patamar de leitura crua para obter informações e para apreensão de novos conhecimentos.

Basicamente, a diegese funciona como um espaço simbólico de reencontro familiar e de reconciliação cultural de uma descendente de emigrantes que, ao buscar as suas «raízes», se afirmará como produto de uma bi-culturalidade. A narrativa oscila entre a revisitação de um quotidiano passado, invocado para explicar o presente, quer na herança que ficou de outrora, quer na vivência das gentes açorianas na atualidade, perpassando a ideia de que a identidade açoriana foi moldada simultaneamente a partir de condições históricas, geográficas e geológicas singulares, à maneira da açorianidade de Nemésio, na ótica de Batista (2010, p. 95):

esta consciência de isolamento e de solidão insular perante o mundo é marcada pela ação do clima, através da humidade e das tempestades, pela presença do mar, pelos sismos e vulcões, marcas que produziram os seus efeitos na construção do carácter do homem ilhéu.

A religião, o mar, a emigração e a valorização patrimonial específica de cada uma das ilhas são os elementos centrais da narrativa, indo ao encontro dos propósitos do Plano Regional de Leitura, que considera a indispensabilidade de uma Literatura Infantil e Juvenil para a criação de ambientes diversificados de estímulo à leitura - «uma luta em nome do bem-estar, crescimento e identidade dos açorianos, assim como da sua inclusão ativa no património cultural da humanidade» (PRL, 2011/2012, p. 3).

Parte II

Estudo Empírico

1. Introdução ao estudo empírico

Como referimos na nossa introdução, a presente dissertação, pretende ser um contributo para uma exemplificação de estratégias de instalação de um projeto de foro regional (o PRL), que encontra num de âmbito nacional a sua referência. Este trabalho desenvolveu-se na Escola Básica e Secundária do Nordeste, no clube de leitura da Biblioteca Escolar, constituído por alunos de 5.º e 6.º anos de escolaridade.

Na parte empírica focámo-nos na dinamização da obra referenciada nas listagens do PRL e atrás mencionada, para 2.º ciclo, como obra de leitura orientada, e procurámos perceber que impacto teve na formação literária e cultural do aluno enquanto cidadão açoriano. Perante esta opção estratégica de trabalho, de estreitar o foco de análise, surgiram questões que pautearam a investigação e que surgiram de uma reflexão relativa à distância que poderá existir entre a conceção e o (in)sucesso do Plano Regional de Leitura na Biblioteca Escolar/Municipal de Nordeste, pois o ato de legislar não obriga necessariamente ao sucesso da implementação de nenhum projeto ou ideal. Será esta a situação observável em contexto concreto do PRL?

Definimos assim os seguintes objetivos para a investigação empírica:

- A coleção do Plano Regional de Leitura “Férias nos Açores” promoveu um alargamento no conhecimento que os alunos possuíam acerca da História, Cultura e Geografia de outras ilhas do arquipélago dos Açores que não a sua?
- A coleção do Plano Regional de Leitura “Férias nos Açores” contribuiu para a consciencialização nos alunos de que as outras ilhas dos Açores formam uma unidade Histórica, Cultural e Geográfica com a sua?
- A coleção do Plano Regional de Leitura “Férias nos Açores” favoreceu e melhorou o gosto e o prazer pela leitura, em específico, das obras do Plano Regional de Leitura? (Na prática, pretende confirmar se aos alunos for apresentada uma temática de índole regional, acresce o gosto e o prazer da leitura e, simultaneamente, enriquece o conhecimento de um arquipélago disperso em que cada uma das ilhas apresenta uma individualidade própria num contexto regional.)

2. Aspetos Metodológicos

Para o desenvolvimento do estudo empírico considerámos que os procedimentos integrados na investigação-ação seriam os mais adequados. Ainda no âmbito metodológico, socorremo-nos de um tipo de investigação mista, apoiando-se numa metodologia qualitativa, de forma a compreender de uma forma global a situação/experiências em questão, em função dos objetivos definidos através da recolha, análise, descrição e interpretação de dados, e quantitativa, permitindo-nos ilustrar e analisar uma dada situação real, comprovando a teoria, recolhendo dados para a confirmar ou infirmar.

Reichardt e Cook (1986), citados por Hermano Carmo e Manuela Malheiro Ferreira (2008), consideram que um investigador, para potenciar a sua investigação, não tem de aderir rígida e necessariamente ao paradigma qualitativo em detrimento do quantitativo, ou vice-versa; pode optar por uma combinação entre ambos. Esta perspetiva aplica-se à escolha do método de recolha de informação, podendo, da mesma forma, combinar o emprego dos dois.

O percurso desenvolvido baseou-se assim num processo de investigação-ação (IA), que partiu da ideia de explorar algumas das obras recomendadas pelo PRL no Clube de Leitura, especificamente as que estão englobadas na coleção “Kathy nos Açores”. Pretendeu-se aferir o prazer da leitura e as aprendizagens consumadas por aqueles alunos, nos aspetos que incidem na da Insularidade, na História, na Geografia e na Cultura do arquipélago, a articulação da leitura destas obras com o currículo, no âmbito de disciplinas como Português, História e Geografia de Portugal e História, Cultura, Geografia dos Açores, e promover apresentações das leituras através de suportes informáticos a públicos diferentes. Para tal, propusemos a leitura de uma das obras recomendadas no PRL (num total de 3 volumes), a uma turma de 5.º ano de escolaridade, que integra o Clube de Leitura, e o preenchimento posterior de guiões de leitura cujo conteúdo será partilhado no dito clube e aplicamos um inquérito por questionário para aferir as aprendizagens feitas pelos alunos após a leitura e discussão dos resultados desta.

Para Coutinho *et al.* (2009), a I-A pretende ser crítica, por um lado e operacional, por outro, tendo dois objetivos fulcrais: compreender, melhorar e reformar práticas e promover uma intervenção em pequena escala no funcionamento de entidades reais e análise pormenorizada desta. Partindo das propostas de diversos autores, considera-se que

a I-A aponta para uma agregação de metodologias que incidem no binómio ação ou investigação, investindo numa reflexão sobre as práticas: “O essencial na I-A é a exploração reflexiva que o professor faz da sua prática, contribuindo, dessa forma, não só para a resolução de problemas como também (e principalmente!) para a planificação e introdução de alterações dessa e nessa prática” (2009, p. 360).

Baseando-se em diversos autores, Coutinho *et al.* (2009) apontam algumas características fundamentais da I-A para a resolução de problemas reais ao abrigo de uma metodologia de pesquisa essencialmente prática:

- a) participativa e colaborativa: no sentido em que implica todos os participantes no processo. Todos são coexecutores na pesquisa. O investigador não é um agente externo que realiza investigação com pessoas, é um co investigador com e para os interessados nos problemas práticos e na melhoria da realidade;
- b) prática e interventiva, pois não se limita ao campo teórico, a descrever uma realidade. A ação tem de estar ligada à mudança e é sempre uma ação deliberada;
- c) cíclica, porque a investigação envolve uma espiral de ciclos, nos quais as descobertas iniciais geram possibilidades de mudança, que são então implementadas e avaliadas como introdução do ciclo seguinte. Temos assim um permanente entrelaçar entre teoria e prática;
- d) crítica, na medida em que a comunidade crítica de participantes não procura apenas melhores práticas no seu trabalho, dentro das restrições sociopolíticas dadas, mas também atuam como agentes de mudança, críticos e autocríticos das eventuais restrições. Mudam o seu ambiente e são transformadas no processo;
- e) autoavaliativa, porque as mudanças são continuamente avaliadas, numa perspetiva de adaptabilidade e de produção de novos conhecimentos.

Consideramos que recorrer a uma investigação em que coexista uma abordagem qualitativa e quantitativa se coaduna com os propósitos aqui elencados. De acordo com Paula Oliveira, em *Metodologias de Investigação em Educação* (2006:12)

O recurso a uma metodologia de investigação mista, que contempla a aplicação de metodologias qualitativas e quantitativas, pode ser um meio para analisar um mesmo fenómeno sob diferentes perspetivas, o que poderá enriquecer o processo de investigação, na medida em que se postula a complementaridade entre ambas as metodologias e não seu antagonismo.

Esta abordagem quantitativa será complementada por uma qualitativa, para que se possa caracterizar as atividades propostas no contexto do PRL através dos relatórios de desempenho que a escola possa possuir realizados após a concretização das atividades, e da análise dos inquéritos por questionário, realizados pelos alunos no âmbito da leitura no clube de leitura de (3) volumes da coletânea *Kathy nos Açores*, sendo esta uma das técnicas mais utilizadas, pois permite obter informação sobre determinado fenómeno, através da formulação de questões que refletem atitudes, opiniões, perceções, interesses e comportamentos de um conjunto de indivíduos em determinado contexto.

A abordagem qualitativa permite a compreensão de temas numa forma mais ampla, subjacentes a um contexto específico, admite maior potencial de revelação do fenómeno social estudado, maior conexão de significados com a realidade pesquisada, e os dados podem ser utilizados para estudos de todo o processo. Simultaneamente, respeita as especificidades de cada caso, mas também explora os significados particulares que são produzidos naquela ocasião.

Raymond Quivy e Luc Van Campenhoutd (1998) consideram que à escolha e organização de todo o processo de apropriação de informação através da leitura devam presidir critérios bem estruturados, destacando-se a ligação desta à questão inicial e orientadora de toda a investigação; uma dimensão razoável para evitar sobrecarga de leituras, muitas vezes desnecessárias e que possam deturpar o sentido inicial da investigação; privilegiar textos de análise e interpretação e não apenas os de descrição, incluindo-se, desta forma, abordagens diversificadas do fenómeno em estudo.

As leituras que propiciarão uma análise documental ou de conteúdo, que no ponto de vista dos autores de *Revisão da Literatura e sistematização do conhecimento* (2010, p. 36), «a análise documental precede e prepara uma boa análise de conteúdo. A análise documental traduzirá o tratamento prévio fundamental e indispensável que permitirá posteriormente a realização da análise de conteúdo». Todavia, perante a análise feita remanesce a imperatividade de manusear e rentabilizar todo o trabalho desenvolvido, e é neste contexto que o investigador necessita de se apropriar de um conjunto de técnicas ou metodologias marcadas pela eficácia e assertividade, considerando os registos uma fórmula eficaz para o efeito. Ao observarem e caracterizarem quatro tipos de anotações – citação, paráfrase, resumo e avaliação crítica -, asseguram a qualidade e a clareza da pesquisa ao investigador, que tomará sentido e corpo numa peça que será ela própria, de

acordo com a qualidade que apresenta, objeto de uma revisão de literatura e sistematização do conhecimento.

Paralelamente, o questionário é um dos processos de recolha de dados mais aplicado na investigação.

Contudo, o mesmo deverá obedecer a uma estrutura e linguagem próprias, destacando-se alguns aspetos:

- os dados biográficos dos inquiridos podem ser registados no início ou no fim do questionário;
- a extensão do questionário deve ter em atenção o público a quem se endereça, sendo consensual que o seu preenchimento não deva ultrapassar 45 minutos, sob pena dos inquiridos dispersarem a sua atenção e interesse;
- as primeiras questões devem ser pautadas pela simplicidade e objetividade, evoluindo à medida do questionário para questões mais íntimas e mais complexas;
- o vocabulário usado deve ser do conhecimento do inquirido e dominado pelo mesmo;
- as questões, devem ser curtas, claras, sem repetições e sequenciais;
- nas questões mais pessoais de natureza ideológica, religiosa, política e outras, deve registar-se um parágrafo introdutório para preparar o inquirido da mudança de plano para mais íntimo.

De uma forma objetiva, na ótica de Tânia Oliveira (2013⁹, O investigador, na elaboração do questionário, deverá atender aos princípios básicos seguintes:

- Princípio da Clareza (questões claras, concisas e unívocas);
- Princípio da Coerência (respostas coerentes com a intenção da própria pergunta);
- Princípio da Neutralidade (libertar o inquirido do referencial de juízos de valor ou do preconceito do próprio autor).

O inquérito por questionário, como qualquer outra técnica de recolha de dados, apresenta aspetos vantajosos e menos vantajosos na sua conceção, aplicação e leitura: a morosidade no processo de elaboração e testagem de itens; a elevada taxa de questões que não obtêm resposta; alguma dificuldade na interpretação das respostas apresentadas; a possibilidade de os inquiridos delinear as suas respostas de acordo com as expectativas daquele que implementa o inquérito e não de acordo com o seu pensamento: a opinião e

a probabilidade das questões do inquérito não estarem formuladas adequadamente e o inquirido não conseguir obter apoio.

Contudo, perante os objetivos apresentados para a consecução da presente dissertação, e estando consciente das questões atrás elencadas, cremos que as vantagens trazidas pelo inquérito são definitivamente superiores aos inconvenientes que o mesmo pressupõe, na medida em que: possibilitam recolher informação de um elevado número de respondentes ao mesmo tempo; permitem uma rápida recolha de informação, um custo reduzido, uma maior sistematização dos resultados fornecidos, assim como uma maior facilidade de análise. Tal como afirmam Carmo e Ferreira (1998, p. 167), “o inquérito apesar de todas as limitações apontadas ao seu valor intrínseco enquanto técnica de investigação empírica, a sua natureza quantitativa e a sua capacidade de *objetivar* informação conferem-lhe o estatuto máximo de excelência e autoridade científica.”

Segundo Sousa (2005), o inquérito procura estudar opiniões, atitudes e pensamentos de uma determinada população e expressa-se, geralmente, em percentagens. É um método em que o investigador vai elaborar uma série de perguntas ao investigado, com o intuito de conseguir obter informações sobre aspetos pessoais e profissionais da sua vida, ou algo de mais específico, segundo a perspetiva do investigador e a natureza da sua investigação. O objetivo é o de conhecer melhor uma determinada população, através das suas opiniões, modos de vida e comportamentos

No nosso caso, a distribuição do inquérito foi feita de forma presencial e direta, factos que consideramos vantajosos, na medida em que tivemos a oportunidade de esclarecer junto dos inquiridos os objetivos do estudo, assegurando o anonimato dos mesmos, para que pudessem responder aos inquéritos de forma verdadeira e conscienciosa, sendo que o contacto pessoal facilitou uma maior colaboração. É de registar que todos os dezasseis alunos responderam aos inquéritos.

Relativamente aos inquéritos aplicados aos alunos que integram o Clube de Leitura, considera-se-poderiam focar aspetos que possibilitem perceber os seus hábitos e gostos de leitura e aferir as aprendizagens feitas com a leitura da obra do PRL, em consonância com o estipulado nos objetivos gerais daquele, possibilitando a recolha de informações sobre um número razoável de indivíduos, permitindo comparar as respostas dos inquiridos e admitindo a generalização dos resultados da amostra para a totalidade da população.

O primeiro inquérito por inquérito a ser aplicado, antes da leitura das obras específicas analisadas, incidiu sobre os hábitos de leitura (anexo III), procurando extrair informações que nos permitissem traçar o perfil dos alunos enquanto leitores (comportamento leitor) ao:

- aferir os hábitos de leitura no(a) aluno (a);
- compreender a importância que o(a) aluno(a) atribui à leitura;
- identificar quem, ao longo do seu percurso escolar, incentivou mais o(a) aluno(a) à prática da leitura;
- procurar relacionar e compreender até que ponto os hábitos de leitura dos familiares poderiam ter influenciado os hábitos de leitura dos seus educandos.

O segundo inquérito por questionário (inquérito IV), aplicado após a leitura das obras, preenchimento dos guiões de leitura respetivos e apresentação dos trabalhos aos membros do Clube de Leitura e às outras turmas de 6.º ano de escolaridade, procurou:

- avaliar o conhecimento que o(a) aluno(a) tinha acerca do PRL;
- compreender a importância que o(a) aluno(a) atribui ao PRL;
- perceber a relevância que a dinamização da leitura da coleção “Férias nos Açores” teve na consciencialização de se ser «ilhéu»;
- compreender o impacto que a dinamização da leitura da coleção “Férias nos Açores” teve no reforço do gosto/prazer na leitura de obras do PRL

3. O Clube de Leitura - projeto de dinamização a partir da coleção “Férias nos Açores”

3.1 Apresentação do projeto

No início do ano letivo de 2016/2017, foi-nos atribuída a turma B de 5.º ano de escolaridade, para lecionar a disciplina de Português, área curricular não disciplinar de Cidadania, e o cargo de Direção de Turma. A turma, como atrás já foi indicado, era constituída por 17 alunos.

Após a observação da distribuição horária da dita turma, ficou patente que os alunos às quintas-feiras terminavam as suas atividades letivas às 15h.10m, tendo transporte escolar apenas 45m mais tarde, ou seja, às 15h.55m, e surgiu a necessidade de ocupar este espaço de tempo com atividades lúdico-pedagógicas, no caso específico, com o Clube de Leitura, que decorreu entre 29 de setembro de 2016 e 8 de junho de 2017, num total de 30 sessões (descontando-se as interrupções letivas e feriados). No ano letivo de 2017/2018, o Clube de Leitura funcionou nos mesmos moldes do que acontecera no ano letivo anterior, ocupando-se, para continuar a desenvolver as atividades relacionadas com a presente dissertação, 24 sessões, compreendidas entre os dias 21 de setembro de 2017 e 23 de março de 2018. No total, foram investidas 45 sessões, sendo que o restante tempo do Clube de Leitura foi ocupado em atividades paralelas, a título de exemplo, a organização de um *peddy paper* literário, Olimpíadas da Leitura e promoção do livro e da leitura.

Após a proposta desta atividade aos pais e encarregados de educação, obtivemos a autorização para que todos os alunos a frequentassem, tendo-lhes sido previamente informado (quer àqueles encarregados de educação quer aos alunos) que se desenvolveria, não apenas, mas essencialmente, o projeto de leitura de 3 volumes de uma coleção recomendada pelo PRL e que a mesma seria objeto de estudo.

Na fase inicial, consideramos pertinente que todos os alunos lessem os volumes selecionados da coleção “Férias nos Açores”, especificamente *Kathy em Santa Maria*, *Kathy na Graciosa* e *Kathy no Faial*, para que pudessem adquirir a noção de dispersão arquipelágica, numa primeira fase e, numa segunda fase, que esta pudesse ser esbatida e superada, adquirindo-se um conceito de unicidade territorial e geográfica Histórica, Cultural e Geográfica, ao reconhecer-se aspetos históricos, culturais, geográficos e

religiosos que perpassam cada uma das unidades territoriais que compõem os Açores, numa dualidade de individualidade e complementaridade.

Os primeiros obstáculos surgiram no momento de encontrar os volumes da dita coleção, pois os mesmos não só não se encontram à venda ao público, pois já não se editam, como são poucas as bibliotecas que os possuem para empréstimo domiciliário. No nosso caso específico, ao longo de todo o período em que decorreram as atividades (2016/2017 e 2017/2018), a Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada e a Biblioteca Escolar da Escola Básica Integrada da Ribeira Grande disponibilizaram exemplares para o nosso estudo.

A natureza da obra selecionada pressupõe uma leitura para aquisição de conhecimentos, o que na perspetiva de Encarnação Silva *et al.*, no *Guião de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico* (2011, p. 10), fundamenta-se nos seguintes aspetos:

Ler para adquirir conhecimentos mais aprofundados sobre um determinado tema. Trata-se de uma leitura para informação detalhada. Implica localização, seleção e organização de informação, obrigando a recorrer a estratégias diversas para gestão da informação de acordo com o objetivo em vista: adquirir conhecimentos para o próprio ou documentar-se para divulgar a informação junto de outros. Este tipo de leitura, para se realizar com eficácia e autonomia, supõe que haja acompanhamento por parte do professor (presencial e ou apoiado em guiões) e ensino explícito de estratégias de localização, seleção e organização de informação. Neste contexto, saber utilizar sublinhados, palavras-chave, tomar notas, fazer esquemas diversos, realizar sínteses são conteúdos procedimentais que é preciso dominar.

3.2 Caracterização do contexto e participantes no projeto

O projeto de dinamização da leitura foi implementado na Escola Básica e Secundária do Nordeste, ilha de São Miguel. Até há bem pouco tempo, aquele concelho era designado de «10.^a ilha» por ser o mais distante e de pior acesso no contexto da ilha.

Vila quinhentista por carta régia do Rei D. Manuel I, desde 18 de julho de 1514. Situado no extremo Oriental da Ilha de São Miguel, abrangendo a sua costa norte/nordeste, este concelho tem uma área de 101 Km², nove freguesias (Achada, Achadinha, Algarvia, Lomba da Fazenda, Nordeste Vila e Lomba da Pedreira), Salga, Santana (Feteira Grande e Feteira Pequena), Santo António de Nordestinho e São Pedro de Nordestinho. Até Julho de 2002, as freguesias de Algarvia, Santo António de Nordestinho e São Pedro de Nordestinho integravam uma freguesia maior, chamada Nordestinho, entretanto desmembrada e uma população próxima dos cinco mil habitantes, cujas

atividades profissionais incidem no sector primário – agricultura e pecuária. Relevo bastante acidentado, em grande parte devido às várias erupções vulcânicas a que esteve sujeito, mas que lhe confere uma beleza natural única.

O município é limitado a sul pelo município da Povoação e a oeste pela Ribeira Grande e tem costa no oceano Atlântico a norte e leste.

Em termos de população estudantil, e no ano letivo 2017/2018, contabilizaram-se 316 alunos, nos ensinos pré-escolar (93 alunos) e 1.º ciclo (223 alunos), e que se dividem por cinco freguesias (Salga, Achadinha, Algarvia, Lomba da Fazenda e Vila do Nordeste, sendo que, ao longo do tempo, se tem assistido ao encerramento de estabelecimentos de ensino de Ensino Básico de 1.º ciclo e Jardim de Infância, devido ao decréscimo acentuado do alunos no concelho), e 411 alunos distribuídos pelo 2.º ciclo (9 turmas, incluindo 3 de Educação Especial), 3.º ciclo (9 turmas) e secundário (8 turmas).

Da Unidade Orgânica fazem parte, como atividades complementares, o Clube do Empreendedorismo, o Clube Forte Musical, o Clube de Leitura, o projeto Eco-Escolas e as Oficinas de Aprendizagem.

O Clube de Leitura integrou, quer no ano 2016/2017, quer no ano 2017/2018, os alunos da turma 5.º B e, posteriormente, 6.º B, como atrás já referenciado, 8 rapazes e 10, raparigas e no ano subsequente com menos dois elementos (sexo masculino) por retenção e por incompatibilidade de horário.

Nos dois anos que compõem o 2.º ciclo, sendo o período em que a presente dissertação se desenvolveu, permaneceram no Clube de Leitura 16 alunos, e foi com este grupo que se dinamizaram todas as atividades relacionadas com as obras em questão.

Os membros do Clube de Leitura incorporaram a faixa etária entre os 9 e os 11 anos de idade (2016), havendo apenas cinco alunos com uma retenção no seu percurso escolar.

Quanto às habilitações académicas dos pais/encarregados de educação, são bastante heterogéneas, oscilando entre a conclusão de 1.º ciclo (6 pais e 0 mães) e conclusão do ensino superior (2 pais e 4 mães), passando pela conclusão dos 2.º (1 pais e 3 mães) e 3.º (4 pais e 4 mães) ciclos e ensino secundário (4 pais e 6 mães). Ainda nos aspetos que caracterizam o agregado familiar, a média de idade da figura paterna é de 39.3 anos e das mães de 37.4 anos.

Para Luís Filipe Barbeiro e Maria José Gamboa (2014, p. 1):

A leitura constitui hoje um dos grandes desafios da escola, o que coloca em questão ao que poderá fazer para ajudar os alunos e as alunas a tornarem-se leitores e leitoras ao longo do seu ciclo vital. Conhecer as práticas de leitura dos seus alunos é um ponto de partida.

Neste contexto, consideramos importante aferir os hábitos e gostos de leitura dos alunos membros do Clube, para traçar o perfil do aluno leitor e perceber que trabalho fora feito, quer ao longo do 1.º ciclo quer no seio familiar, na promoção da leitura por prazer e/ou na promoção de condições para os educandos acederem a obras literárias açorianas, entendendo a leitura como uma prática que transcende o âmbito escolar e a circunscrição da responsabilidade da promoção daquela apenas aos estabelecimentos de ensino e, simultaneamente, criar um espaço para introduzir ou continuar a aplicar atividades que promovam o PRL.

O primeiro questionário, baseado no elaborado por Maria Cândida Alves dos Santos, para consecução da sua dissertação para grau de mestre *Adaptação do Plano Nacional de Leitura em Contexto Açoriano*, foi estruturado com dez itens, todos eles com opções de resposta, distribuídos por três dimensões:

- aferir os hábitos de leitura no(a) aluno (a);
- compreender a importância que o(a) aluno (a) atribui à leitura;
- identificar quem, ao longo do seu percurso escolar, incentivou mais o(a) aluno(a) à prática da leitura.

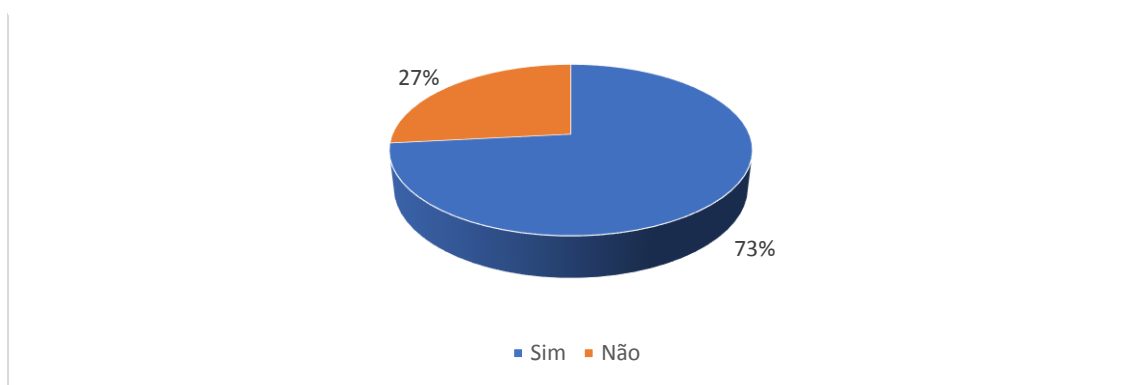
Das doze questões, quatro são colocadas sob forma de afirmação e oito são apresentadas sob a forma de interrogação, sendo que os alunos tinham um conjunto de opções de resposta, salvaguardando-se, porém, a possibilidade de eles próprios redigirem a sua resposta.

Para o preenchimento do questionário, foi solicitado o consentimento informado aos respetivos pais/encarregados de educação, unanimemente dado, sendo o mesmo preenchido no mês de outubro de 2016, individual e livremente.

3.3 Análise do inquérito por questionário I

Os dados recolhidos através do primeiro questionário aplicado foram tratados e apresentamos em seguida em forma de gráfico, seguido dos comentários sugeridos pelos resultados obtidos, que articulamos com outros estudos, em especial o que foi apresentado em 2007 no âmbito do PNL.

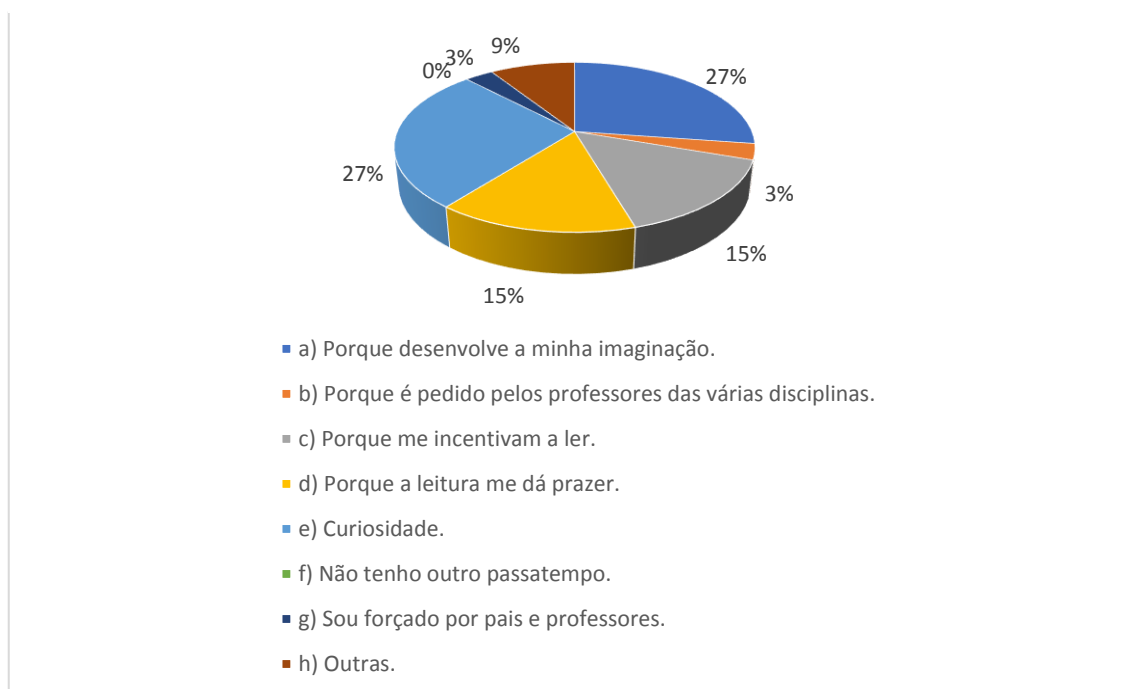
Gráfico I - Hábitos de leitura.



No primeiro item apresentado - *Costumas dedicar-te à leitura?* – observa-se que a percentagem daqueles que o fazem é consideravelmente superior àquela dos que não veem na leitura uma opção. Perante estes resultados, acalentámos a expectativa de que os 27% apresentados, no rescaldo das atividades desenvolvidas no Clube de Leitura, sofressem uma conversão para leitores não de ocasião, mas de opção.

Estas respostas confluem com as obtidas no estudo intitulado *Os Estudantes e a Leitura*, promovido pelo Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação, de 2007, em que os alunos inquiridos de 2.º ciclo demonstraram ter atitudes positivas em relação à leitura.

Gráfico II – Razões para a prática da leitura.



No segundo item do questionário - *Se respondeste Sim, indica as razões* –, podemos observar que a leitura se tornou uma opção por parte do aluno, na medida em que este reconhece a sua importância para o desenvolvimento da sua imaginação e criatividade, assim como o livro em si. Presumimos que pelo título e aspeto gráfico da capa, é um objeto que suscita curiosidade, impelindo-o à leitura. Paralelamente, não podemos descurar a consciência mostrada ao considerar que os seus hábitos de leitura advêm, também, dos incentivos que recebem, tornando-a uma prática recorrente, reconhecendo-a como uma fonte de prazer.

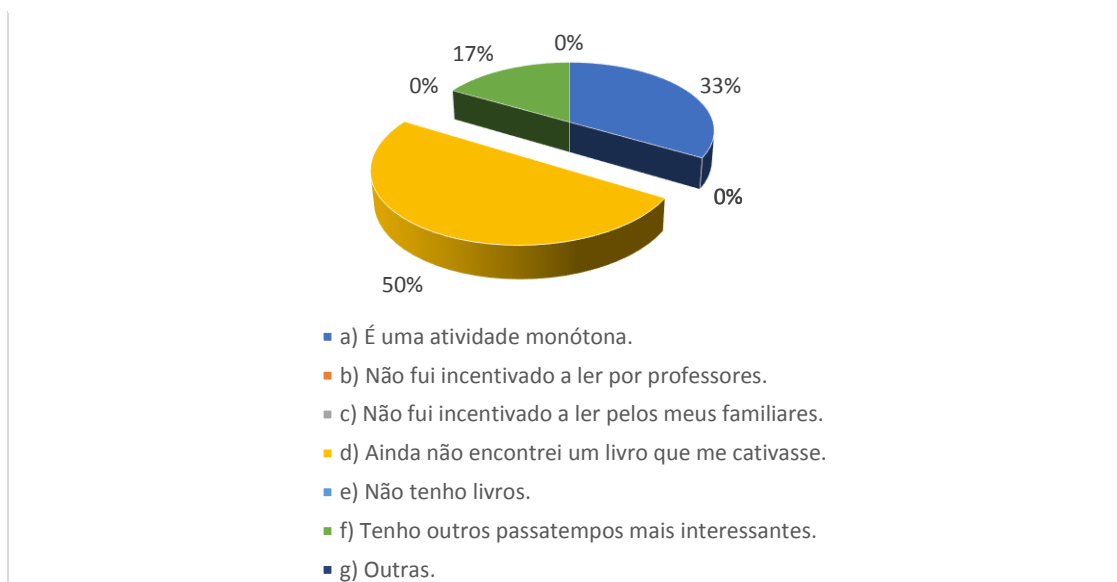
Fica, no entanto, patente a realidade daqueles que encaram a leitura como uma ação imposta pelos docentes (cerca de 6%) tornando-se a escola, em particular o Clube de Leitura, a única forma de interação desses alunos com a leitura de cariz mais livre.

No estudo promovido pelo PNL, da autoria de Mário Lages *et al.* (2007, p. 27), refere-se o seguinte, a propósito dos elementos que influenciam a leitura:

Mas se tanto a emergência do gosto de ler como a sua prática e hábito têm origem nas características pessoais, a sua sobredeterminação é produzida pelo contexto envolvente, onde as culturas familiares, grupais e escolares, embora com peso dissemelhante, assumem papel de enquadramento. Vindo, pois, os factores pessoais em primeiro lugar, por estarem mais imediatamente ligados à produção das atitudes concretas, o que os define e sobredetermina são as condições familiares de socialização. Só depois delas é que aparecem as grupais, ao nível das

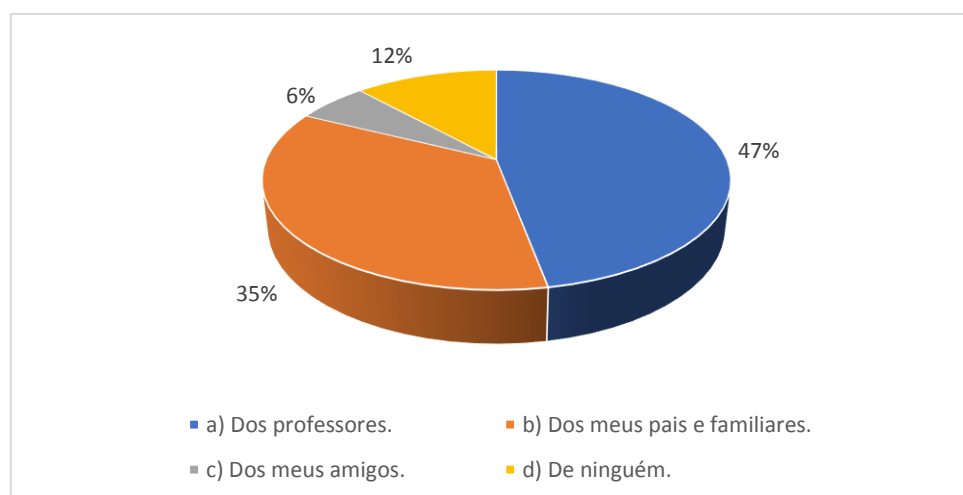
relações face-a-face em que muitas atitudes se confirmam (mesmo contra a herança ética familiar, nos agrupamentos do tipo bando), e as escolares, que introduzem uma segunda dimensão institucional no reforço, anulação ou confirmação de apetências mais ou menos consolidadas.

Gráfico III - Inexistência de hábitos de Leitura



No terceiro item de resposta, que pretende perceber as razões que levam ao aluno a não se dedicar à leitura - *Se respondeste Não, indica as razões* -, destacam-se duas opções, aquela a que o aluno se refere ao facto de não ter encontrado um livro com o qual tenha desenvolvido uma ligação emocional, uma vez que a leitura é, acima de tudo, uma experiência pessoal e com a ausência do livro, enquanto objeto acessível, do seu domicílio.

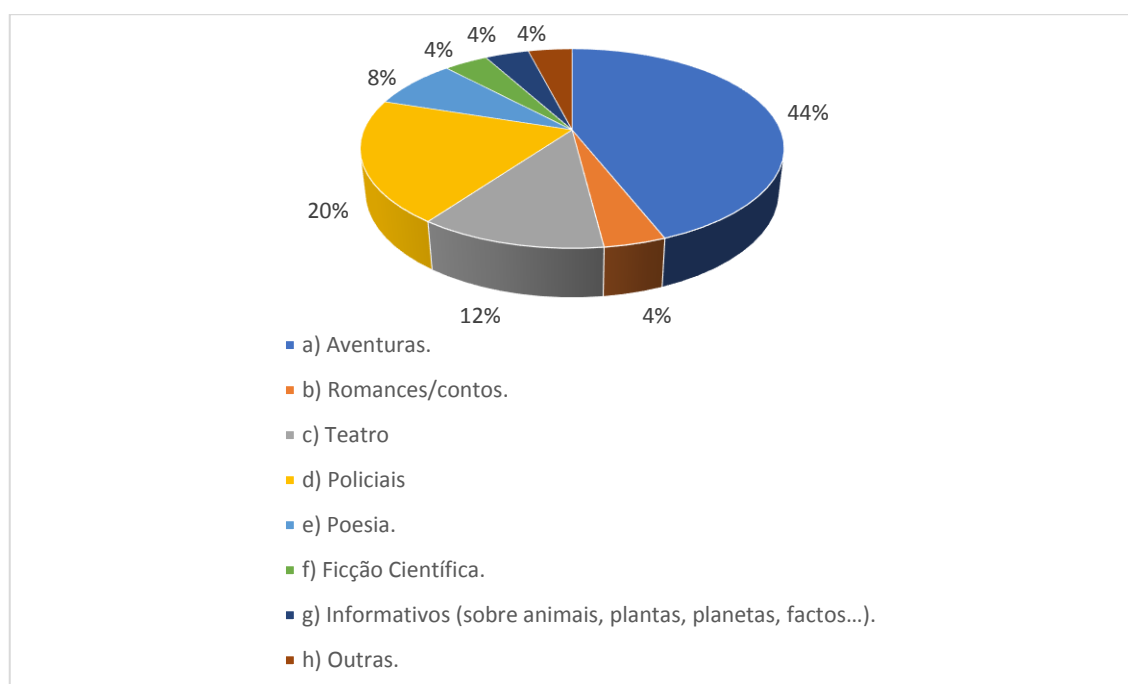
Gráfico IV - Incentivos para a prática da leitura.



No quarto item do inquérito - *De quem recebes mais incentivos para a leitura? (apenas para os alunos que responderam sim à questão 1)* –, os alunos atribuem flagrantemente o incentivo à leitura aos seus professores, certamente por estes lhes proporcionarem um convívio estimulante com a leitura, muito para além da aquisição da informação. Isabel Nina (2008) considera que um dos grandes estímulos à leitura é, efetivamente, a ação do professor que tem a possibilidade de construir um leitor.

Simultaneamente, reconhecem a importância do seu meio familiar para o entendimento da leitura como algo produtivo e prazeroso. Convém lembrar, para análise específica deste gráfico, o nível das habilitações académicas dos pais/encarregados de educação. Diversos estudos têm mostrado que são os pais possuidores de habilitações literárias mais elevadas que mais investem e promovem os hábitos de leitura nos respetivos educandos, destacando o papel da família no processo de construção do leitor.

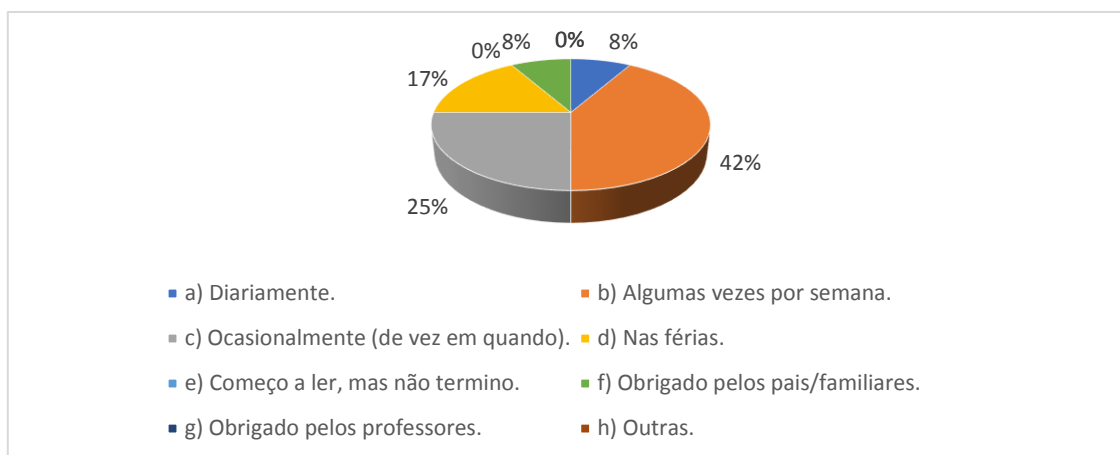
Gráfico V - Preferências de Leitura.



Com a pergunta *Que género de livros preferes ler? (apenas para os alunos que responderam sim à questão 1 e podes assinalar mais do que uma opção)* –, vemos que a preferência recai sobre a literatura de aventuras (com 44%), seguida, embora com uma diferença acentuada, a literatura de temática policial (20%) e, em terceiro lugar, da

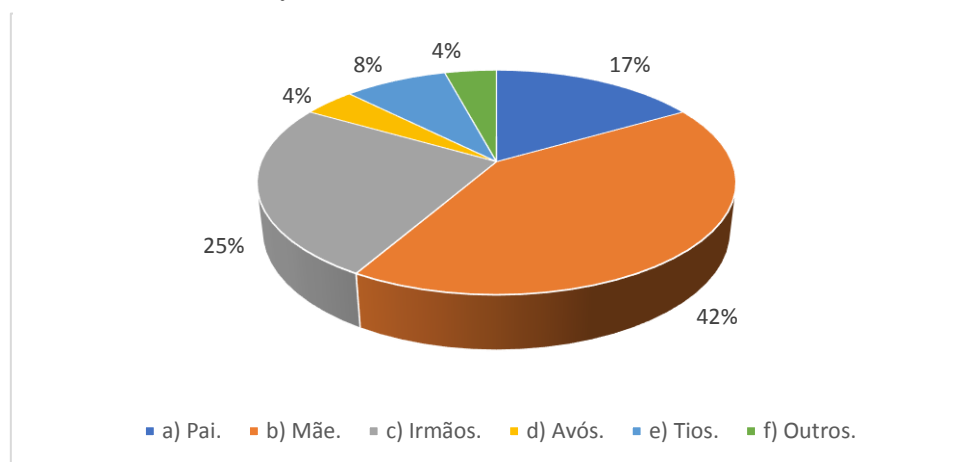
dramática (12%), sendo as restantes opções algo residuais. Cremos que a preferência pelos livros de aventura se justifique em função da faixa etária do grupo, com apetência pela ação ritmada, de enredo cativante, marcado pela emoção e suspense.

Gráfico VI - Frequência da prática leitora.



Nas respostas à questão *Com que frequência lê? (apenas para os alunos que responderam sim à questão)*, podemos observar que não há contundência e regularidade na prática leitora dos alunos, pois apontam que leem algumas vezes por semana (42%), ocasionalmente (25%) e nas férias (17%).

Gráfico VII - Hábitos de leitura em casa.



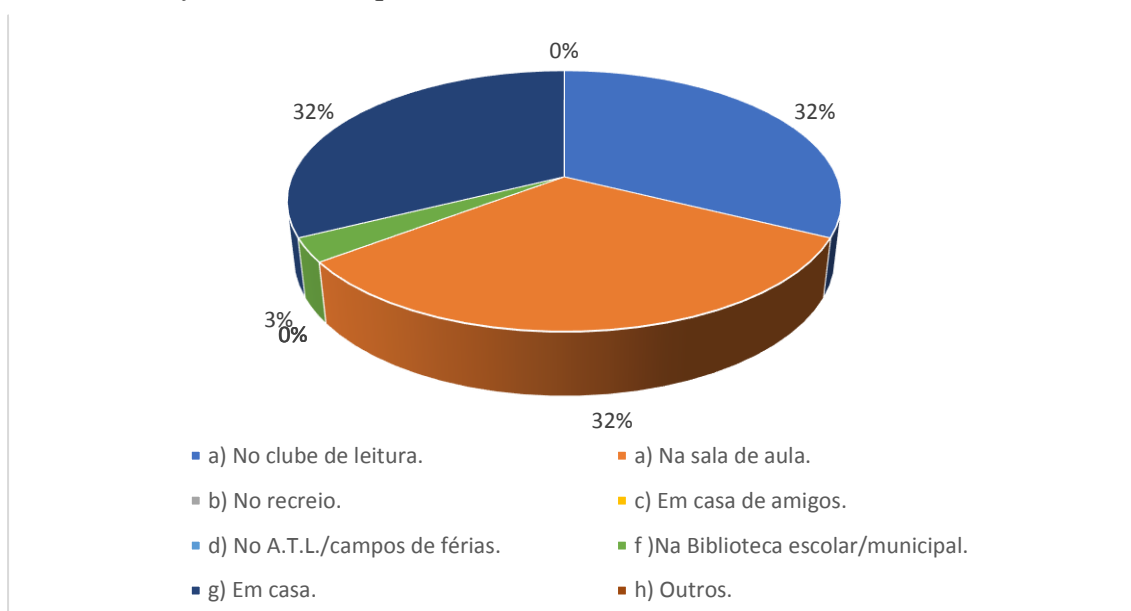
No sétimo item - *Em tua casa, os adultos costumam ler? Se sim, quem?* -, a figura materna surge como a maior consumidora de literatura (42%), seguida pela figura dos irmãos (25%); e, conseqüentemente, a grande promotora do gosto pela leitura e pelo

enraizamento dos hábitos de leitura, permitindo uma autoidentificação do aluno com um leitor assíduo, tal como a progenitora, e que lê por opção.

No estudo de Mário Lage *et al.* (2007) considera-se também que é a figura materna a que maior influência exerce quer pelo acompanhamento que faz dos trabalhos escolares dos filhos, quer pela sua maior proximidade relacional com eles, pelo que tende a ser mais importante do que a do pai na criação do gosto e das práticas de leitura.

Conceição Famoso (2013) referencia Gouveia (2009) apontando vários estudos onde se verificou que um dos fatores preponderantes para a iniciação da atividade de leitura, é o facto de as crianças observarem e perceberem que o contato dos pais com os livros é uma realidade, é uma presença efetiva no seu quotidiano.

Gráfico VIII - Em que circunstâncias os alunos se dedicam à leitura.



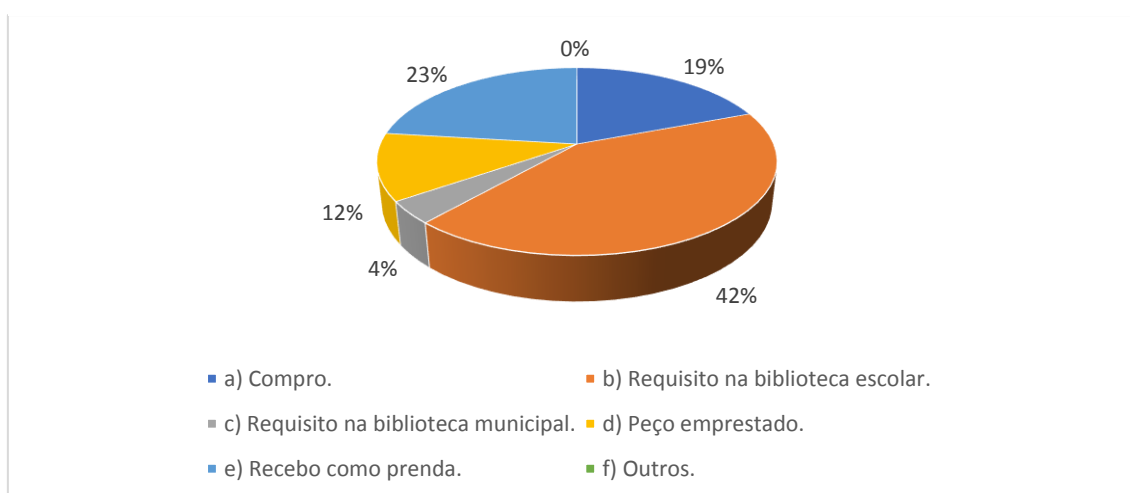
A partir da questão *Em que circunstâncias costumás dedicar-te à leitura? (apenas para os alunos que responderam sim à questão 1)* –, o estabelecimento de ensino, através da ação do Clube de Leitura, e a ação da família (ambas as opções com 32%) assumem a sua importância, usando como estratégias motivacionais a divulgação de novidades literárias, a recomendação por parte dos docentes, a partilha de trechos/ideias entre os alunos, a dinamização de atividades relacionadas com a leitura para a formação do gosto literário e acesso ao livro.

Para Mário Lages *et al.* (2007, p. 28),

O papel da escola é fundamentalmente o de reforçar e reorientar as predisposições e práticas familiares, obrigando ao contacto com o livro nos programas disciplinares, facilitando a sua consulta nas bibliotecas escolares, e incentivando à leitura através dos

professores. Neste quadro genérico o papel dos grupos de pares é de reforçar, quer as predisposições iniciais quer as induzidas, sendo o *tonus* cultural destes grupos – lúdico ou reflexivo, orientado para a relação ou para as tarefas – favorecedor ou não dessas práticas.

Gráfico IX - Forma de aquisição do livro.



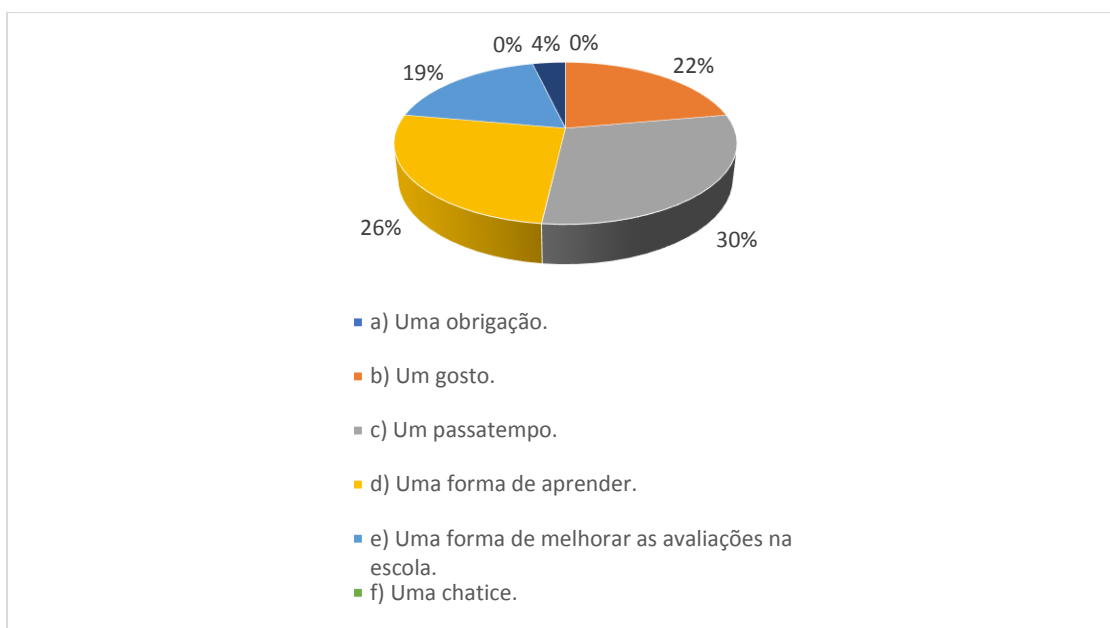
Considerando as respostas a *Como adquire os livros para ler?*, é flagrante a importância que a Biblioteca Escolar assume na promoção dos hábitos de leitura, pois é nela e a partir dela, quer como polo dinamizador quer como repositório de livros, que os alunos acedem ao livro como objeto físico. No caso específico do Clube de Leitura em questão, as condições socioeconómicas (42%) na essência de todo o concelho no qual se implementa a Unidade Orgânica ditam a necessidade da Biblioteca Escolar estar dotada de um orçamento próprio para atualização do seu acervo, assim como de uma Política de Desenvolvimento da Coleção que permita traçar um rumo consciente para suprir as necessidades dos seus utilizadores.

Consideramos importante realçar a percentagem dos alunos que acede ao livro por outras vias, nomeadamente a aquisição própria e a oferta. Esta percentagem (23% e 19% respetivamente), reflete, por si, dois aspetos: o entendimento que o contato com a leitura é de muita importância para a valorização da criança como aluno, e que esta contribui de forma positiva para o seu desenvolvimento cognitivo, por um lado, e que a aquisição do livro transcende o gosto e o prazer, prendendo-se, frequentemente, com a capacidade financeira dos agregados familiares (na caracterização dos elementos do Clube de Leitura é visível que as ocupações profissionais dos pais não são financeiramente facilitadoras).

A equipa da Biblioteca Escolar, ao mostrar-se sensível a questões desta dimensão, mas que só surgem quando aquela conhece o seu meio envolvente, certamente terá uma

nova postura nos domínios da prestação de serviços e da promoção das competências/aprendizagens dos alunos que nos permitem cumprir os objetivos/metade de acordo com os Projetos Educativos e Planos de Melhoria da Escola nas dimensões da promoção da leitura, da escrita e da literacia.

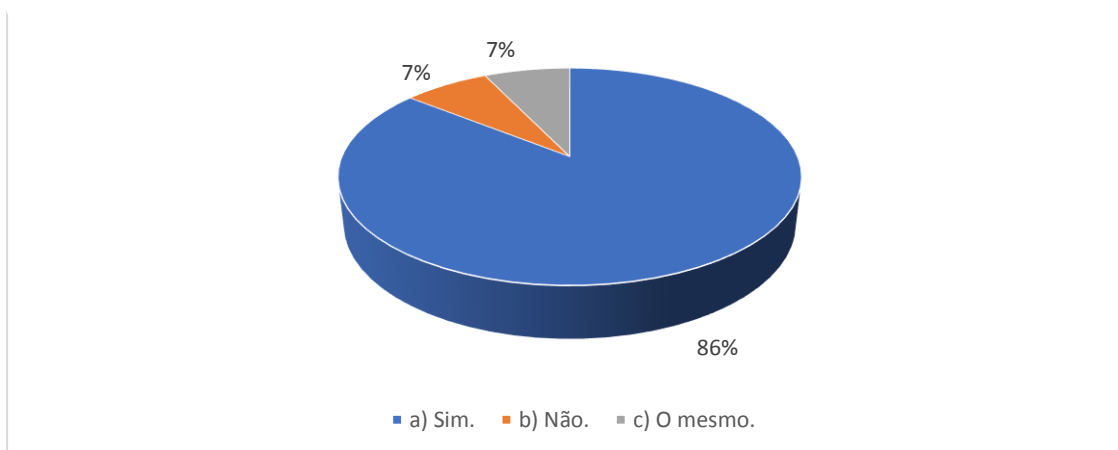
Gráfico X - Significado atribuído à prática da leitura.



No décimo item de resposta - *Para ti, ler é...*, sobressai com uma percentagem de 30% o entendimento da leitura como um passatempo, uma atividade associada ao lazer. Convém afirmar que o concelho no qual se insere a Unidade Orgânica é um dos mais isolados do arquipélago, marcado pelo sector primário de atividade económica e, nesse contexto, a leitura ainda assume esta utilidade. Poucos pontos percentuais atrás (26%), faz-se o entendimento de que a leitura contribui para as aprendizagens, daí que reiteremos a necessidade de se perceber as necessidades dos utilizadores para que a BE não atualize o seu acervo de forma avulsa e descomprometida. De acordo com o estudo de Aline de Mello Sanfelici e Fábio Luiz da Silva (2015, p. 194):

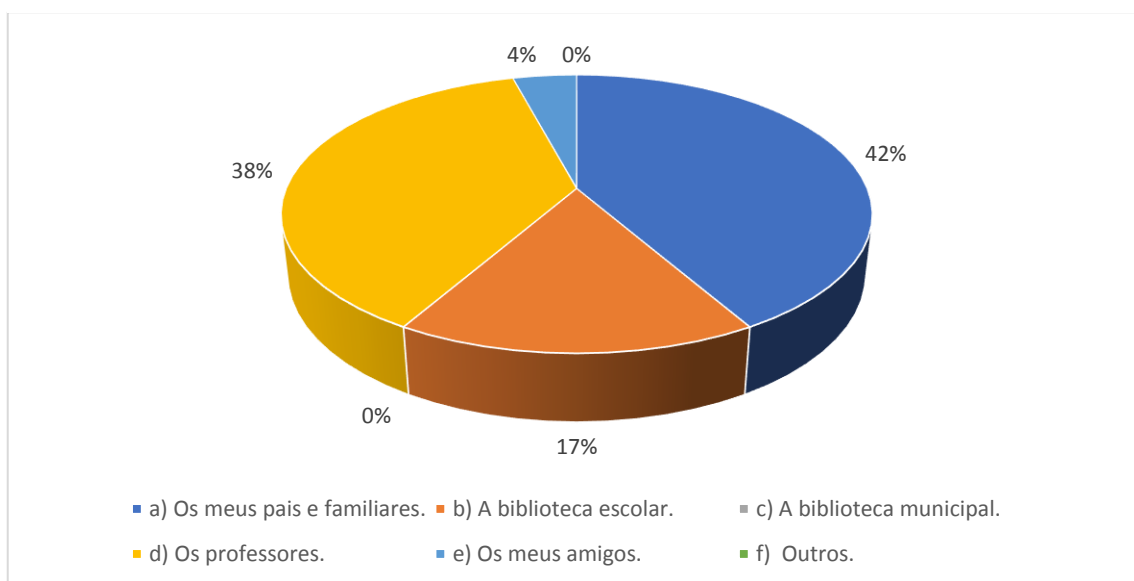
Outro fator atrelado ao ambiente escolar, especificamente, e que afeta de modo direto a relação entre os adolescentes e a leitura de literatura trata da questão dos acervos, bibliotecas e demais espaços e momentos oferecidos pelas instituições de ensino para o encontro do aluno com as obras literárias.

Gráfico XI - Evolução do hábito de ler.



Em relação à pergunta *Achas que lêes mais agora do que lias quando eras mais pequeno?* os resultados são claros. Esperamos que as atividades desenvolvidas no Clube de Leitura ampliem e consolidem os hábitos de leitura deste grupo.

Gráfico XII - Quem promove o hábito de ler.



Nas respostas a *Na tua opinião, quem promove mais a leitura/livro? (Podes assinalar mais do que uma opção)*, destaca-se a perceção de que são os pais/familiares e professores os grandes incentivadores à prática da leitura. No entendimento de Naylor Fonseca (2013, p. 27):

O gosto pela leitura se constitui em atividade adequada a esse contexto de privacidade doméstica, compreendemos então que os pais são possuidores dos principais estímulos dos seus filhos, não podendo então deixar de lado suas competências, umas das quais seria a de ser o exemplo dos filhos na leitura, fazendo com que haja a interação e difusão

deste hábito para as demais gerações, sendo os disseminadores deste prazer inigualável. É importante que os pais participem com as crianças e, principalmente, que lhes deem o exemplo. As crianças cujos pais lêem certamente também o farão.

Simultaneamente e complementarmente, os professores, incluindo-se aqui o próprio Professor Bibliotecário, assumem uma dupla responsabilidade: a de continuidade e a de implementação, isto é, a de promover estratégias e condições para que ocorra o crescimento individual do leitor, despertando-lhe interesse, aptidão e competência, em sequência do que fora feito no âmbito familiar, e/ou despertar o ainda estágio embrionário de outros alunos que não beneficiaram daquele contexto familiar. Na verdade, e de acordo com a ótica de Leonilde Sousa Silva (2014), à escola compete o papel de não descurar atividades que proporcionem o encontro do aluno com o livro, de forma que este mantenha e/ou desenvolva o gosto pela leitura, sem secundarizar o papel fundamental da família no enraizamento dos hábitos de leitura. Por essa razão, é importante que a escola promova momentos de leitura em parceria com as famílias das crianças e a comunidade em geral. Mário Lages *et al.* (2007, p. 363) considera que

não seria possível falar da escola sem mencionar a biblioteca e o seu contributo para a formação do gosto pela leitura. É entre os frequentadores mais assíduos da biblioteca da escola que encontramos os alunos que dizem mais gostar de ler ou que dedicam mais tempo diário a esta actividade. Estes alunos deslocam-se a este local sobretudo para ler livros sobre matérias de estudo, para procurar livros para ler nos tempos livres, para preparar trabalhos escolares ou para requisitar livros.

2.4 A dinamização do Clube de Leitura

No trabalho de dinamização que desenvolvemos no Clube de Leitura, a primeira estratégia a ser aplicada foi a mais simples e comum, consistindo na distribuição das obras (duas de cada um dos volumes, portanto, seis a circular), que seriam supostamente lidas rotativamente por todos os membros do Clube, ou seja, todos eles tomariam conhecimento de três dos nove volumes da coleção de Regina Tristão da Cunha, *Kathy na Graciosa*, *Kathy no Faial* e *Kathy em Santa Maria*, para que pudessem perceber, no fim da leitura, que as três unidades do arquipélago marcadas pela distância geográfica são próximas em termos históricos, culturais e vivenciais. Este foi o pressuposto inicial.

Ao longo de todo o processo de leitura integral dos volumes da coleção, quer fosse no Clube de Leitura, quer fosse como leitura autónoma e individual, uma ideia era partilhada e reiterada pelos alunos: eram obras monótonas, desinteressantes, incapazes de desafiar a criatividade, pouco gratificantes e que não conquistavam nenhum dos alunos.

Na essência, era uma leitura improdutiva, pois os membros do Clube de Leitura não estavam a conseguir estabelecer uma relação com os livros, nem de forma geral ou particular. Esta interação é um dos pontos referidos por Barbeiro (2014, p. 136):

A relação com o livro não se estabelece apenas de uma forma geral, mas também pode estabelecer-se diretamente com elementos específicos, como as personagens, o tema, certos acontecimentos. Os comentários fazem emergir esses aspetos específicos por meio dos quais se estabelece a relação.

Uma questão incomodativa pairava no Clube de Leitura: que estratégia de leitura poderia ser desenvolvida para que as obras fossem efetivamente lidas e compreendidas, para que se pudesse avançar para a etapa seguinte?

Perante aquela perceção, considerámos ser profícuo a aplicação de outra estratégia de leitura: a coletiva, mas em pequeno grupo, pois tornava-a mais dinâmica, e um grupo mais alargado de alunos tomava conhecimento da obra simultaneamente (ponto relevante, pois tínhamos dois exemplares apenas de cada um dos volumes). Neste sentido, tivemos em atenção que «deve-se também entender que um dos motores da motivação assenta no par novidade/reconhecimento: a conjugação da leitura de textos fáceis e difíceis; a conjugação de diferentes formas de organizar a leitura (grupo-turma; pequenos grupos, pares, individual)» (Silva, Bastos, Duarte & Veloso, 2011, p. 12).

Para implementar a leitura em pequenos grupos, aplicou-se a estratégia de círculo de leitura, sugerido por Giasson (2005) e Sousa (2007), citados pela autora anterior (p. 31) consistindo na leitura do mesmo texto (um livro diferente para cada grupo) por todos os elementos de um determinado grupo, em que cada um desempenha um papel ativo e complementar na leitura com os parceiros, sendo responsabilizado caso a sua tarefa falhe e ponha em causa a do grupo em si. Estabelece-se uma relação binominal, em que a ação de um indivíduo é parte importante para o funcionamento bem-sucedido de um grupo e este, em paralelo, constitui-se como o garante do sucesso daquele indivíduo, pois responsabiliza-o diretamente pelo insucesso enquanto grupo.

Os papéis a atribuir são os seguintes: a) o apresentador (apresenta o livro); b) o animador (coloca questões sobre o livro aos colegas de grupo que leram o mesmo livro); c) o detetive (escolhe uma ou mais personagens e descobre coisas sobre elas: os pensamentos, os desejos, as emoções, as motivações, para depois as apresentar); d) o investigador (estabelece relações, ligações, faz evocações entre a obra e as suas experiências, e) o descobridor (deve descobrir palavras que, por qualquer razão, ache

interessantes: palavras novas, bonitas, difíceis, etc.); f) o ilustrador (reage graficamente ao texto, ilustrando uma cena, desenhando uma personagem, etc.).

Distribuímos os livros por três grupos (constituídos por 4 membros cada e cada grupo com dois livros da mesma obra), e os remanescentes desenvolviam outras atividades do Clube de Leitura. O primeiro grupo que terminasse a sua leitura trocava com aquele que estivera a desenvolver a atividade e dar-lhe-ia continuidade ou iniciaria outra.

Mesmo assim, não podemos considerar que esta tenha sido a opção mais proveitosa, pois, para além das dificuldades que alguns dos alunos demonstraram na competência leitora, em especial na fluência da leitura, tornando-a silabada e irregular, com confusões entre palavras, o que deturpava o sentido da mensagem, o conteúdo em si da obra era pouco ou nada estimulante, gerando momentos de desatenção e posterior incompreensão da mensagem. Cerrillo (2006), citado pela mesma autora (p. 33), pressupõe:

que o mediador da leitura é alguém que funciona como ponte ou elo de ligação entre os livros e os leitores e tem como principais funções: criar e incentivar hábitos de leitura, seduzir os leitores, facilitar a tarefa de compreender, orientar a leitura, selecionar ou ajudar a selecionar os livros adequados ao leitor ou leitores, preparar, implementar e avaliar projetos de animação da leitura e de promoção/divulgação do livro.

Nesta perspetiva, considerou-se, novamente, que o contexto impelia a uma nova alteração da estratégia, propondo-se uma leitura por temáticas, com preenchimento simultâneo dos guiões de leitura que especificassem e orientem a compreensão do texto.

Na prática, foi a antecipação de um dos pontos desta dissertação que seria o preenchimento dos guiões de leitura produzidos para aplicar a informação recolhida a partir da leitura das obras. Mantivemos os alunos organizados em grupo, e a impreteribilidade de efetuar a leitura integral da obra, todavia e como alvitrado numa das citações atrás apresentadas, teriam de desenvolver um trabalho de detetive, preenchendo nos guiões apenas as informações solicitadas para a temática que lhes fora atribuída, norteando-se a leitura pela seleção da informação, para obtenção de informação e organização do conhecimento.

Os dezasseis membros do Clube de Leitura foram, desta vez, organizados em grupos de 4 elementos (esta distribuição não foi imposta, dando-se livre opção aos alunos), e a cada um dos grupos foi atribuída uma temática de trabalho, sendo que a

informação inicial solicitada (aspectos paratextuais e a compreensão geral da obra) fora de preenchimento obrigatório para todos os grupos nos guiões entregues:

- aspetos históricos e culturais;
- aspetos económicos;
- aspetos religiosos;
- aspetos geográficos.

O trabalho de simultaneidade, na prática, de leitura para seleção de informação e de preenchimento dos guiões de trabalho, tornou, definitivamente, a leitura mais prazerosa, rápida e eficaz, mantendo-se a leitura integral das três obras por todos os membros do Clube. O momento de se passar para a etapa seguinte começava a consubstanciar-se: a partilha das informações do pequeno grupo para o grande grupo. A propósito da estratégia que acabou por ser seguida, recordamos as palavras de Famosa (2013:17), que considera:

A motivação é um dos aspectos fundamentais a ter em conta, quando se procura compreender o comportamento humano (Mata, Monteiro & Peixoto, 2007), sendo que, em contexto escolar, a motivação desempenha um papel crucial no envolvimento escolar dos alunos, através do sentido que os alunos vão atribuir às tarefas e aprendizagens, constituindo-se assim como um determinante do sucesso académico. A aprendizagem, motivação e envolvimento para a leitura não são exceção, pelo que, naturalmente, a criança tem de estar motivada para se envolver, activamente, em actividades de leitura.

2.4.1. Os guiões de leitura

Cada um dos grupos leu as questões temáticas às quais tinha respondido no seu guião de leitura, contextualizando as suas respostas nas páginas respetivas; os outros grupos que se tinham focado em temáticas diferentes, confirmaram as respostas dadas, alterando-as, por vezes ou enriquecendo-as, noutras vezes. Após o registo das informações nos guiões de leitura, no final socorridos pelos pequenos filmes-documentário disponíveis no *youtube*, cada aluno recebeu e completou o seu passaporte literário.

O guião de trabalho que incidiu sobre a ilha Graciosa (anexo V) foi constituído por seis questões do âmbito da geografia, onze acerca dos aspetos históricos e culturais, oito relacionadas com a economia e quatro no domínio da religião/religiosidade.

O guião de exploração que versou sobre a ilha do Faial (anexo VI) proporcionou que se elaborassem cinco questões do domínio da geografia, vinte dos aspetos históricos e culturais, sete sobre a religião/religiosidade e dez acerca da economia.

O guião de exploração que incidiu a ilha de Santa Maria (anexo VII), foi mais equilibrado quanto ao número de questões fomentadas para cada uma das temáticas, nove de âmbito geográfico, dez que refletiam os aspetos históricos e culturais, sete de cariz religioso e cinco acerca da economia.

A penúltima questão colocada potenciava duas atividades: a exploração da oralidade e a capacidade de tirar notas e apontamentos, daí que optámos por fazer uma atividade de expressão e compreensão da oralidade.

O preenchimento dos guiões não suscitou dúvidas de maior, uma vez que era uma tarefa muito direcionada. Esta atividade terminava com o manuseamento de mapas, nos quais os alunos registavam as localidades referenciadas ao longo da obra (anexos XI).

2.4.2 O passaporte literário

O passaporte Cultural Inter-ilhas (anexo VIII) surge como o comprovativo da sua viagem literária por algumas das ilhas açoriana, devidamente carimbado com a legenda «Boa viagem».

Está organizado por temáticas, as mesmas trabalhadas nos guiões, mas que podem ser preenchidas de forma rápida para que, na prática, a leitura e análise da coleção “Férias nos Açores” lhes permitisse observar a utilidade do livro numa outra perspetiva, a de fonte de informação histórica e cultural.

2.4.3 A atividade lúdica

Para concluir a análise das obras em questão, cada grupo, e de acordo com a temática que lhe fora atribuída, produziu-se uma atividade lúdica designada de «Batalha Naval Literária nos Açores» (anexos IX e X). Elaboraram um conjunto de questões relacionadas, advindas das leituras efetuadas, que se inseriam numa determinada letra e num determinado número. Cada grupo, escolheria um destes conjuntos letra/número e responderia à questão associada, mobilizando os conhecimentos adquiridos, preenchendo

um cartão orientador. Note-se que, em cada cartão, haveria uma questão *jackpot* que lhes permitira errar na resposta de uma outra questão e, mesmo assim, ganhar aquele ponto.

A atividade lúdica permitiu a mobilização dos saberes sob duas perspetivas: a de questionador, o que implica o saber formular uma questão de acordo com os conhecimentos previamente adquiridos; a de conhecedor, ao ter de elaborar a resposta correta.

Sendo assim, cada grupo anteriormente estruturado manteve-se e ficou encarregado de elaborar as ditas questões e as respostas respetivas. No momento de se aplicar a atividade, os grupos originais foram desfeitos e constituíram-se outros.

Cada um destes deveria integrar um elemento que trabalhara uma temática diferente no guião de leitura anterior, para que o novo grupo pudesse conjugar conhecimentos globais. Ganharia o grupo que obtivesse maior número de respostas corretas.

O jogo ajudou a criar um entusiasmo sobre o conteúdo que fora trabalhado, proporcionando momentos de agir e interagir, tornando o produto da leitura – apropriação de conhecimento – mais prazeroso e motivado.

2.4.4. As apresentações orais

No ano letivo 2017/2018, houve alguns ajustes no grupo turma (agora a frequentar o 6.º ano de escolaridade), pois dois alunos ficaram retidos no 5.º ano de escolaridade e outros dois integraram-na (um em retenção, ou seja, a frequentar o 6.º ano pela segunda vez e um outro transferido de outra Unidade Orgânica), desconhecendo ambos quer as obras em si, quer todo o trabalho desenvolvido no ano letivo transato.

A RAA implementou desde o ano letivo 2015/16, ocupando a carga letiva de Cidadania, nos 6.ºs e 8.º anos, a disciplina de História, Geografia e Cultura dos Açores, considerando o Secretário Regional da Educação e Cultura que o resguardo e a transmissão da identidade é uma mais-valia cultural e moral numa sociedade marcada pela globalização e pelo imediato. A transmissão e promoção dos valores históricos e naturais açorianos constituem-se como condições indispensáveis ao entendimento da açorianidade, muito acentuada nos pressupostos do PRL.

Numa ótica de rentabilização, mobilização de conhecimentos e transdisciplinaridade e aproveitando a frequência dos membros do Clube de Leitura

àquela disciplina, foi sugerido a três destes que preparassem uma exposição oral, a ser apresentada na turma, no âmbito da disciplina de Português, de cada uma das obras. Desafio aceite, as mesmas foram apresentadas utilizando as Tecnologias de Informação e Comunicação, sob a forma de *prezi*, integrando ainda excertos da entrevista da autora e dos filmes documentários visualizados no Clube de Leitura.

Posteriormente, estas mesmas apresentações foram promovidas no âmbito da Semana Cultural dos Açores (entre os dias dezanove e vinte e três de março), que integra em si um conjunto de atividades transdisciplinares, numa lógica de trabalho colaborativo entre a Biblioteca Escolar e os vários departamentos e Clubes da Unidade Orgânica e Autarquia, às restantes turmas de 6.º anos e 8.º anos de escolaridade (duas turmas de cada ano, num total de 91 alunos envolvidos), na medida em que as informações veiculadas encontrassem eco e sentido nos conhecimentos adquiridos na dita área.

2.4.5 Síntese das Sessões decorridas entre 2016 a 2018

O quadro que incluímos a seguir apresenta de uma forma esquemática todo o processo que foi desenvolvido.

Data	Natureza da Sessão	Tempo disponibilizado
Mês de outubro	Preenchimento do inquérito acerca dos hábitos de leitura	1 sessão
10 a 24 de novembro/2016	Leitura Individual	3 sessões
05 a 19 de janeiro/2017	Leitura em grupo para apropriação das informações totais da obra	3 sessões
23 de fevereiro a 25 de maio/2017	Leitura em grupo para apropriação das informações temáticas da obra Preenchimento dos guiões	12 sessões
1 de junho a 09 de novembro/2017	Partilha e correção das informações temáticas da obra	7 sessões
16 de novembro a 06 de dezembro/2017	Preenchimento do «Passaporte literário»	4 sessões
14 de dezembro/2017	Preparação e aplicação da atividade lúdica «Batalha Naval Literária»	5 sessões

a 25 de janeiro/2018		
01 de fevereiro a 14 março/2018	Preparação das apresentações orais	6 sessões
19 a 23 março de 2018	Apresentação das expressões orais	5 sessões
19 a 26 de abril	Preenchimento do inquérito relativo ao PRL e discussão das respostas dadas.	2 sessões
		48

Na primeira fase, onde se fez primeiro contato com a obra, consideramos ter sido útil a estimulação de horizontes de expectativas, pela atenção concedida aos elementos paratextuais dos três volumes da coleção em questão – título, autor, ilustrador, ano de edição e biografia do autor, assim como a sensibilização para a importância da ilustração, ou a perceptibilidade da mesma, para se gerar entre o leitor e a obra uma interação semiótica entre imagem/texto e a sua vertente polifónica, através do manuseamento dos volumes em questão. Recordamos as seguintes palavras:

As atividades e projetos de leitura devem também ser sempre orientados para um (ou vários) propósito(s) ou finalidade(s): por exemplo, ler para identificar ideias-chave, ler para procurar informação específica; ler para identificar pontos de vista; ler para debater as posições do autor; ler para recreação. (Silva, Bastos, Duarte & Veloso, 2011, p. 8).

Numa segunda fase, partimos para a leitura silenciosa individual, que já confessamos ter sido uma opção que teve de ser reformulada, à qual se seguiu a leitura em pequeno grupo, a partilha de informações consideradas estimuladoras/úteis e o consequente preenchimento dos guiões de leitura.

Numa terceira fase, procedeu-se à partilha e diálogo sobre os textos lidos, e, finalmente, numa quarta fase, à elaboração de materiais lúdicos.

2.4.6 Resultados do Inquérito II

Um segundo inquérito foi preenchido pelos alunos que frequentaram o Clube de Leitura no final do ano letivo 2017/2018, após dois anos de frequência naquele clube, onde se desenvolveram muitas atividades de promoção da leitura, incluindo-se a leitura dos três volumes da coleção “Férias nos Açores”.

Este inquérito por questionário, tendo um carácter mais específico e limitativo, pretendeu:

- aferir o conhecimento que o aluno tinha acerca do PRL;
- compreender a importância que o aluno atribui ao PRL;
- perceber a relevância que a dinamização da leitura da coleção “Férias nos Açores” teve na consciencialização de se ser «ilhéu»;
- compreender o impacto que a dinamização da leitura da coleção “Férias nos Açores” teve no reforço do gosto/prazer na leitura de obras do PRL

A metodologia seguiu os mesmos moldes da aplicada no primeiro inquérito, sendo que este foi facultado aos alunos no final de todas as atividades.

Na sua conceção, consideramos pertinente repetir uma questão (a primeira) que já constava do primeiro inquérito que fora preenchido no início do ano letivo 2016/2017, que incidiu nos hábitos de leitura dos alunos, para que pudéssemos perceber se haveria alguma flutuação no gosto de ler, condicionando, conseqüentemente, o hábito de ler. De acordo com Conceição Famoso (2013, p. 14), «existe uma tendência para a diminuição do interesse e hábitos de leitura, à medida que se avança na escolaridade» e, realmente, este decréscimo está patente.

Gráfico XIII - Costumas dedicar-te à leitura.

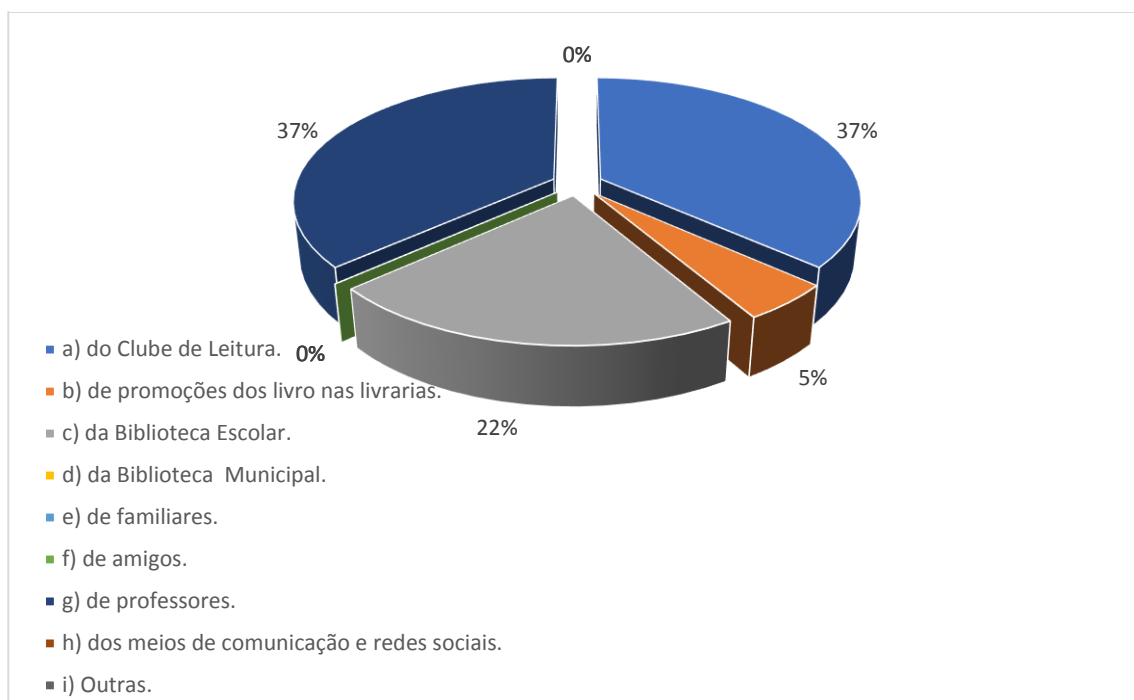


No gráfico XIII - **Costumas dedicar-te à leitura?** –, apesar de ainda prevalecer o afirmativo e dos alunos apresentarem um índice positivo na leitura, não podemos considerar que há uma margem segura face aos que manifestam a não valorização da prática da leitura. Se compararmos as percentagens apresentadas na mesma questão no inquérito I (Hábitos de leitura), preenchido no ano letivo 2016/17, observamos que houve

uma quebra acentuada dos alunos que se dedicavam à leitura (73% para 53%) e, inversamente, uma subida dos que não se dedicavam aquela atividade (27% para 47%).

Efetivamente, a autora atrás citada, considera que existe uma tendência consistente para uma redução contínua da motivação para a leitura à medida que se avança na escolaridade, em particular entre o 4.º e o 9.º ano de escolaridade.

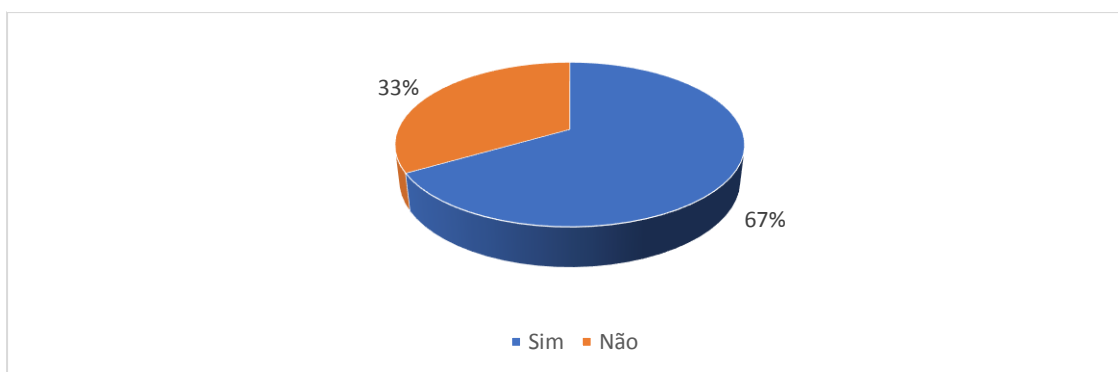
Gráfico XIV - Como obtiveste conhecimento do PRL.



No gráfico XIV - **Obtiveste conhecimento do PRL através...** -, sobressaem três agentes que estão integrados no sistema de ensino (clube de leitura, professores e biblioteca escolar), ressaltando-se, assim, a importância dada à escolaridade e à instituição da escola na criação e promoção de hábitos de leitura.

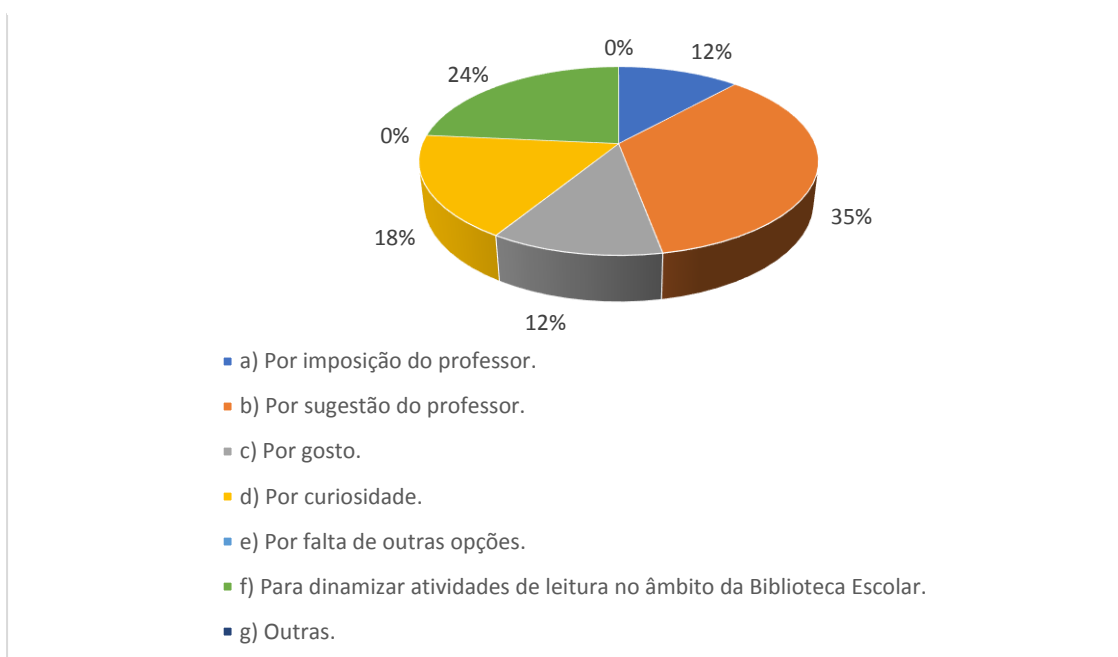
Contudo, cremos que o foco desta questão é o contacto tardio com a realidade do PRL, por parte destes alunos. Sendo assim, foi a ação concertada destes três agentes que promoveu a concretização daquele.

Gráfico XV - Conhecimento de outras obras recomendadas pelo PRL.



No gráfico XV - **Para além dos volumes da coleção Férias nos Açores, já leste mais alguma obra do PRL?** –, destaca-se com um valor pronunciado (67%) a leitura de outra obra referenciada. Efetivamente, este contato com obras de leitura referenciadas pelo PRL deveu-se ao incentivo feito pelos agentes atrás referenciados, para que pudessem dinamizar atividades, quer de âmbito individual ou coletivo.

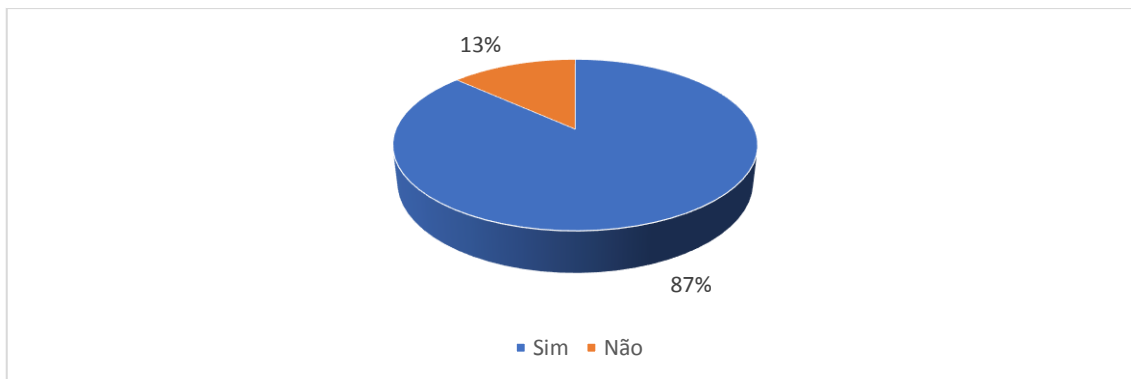
Gráfico XVI - Motivações para a leitura de outra obra do PRL.



No gráfico XVI - **O que te motivou para a leitura de outra obra do PRL? (apenas para os alunos que responderam sim à questão 3)** –, evidencia-se o papel do docente, quer seja por sugestão ou por imposição (no sentido específico de guiar o aluno para uma proposta de leitura que não se constituía como primeira opção), quer da

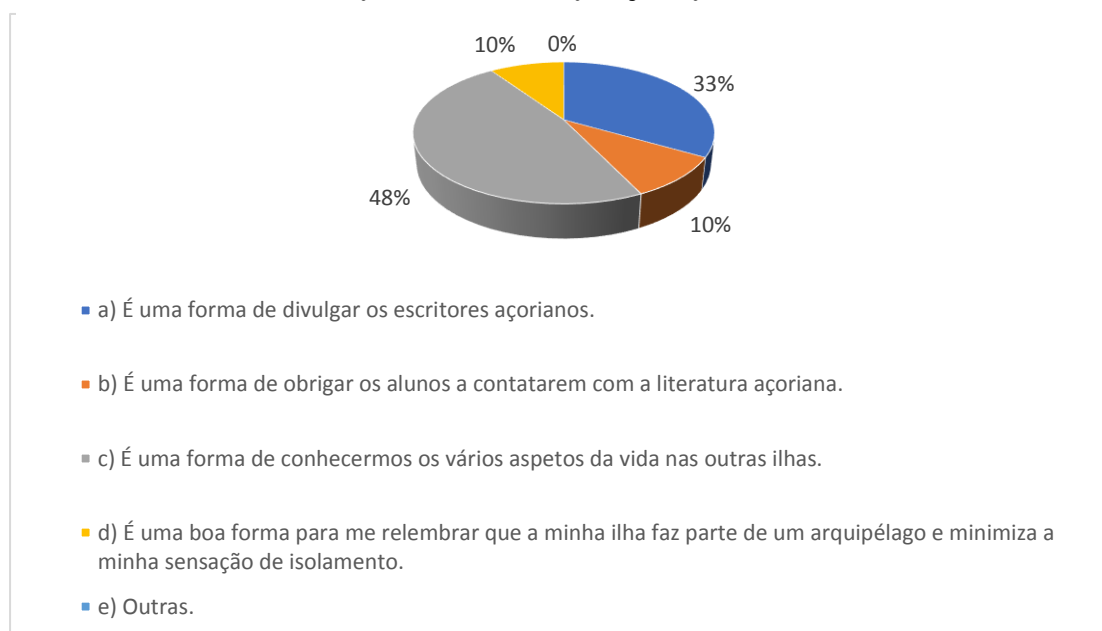
Biblioteca Escolar, como polo dinamizador de leituras e transformar as mesmas em atividades que transcendam o livro em si.

Gráfico XVII - Importância do PRL para a tua formação enquanto aluno e açoriano?



No gráfico XVII - **Agora que conheces o que é o PRL, reconheces a sua importância para a tua formação enquanto aluno e açoriano?** – reconhecida e assertivamente sobressai a consciência do sim. Efetivamente, a leitura e a análise da obra (cremos por ser uma leitura com cariz mais informativo e menos lúdico) forneceu um contributo para a consciência de ser açoriano (em especial no que diz respeito à semelhança de vivências entre ilhas distantes, a maioria nem visitada pelos alunos) e no seu enriquecimento como aluno, apropriando-se de um conhecimento histórico, geográfico, cultural e religioso específico do arquipélago. O ato de ler deixa de ser uma atividade meramente mecânica para ser uma ação reflexiva e enriquecedora.

Gráfico XVIII - Justificação afirmativa.



No gráfico XVIII - **Se respondeste sim...** -, os alunos consideraram que a obra forneceu um contributo significativo para conhecerem aspetos diversificados do quotidiano das outras ilhas, assim como o de conhecerem escritores regionais (ambos em conformidade com os objetivos definidos do PRL).

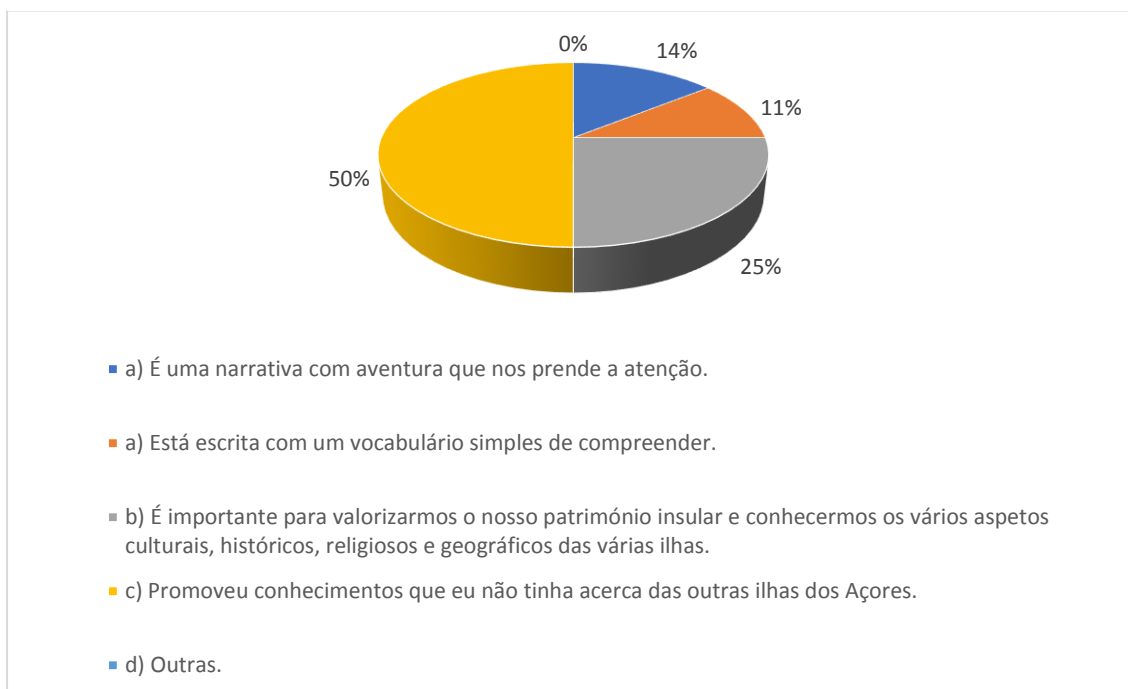
*Gráfico XIX - Aspetos mais relevantes a partir da leitura dos volumes da coleção **Férias nos Açores**.*



No gráfico XIX - **Quais foram os aspetos mais relevantes importantes para ti na leitura dos volumes da coleção Férias nos Açores? (assinala as que considerares importantes)** - não surge nenhuma das opções com um índice de respostas que se destaque face a todas as outras. Sublinhe-se a opção que faz referência às personalidades açorianas que se projetarem nacional e internacionalmente, o que oferece um cunho de importância ao arquipélago (12%); na mesma lógica de protagonismo, vem a opção que indica que o arquipélago desempenhou um papel importante no desenrolar da História nacional (11%), e finalmente, focam aspetos mais insulares (10%) aqueles que individualizam cada uma das ilhas nos âmbitos da Religião, História, Geografia e Cultura e na consciência que estes aspetos devam ser valorizados enquanto património insular.

Relativamente às outras respostas dadas, consideramos importante que os alunos tenham manifestado consciência (9%) que as especificidades geográficas de cada uma das ilhas condicionou e formatou a vivência dos seus habitantes, não podendo os mesmos exercer controlo algum sobre ela, mas que as ilhas têm muitas semelhanças entre si (em particular com a de São Miguel), apesar do seu distanciamento geográfico.

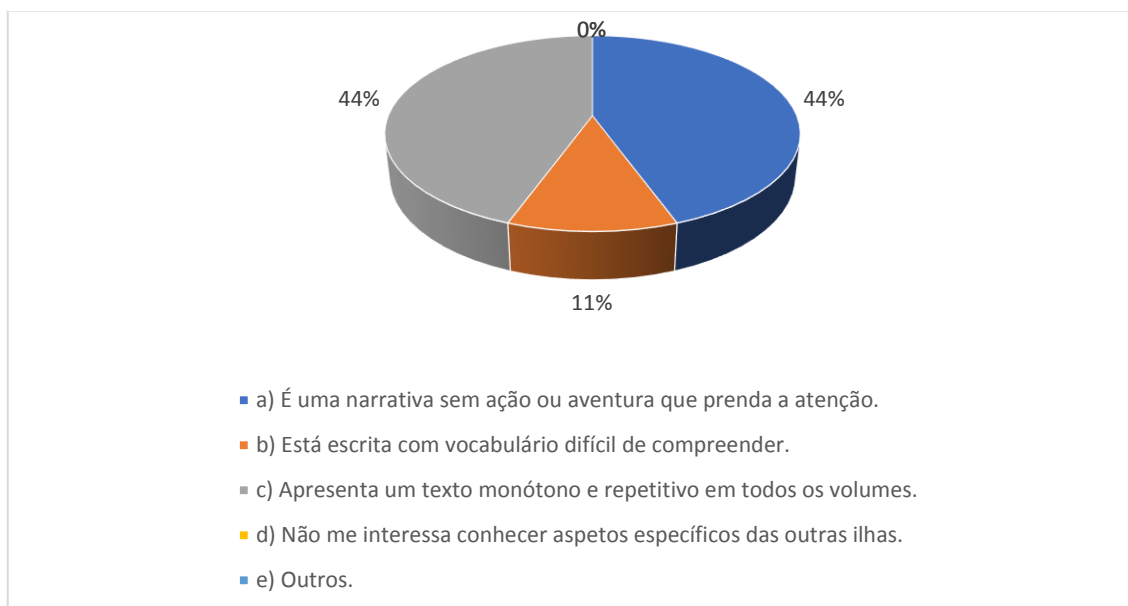
Gráfico XX - Contributo para o aumento do teu gosto e interesse pela leitura de obras do PRL, a partir da coleção lida.



No gráfico XX (abordando mais os aspetos relacionados com o efeito nos hábitos de leitura) - **A leitura dos volumes coleção Férias nos Açores contribuiu para o aumento do teu gosto e interesse pela leitura de obras do PRL porque..., sobressaiu**

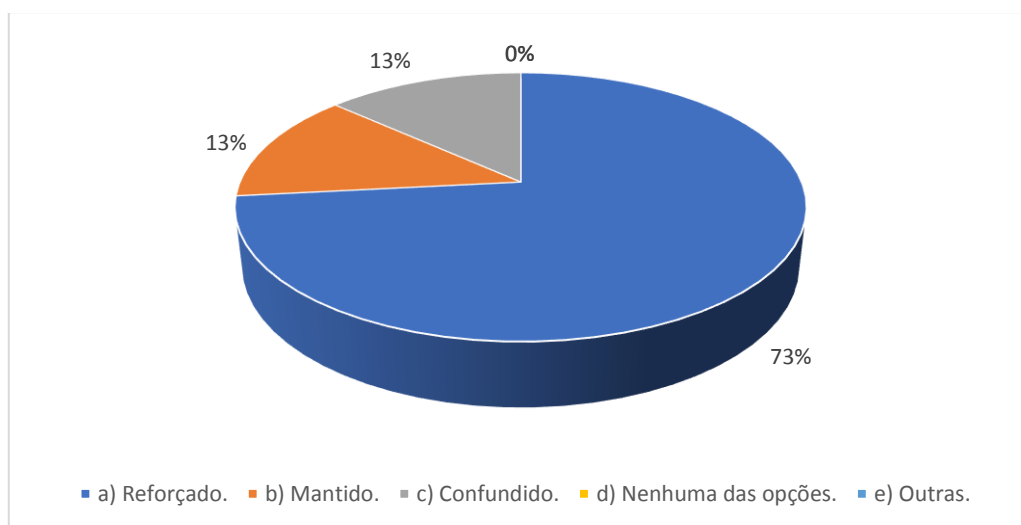
(50%) a opção que remete para aquisição de conhecimentos acerca do arquipélago, que os alunos assumiram que não possuíam e a importância em valorizar o património de cada uma das ilhas (25%), como testemunhos de identidade e individualidade.

Gráfico XXI - A leitura dos volumes coleção Férias nos Açores não contribuiu para o aumento do gosto e interesse pela leitura de obras do PRL.



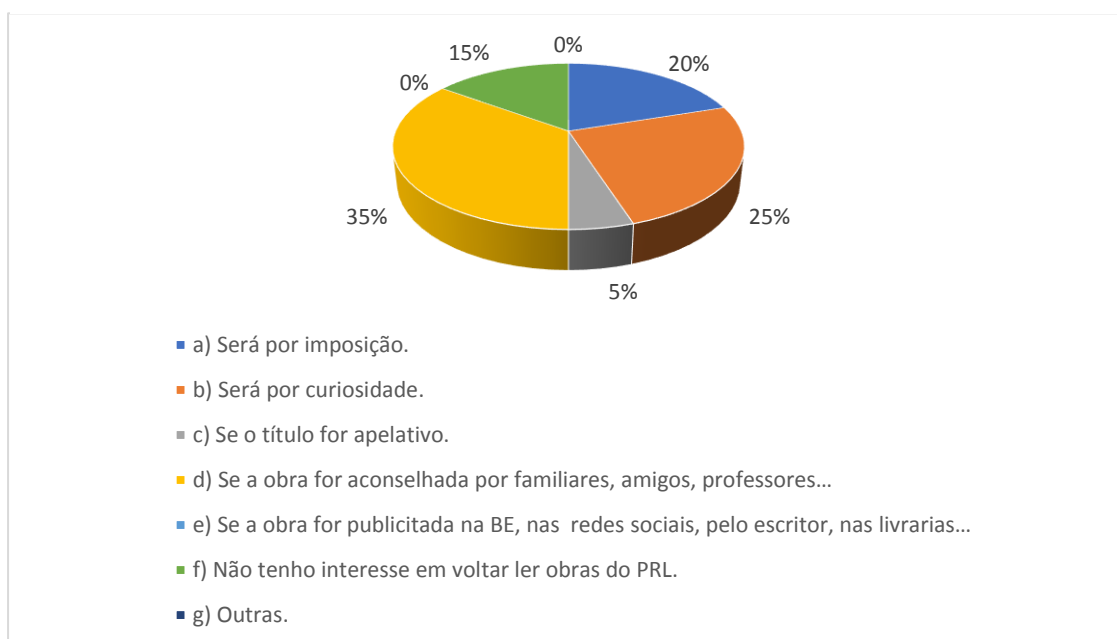
No gráfico XXI - **A leitura dos volumes coleção Férias nos Açores não contribuiu para o aumento do teu gosto e interesse pela leitura de obras do PRL porque...**, os membros do Clube assumiram que a obra está desprovida de algo que lhes prenda a atenção e estimule a vontade de continuar a ler, uma vez que dela não faz parte nenhuma momento de aventura/ação (44%) e, conseqüentemente, apresenta um texto repetitivo e monótono (44%).

Gráfico XXII - Ampliação do conhecimento nas áreas da História, Cultura e Geografia dos Açores.



No gráfico XXII - **Após teres lido e trabalho os volumes da coleção Férias nos Açores, sentes que o teu conhecimento acerca da História, Cultura e Geografia dos Açores saiu...**, sobressai que apesar de considerarem a leitura das obras pouco interessante, os seus conhecimentos nas áreas referidas saíram reforçados, pois apropriaram-se de informações e conhecimentos que provavelmente não obteriam de outra forma.

Gráfico XXIII - Probabilidade de contactar com outras obras do PRL.



No gráfico XXII - **Para leres mais uma obra que integre a lista do PRL...** -, evidencia-se a disponibilidade dos alunos em contactar com outras obras do PRL se as mesmas forem indicadas/sugeridas por docentes, amigos e familiares (35%) e por curiosidade (25%), fazendo-nos refletir no quão é imperativo publicitar e criar momentos onde estas obras surjam e sejam devidamente publicitadas para estimular, pelo menos, a curiosidade do leitor, sendo essa a perceção de um grupo assinalável de alunos (20%). Todavia, consideramos certo registar que um grupo de alunos (15%) assume a sua vontade de não voltar a contactar com nenhuma das obras do PRL, porque, «manter viva a vontade de querer ler exige que as experiências de leitura sejam gratificantes.» (Silva, Bastos, Duarte & Veloso, 2011, p. 6)

Na essência, nos volumes propostos da coleção em análise, os alunos do Clube de Leitura não encontram leituras necessariamente da ordem de seu interesse pessoal, embora se mantenham disponíveis para as fazerem.

4.6 Discussão dos resultados

A participação no clube de leitura é suscetível de trazer mudanças quanto à relação com a leitura, desde logo, quanto ao tempo dedicado à leitura. Não prescindindo de tempo e de espaço, a participação no clube de leitura teve como reflexo, no final, não apenas o contato com obras do PRL, que de outra forma, não teria sido eventualmente possível, mas também o acréscimo de conhecimento acerca de aspetos históricos, culturais e geográficos do arquipélago.

Uma outra conclusão consiste, assim, na evidência de que o gosto pela leitura é sempre suscetível de desenvolvimento, perante novos desafios. A componente social apresenta, desde logo, a possibilidade de permitir a expressão dos participantes em relação ao livro, fomentando o seu espírito crítico, quer seja favorável ou não à obra em questão.

A relação com o livro, porém, não se estabeleceu de forma fácil e prazerosa nem se estabeleceu diretamente com elementos específicos, como as personagens, o tema, certos acontecimentos, pois, como considerámos anteriormente, os livros da coleção proposta carecem de uma narrativa que, efetivamente, tenha uma lógica de desenvolvimento e que proporcione ao leitor uma noção de progressão da ação e de evidência/surpresa no seu desfecho; o próprio livro não se proporcionava a ir construindo expectativas e colocando hipóteses acerca do que iria acontecer.

No guião sobre leitura que foi produzido pelo Ministério da Educação em 2011 (Silva, Bastos, Duarte & Veloso, 2011, p. 7-8) observa-se que:

As características do texto vão influenciar o processo de leitura, na medida que diferentes tipos de textos solicitam diferentes atitudes de leitura. Sabe-se que as estruturas do texto influenciam o modo de leitura: não se lê da mesma forma uma narrativa (uma história), um texto expositivo ou um texto instrucional – a forma como nos “aproximamos” desses textos e as nossas expectativas sobre o que vamos encontrar neles é diferente. Também o conteúdo tem influência sobre a leitura: por exemplo, a maior ou menor familiaridade ou proximidade com o tema abordado num texto vai determinar a sua compreensão.

Os comentários feitos ao longo das sessões fizeram emergir, todavia, a surpresa por alguns factos apresentados ao longo da leitura e da apresentação dos guiões, ressaltando a ideia de continuidade entre os quatro espaços distantes do arquipélago e de familiaridade cultural, pois, como escreveu Oliveira Mendes (1996, p. 139):

o inquérito aplicado a uma amostra representativa da população activa das ilhas Terceira e São Miguel mostra claramente que a identificação mais forte é com a localidade ou a cidade em que habitam, depois com a ilha e só depois com o arquipélago como um todo.

Ao longo da leitura, podemos agora afirmar que o leitor viu ser transformada a sua relação com o livro que se encontrava a ler, como se a leitura fosse sendo validada por aproximações sucessivas, uma vez que a relação estabelecida no início se alterou no final. De facto, à medida que os membros do clube foram desenvolvendo a leitura, foram-se apropriando de conhecimentos que até então pensaram ser específicos do seu contexto geográfico, entenda-se São Miguel, considerando os outros três contextos, Graciosa, Santa Maria e Faial como espelhos culturais de São Miguel, reconhecendo, todavia, aspetos próprios de cada espaço, fruto do devir histórico particular de cada uma das ilhas, revelando-se uma visão claramente positiva das outras ilhas.

Estabeleceu-se, assim, um outro eixo de relação entre o leitor e a obra, que se afigurou relevante para a realização de comentários, exemplificações, comparações, noções de miséria social, enraizamento da religião e a sua expressão, a sensação de isolamento, encontrando-se, aqui, um eixo de interação: o reconhecimento da semelhança que supera a distância e o desconhecimento geográfico.

No mesmo guião aponta-se que:

Em contexto escolar e de sala de aula, a orientação ou a finalidade dada à leitura vai naturalmente determinar e configurar as experiências de leitura e também conduzir o aluno a construir perspetivas sobre o que é o ato de ler (influenciando aqui o primeiro termo desta equação – o leitor). Daqui resulta a importância essencial do papel do professor, em todos os ciclos/anos de escolaridade. (Silva, Bastos, Duarte & Veloso, 2011, p. 8).

As obras em questão sugerem uma leitura direcionada para o desenvolvimento de projetos que assentem no conhecimento do arquipélago, não sendo, desta forma, uma leitura para fruição estética, pois a ação de cada um dos volumes da coleção é desprovida de enredos interessantes, não é de leitura rápida, nem é associada à diversão e ao gosto de ler, nem gera o entusiasmo de produzir expectativas e hipóteses que se possam confirmar ou não ao longo da leitura. Todavia, cumpre um dos objetivos do PRL, que será o de promover o conhecimento do arquipélago através da literatura e da forma como esta é operacionalizada em contexto escolar, reiterando-se a importância da escola e do professor na formação do leitor e na motivação para a leitura, literária ou não.

Da análise que fazemos, afirmamos que o desenvolvimento das atividades do Clube de Leitura no contexto da promoção do gosto pela leitura, da capacidade leitora e

pela exercitação de outras atividades que permitiram a exploração literária foram de importância para a concretização dos objetivos do projeto do PRL.

O Clube de Leitura, no caso específico, assumiu a responsabilidade de auxiliar o aluno na adaptação de estratégias, de forma a fortalecer a relação afetiva entre o aluno e o livro, ajudando-o na construção do seu percurso enquanto leitor e construtor da sua autonomia e conhecimento, considerando Ida Moreira (2014, p. 46) que «existe, pois, uma grande responsabilidade em demonstrar aos alunos que a leitura de textos literários, não é só agradável, mas útil também.»

Não se revelando uma obra que primasse pelo prazer sentido, foi nas aprendizagens complementares realizadas que se tornou bem-sucedida, sendo que a mesma foi apresentada noutras turmas da Unidade Orgânica, privilegiando um diálogo profícuo e interativo de aprendizagens. O Clube de Leitura cumpriu a meta de formar leitores, que, apesar de não terem feito uma escolha voluntária na obra que foi lida, trabalharam-na com objetivos e funções diversificadas.

Assim, no âmbito da presente dissertação consideramos que contribuímos para a promoção da leitura e para o desenvolvimento de um conjunto de atividades culturais levadas a cabo com a finalidade de elevar tanto os níveis de literacia como os de fomentar as práticas de leitura de lazer, visando aproximar o leitor do PRL e a população da biblioteca, promovendo a sua frequência.

Se assumimos que compete ao núcleo familiar constituir-se como o primeiro responsável pela criação de hábitos de leitura, à escola, compete ampliá-los e diversificar as opções de leitura, sendo determinante na forma como os alunos/cidadãos deverão relacionar com esta, quer seja através da biblioteca escolar ou de um clube de leitura, pois estes são instrumentos ao serviço da leitura.

Creemos que a leitura da coleção referenciada, pelo menos, alertará os seus jovens leitores insulares para a criação literária local, evitando o desconhecimento e a indiferença perante os textos produzidos no arquipélago, porque também é importante estreitar os laços entre a literatura e o lugar a que pertence o jovem leitor e o conteúdo tem de se transformar numa referência cultural, quer do ponto de vista da educação literária e artística quer sob o ponto de vista da relevância histórica ou simbólica.

As palavras do escritor Açoriano, Daniel de Sá (s.d. In Enciclopédia Açoriana) espelham estas necessidades:

A proximidade das ilhas, bem como a ideia da sua pertença a uma unidade geográfica definida, contribuem para a identidade comum que normalmente caracteriza os habitantes

de um mesmo arquipélago. Sob este ponto de vista, os Açores constituem um caso notável de unidade na diversidade. E isto não apenas no que respeita à geografia, flora e fauna, mas igualmente aos factores de referência que possam servir para a definição eventual do conceito de açorianidade. As diferenças existem, e por vezes muito acentuadas, quer de ilha para ilha quer até dentro da mesma ilha (os modos de falar são um dos exemplos mais imediatos), mas persiste sempre a possibilidade de uma espécie de visão sincrética que torna quase evidente a constatação de uma identidade comum. Tais características de identidade ter-se-ão mantido ao longo dos séculos sustentando-se talvez, e principalmente, na unidade religiosa (a predominância absoluta do catolicismo e a existência de uma diocese única) e na consciência do isolamento partilhado. Isto não obstou, no entanto, a que o substantivo e adjectivo «açoriano» só tenha entrado no uso corrente já no século XIX.

Conclusões

Este trabalho de investigação permitiu desenvolver um percurso que, esperamos, possa constituir um contributo e um comprovativo de que a dinamização de uma obra do PRL é passível de concretização no âmbito da biblioteca escolar e de forma como um clube de leitura pode ser instrumentalizado naquele sentido, num projeto de cooperação entre ambos.

A nossa investigação focou-se em três questões que consideramos pertinentes para também perceber até que ponto o PRL faz sentido e se faz sentir nas aprendizagens dos alunos: se a coleção “Férias nos Açores” pode contribuir para o conhecimento, ou alargamento deste, que os alunos têm do seu arquipélago, transcendendo o seu espaço de ilha; se os alunos, em particular aqueles que nunca saíram dela, compreenderam que a ilha que habitam forma uma unidade, ainda que fragmentada, com as restantes oito e se aquela obra alavancou o gosto pela leitura, em especial, pela de temática açoriana.

As reações iniciais dos alunos à leitura da obra, na realidade, não nos surpreenderam, foram marcadas pelo desinteresse e pelo tédio. Foi imprescindível a adequação entre o que estava escrito e o que era lido, ou seja, entre a intencionalidade comunicativa e sensibilidade recetiva, gerando-se, aqui, uma dialética de entendimento pessoal entre autor e leitor, indo ao encontro da disponibilidade espiritual do último.

Neste contexto, surgiu a questão do efeito reversivo na leitura imposta e instrumentalizada, neste caso específico pelo Clube de Leitura, que no seu objetivo último de enredar positivamente a sua comunidade educativa na leitura, estava a ter um efeito algo contrário e perverso.

Porém, ao longo do tempo e com a persistência necessária, foi surgindo uma maturação na leitura e o enfado inicial foi cedendo lugar à consciência de aspetos de identidade semelhantes entre as quatro ilhas (São Miguel, Santa Maria, Graciosa e Faial), em particular os religiosos e o despontar de orgulho pelo arquipélago ter enfrentado e superado desafios, ter gerado personalidades que foram imperativas nos desígnios da nação e ter atraído outras estrangeiras ao longo da História.

Assistiu-se a um envolvimento multidimensional com a leitura, passível de observação no âmbito comportamental e motivacional, considerando que para a

alteração de postura dos alunos face à obra contribuíram três fatores: o contato com a disciplina que ocupa na mancha curricular a área curricular não disciplinar de Cidadania designada de História, Geografia e Cultura dos Açores; a preparação de atividades lúdicas associadas à obra e didáticas para envolvimento de outros alunos extra clube e a permanente organização e dinamização de atividades, em cooperação com a biblioteca escolar, de promoção do livro e da competência leitora.

Inusitadamente, o Clube de Leitura acabou por promover um diálogo entre aprendizagens.

No final, fica a nossa sensação de missão cumprida, porém a consciência de que para a promoção do PRL é obrigatória a presença de um agente, entenda-se, alguém que se aproprie de uma das obras e promova um projeto de dinamização da mesma, quer seja num Clube de Leitura, quer em contexto de sala de aula e que tenha por base a definição de objetivos/metapas, caso contrário, dificilmente são obras que um aluno requisite espontaneamente ou, caso o faça, reitere a sua vontade de o fazer novamente.

O desafio será o de encontrar este agente, um que transcenda a equipa da biblioteca escolar e promova um projeto de diálogo entre ele próprio e esta, numa lógica de complementaridade.

Mas temos também de considerar que a biblioteca escolar assume-se como um dos veículos privilegiados para apresentar, estimular e dinamizar atividades que, pelo menos, deem a conhecer as obras e as potencialidades do PRL, pois cingir a leitura ao contexto de sala de aula será apresentar a literatura como uma imposição, mais uma das múltiplas tarefas escolares, passível de avaliação, logo de comprometimento avaliativo.

Ao longo do desenvolvimento da presente dissertação, um conjunto de preocupações foram emergindo, paralelamente àquelas que nortearam a presente apresentação. Não estando enquadradas nos objetivos que nos propusemos atingir, explicitamos essas ideias, que podem constituir pistas para futuros estudos:

- que entendimento têm as Unidades Orgânicas Açorianas, na sua generalidade, relativamente aos benefícios que o do Plano Regional de Leitura acarreta para a formação do aluno enquanto tal e enquanto cidadão ativo numa sociedade que beneficia de um património cultural próprio, alinhando-se com o postulado no Decreto Legislativo Regional n.º 15/2001/A, no âmbito do Currículo Regional do Ensino Básico;
- até que ponto o PRL não se resume a uma medida político-cultural que, mesmo mobilizando sensibilidades artísticas, recursos humanos e financeiros e

iniciativas de divulgação, encontra eco nas leituras sugeridas nas Unidades Orgânicas da Região;

- estarão estas sensíveis, não à problemática da competência da leitura como um fator essencial para o sucesso individual e coletivo e um instrumento imprescindível para o exercício de uma cidadania ativa e responsável, mas ao fluir do crescimento e identidade cultural açoriana que se manifesta também e a partir da literatura;
- como agem aquelas Unidades Orgânicas, no conjunto do seu corpo docente, perante a necessidade de se operacionalizar o imposto pelo C.R.E.B. e articular com o sugerido pelo PRL, no âmbito específico da leitura;
- que estratégias e parcerias se podem desenvolver e estabelecer para que o PRL possa ser verdadeiramente implementado, sem depender quase em exclusivo da Secretaria Regional da Educação e Cultura.

Em relação concretamente ao estudo que desenvolvemos, fica aqui o nosso contributo, ainda que pequeno, esperando que, de alguma forma, tenhamos despertado o interesse para as obras que trabalhámos (e neste sentido disponibilizamos em anexo todos os recursos produzidos e utilizados) e para o contributo que a mesma, ou outras consagradas no PRL, oferecem para o cumprimento dos objetivos pretendidos, e que são de extrema importância no contexto regional.

Bibliografia

Aguiar, C. (1979). O homem açoriano é um mito e a expressão literatura açorina é um equívoco. In *Suplemento Ser & Estar*, n.º 1, *Portuguese Times*. Acedido em http://lusofonia.x10.mx/acoresh/literatura_acoriana.htm

Albarello, L. et al. (1997). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Alves, M. e Varela, T. (2012). Construir a relação escola-comunidade educativa: uma abordagem exploratória no concelho de Almada. *Revista Portuguesa de Educação*, 25(2), 31-61. Acedido em <http://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/3001>

Araújo, H. (2012). *Projetos de leitura e trabalho colaborativo: conceções e práticas de professores e professores bibliotecários*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.

Arizaleta, L. (2011). *Trece ideas para aficionar a la lectura*. Acedido em <http://prensahistorica.mcu.es/es/consulta/registro.cmd?control=BVPH20110016982>

Atalaia, M. (2013). *O livro infantil e a aprendizagem da leitura*. Relatório de Estágio. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar. Escola Superior de Tecnologia de Tomar.

Azevedo, C., San-Bento, M., Quinteiro, M., Cabral, P., & Lima, P. (2012). *Relatório do Plano Regional de Leitura*. Secretaria Regional da Educação e Formação dos Açores. Acedido em www.edu.azores.gov.pt/.../planoregionalleitura/.../Relatório%202011-20

Azevedo, F. et al. (2007). *Formar leitores. Das teorias às práticas*. Lisboa: Lidel.

Azevedo, F., Martins, J. (2011). Formar leitores no Ensino Básico: a mais-valia da implementação de um Clube de Leitura. *Da Investigação às Práticas*, 1 (1), 24-35. Acedido em <http://hdl.handle.net/10400.21/2817>

Balça, Â. e Fonseca, M. A. (2012). Os docentes e a biblioteca escolar: uma relação necessária. *Revista Lusófona de Educação*, 20, 65-80.

Barbeiro, L., Gâmbôa, M. (2014). *Leitura: Descoberta e Partilha – o papel dos clubes de leitura*. Escola Superior de Educação e Ciências Sociais: Instituto Politécnico de Leiria.

Bastos, G. (2004). Livros Clássicos com viagens. In *O boco de nautas: XVI encontro de literatura para crianças* (pp 63-70). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Bastos, G. (2009), Diálogos entre a Ciência da Informação e as Ciências da Educação: o caso da investigação em Bibliotecas Escolares. In Maria Manuel Borges, Elías Sanz

Casado. *Actas do IV Encontro Ibérico EDIBCIC 2009*, Vol. 2, pp. 315-323. Disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3067>

Batista, J. M. D. (2012). *Contributos para uma noção de açorianidade literária*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.

Bogdan, R.; Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Coleção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora.

Cabral, M. (2010). *O conto literário de temática Açoriana: a ilha, o mar e a emigração*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Calixto, J. A. (1996). *A Biblioteca Escolar e a Sociedade de Informação*. Editorial Caminho. Lisboa.

Cardoso, T., Alarcão, I., Celorico, J. A. (2010). *Revisão da Literatura e sistematização do Conhecimento*. Porto: Porto Editora.

Carmo, H. e Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação: Guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Conselho Coordenador do Sistema Educativo (2018). Secretaria Regional da Educação e Formação: Direção Regional da Educação e Cultura.

Conselho Coordenador do Sistema Educativo (2018). Reunião Plenária. EBI Roberto Ivens.

Cohen, L., & Manion, L. (1994). *Research Methods in Education*. London: Routledge.

Coutinho, V.; Azevedo, F. (2007). A Importância do Ensino Básico na criação de hábitos de leitura: o papel da escola. In F.. Azevedo (Coord.). *Formar leitores – das teorias às práticas* (pp.35-43). Lisboa: Lidel.

Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação- acção: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), 355- 379.

Cunha, R. (2004). *Kathy no Faial*. Ilha Terceira, Açores: Blu Edições.

Cunha, R. (2004). *Kathy em Santa Maria*. Ilha Terceira, Açores: Blu Edições.

Cunha, R. (2004). *Kathy na Graciosa*. Ilha Terceira, Açores: Blu Edições.

Das, L. H. (2008). Bibliotecas escolares no século XXI : À procura de um caminho. *Newsletter RBE*, nº 3, RBE.

Dalfovo, M. S.; Lana, R. A.; Silveira, A. (2008). Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 2(4), Blumenau, 1-13.

Decreto Legislativo Regional n.º 15/2001/A. *Diário da República*, 1ª Série – Nº 33, de 16 de Agosto de 2001. Assembleia Legislativa Regional. Horta.

Dias, M. (2012). *Motivação para a Leitura - Alunos de uma turma PIEF como mediadores de leitura*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.

Dudziak, E. (2007). *O Bibliotecário como agente de transformação em uma sociedade complexa: integração entre ciência, tecnologia, desenvolvimento e inclusão social*. Acedido em <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/download/1396/878>.

Eisenberg, M.; Miller, D. (2002). This man wants to change your job. In *Scholl Library Journal*. Acedido em <http://www.schoollibraryjournal.com/article/CA240047.html>

Farmoroso, M. (2013). *Motivação e Hábitos de Leitura. Caracterização da Motivação e a Relação nos Hábitos de Leitura, nos Estudantes de 2º ciclo (5º ano)*. Dissertação de Mestrado. IPSA

Fonseca, N. (2013). *Convite à leitura infantil: Da importância ao incentivo dos pais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba

Fradique, M. de F. (2011). *As bibliotecas escolares e o papel do professor bibliotecário*. Covilhã: Universidade da Covilhã.

Ghiglione, R., Matalon, B. (1997). *O inquérito: Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.

Gouveia, J. (2009). *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes: Um estudo de caso em alunos do segundo e terceiro ciclos do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado. Universidade Portucalense Infante D. Henrique.

IFLA/ UNESCO (2006). *Directrizes da IFLA/ UNESCO para as Bibliotecas Escolares*. Acedido em http://www.rbe.minedu.pt/np4/?newsId=74&fileName=SchoolLibraryGuidelines_pt.pdf

Lages, M. et al. (2007). *Os Estudantes e a Leitura*. Lisboa: PNL; Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação.

Martinho, S. (1980). *Inquérito ao livro infantil, Portugal – Estudo sobre a Literatura Portuguesa para a Infância*. Secretaria de Estado da Cultura.

Martins, J. (2011). *A Literatura na Escola: concepções, práticas e recepção pelos alunos - Um estudo de caso da realidade portuguesa*. Tese de Doutoramento. Minho: Universidade do Minho.

Martins, M. C. (2016). *Hábitos de leitura dos alunos de 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico: conceções e práticas da comunidade educativa na EBS das Flores*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.

Mata, L., Monteiro, V. e Peixoto, F. (2009). *Motivação para a leitura ao longo da escolaridade*. Instituto Universitário: Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.

Moreira, I. (2014). *Motivação para a Leitura*. Relatório para obtenção de grau de Mestre. Instituto Superior de Gaia: Escola Superior de Educação de Santa Maria.

Nina, I. (2008). *Da leitura ao prazer de ler*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.

Neves, S. (2010). *Hábitos de leitura e sucesso escolar – um estudo de caso em alunos no final do ensino básico*. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique.

Oliveira, P. (2006). *Metodologias de investigação em educação*. Acedido em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/57434>.

Oliveira, T. (2013). *Perspetivas dos pais quanto à sua participação na creche*. Gaia: Instituto Superior Politécnico Gaya

PISA [Em linha]. Acedido em <<http://www.iff.edu.br/cooperacao-internacional/PISA-programa%20Internacional%20de%20avaliacao.pdf>>.

Pires, Machado (1984). Acedido em http://lusofonia.x10.mx/acores/acorianidade_pires_1984.htm

Plano Nacional de Leitura (2008). *Ler+*. Acedido em <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/escolas/projectos.php?idTipoProjecto=19>.

PRL (2012). Secretaria Regional da Educação e Formação: Direção Regional da Educação e Cultura.

PRL. *Plano Regional de leitura*, Região Autónoma dos Açores. Acedido em <<http://www.edu.azores.gov.pt/projectos/planoregionaleitura/Paginas/default.aspx>>.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

RRBE. (2017). Portal do Governo dos Açores. Acedido em <http://www.edu.azores.gov.pt/projectos/Paginas/RRBE.aspx>

- RRBE. (2014). Apresentação do Programa da Rede Regional de Bibliotecas Escolares. Direção Regional da Educação e Formação.
- RRBE (2015). *Clube de Leitura*. Lisboa.
- Ramos, A. (2012). *Tendências contemporâneas da literatura portuguesa para a infância e juventude*. Tropelias & Companhia.
- Rocha, G. (Coord.) (2012). *Dinâmica demográfica, educação, emprego e desigualdades sociais nos Açores – 2014 a 2020*. (Relatório não publicado) Açores: Direção Regional do Trabalho, Formação Profissional e defesa do Consumidor.
- Rocha, N. (1984). *Breve História da literatura para crianças em Portugal*. Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa.
- Rosado, I. (2011). *Concepções e Acompanhamento Parental em Idade Pré-Escolar com Vista à Promoção de Hábitos de Leitura*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação Instituto Politécnico de Coimbra. Acedido em comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/11260/1/ISABEL_ROSADO.pdf
- Sá, C., e Veiga, M. (2010). *Estratégias de leitura e intercompreensão*. Aveiro. Centro de Investigação Didáctica e Tecnologia na Formação de Formadores.
- Santos, C. (2012). *A adaptação do Plano Nacional de Leitura em Contexto Açoriano*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Sequeira, M. de F. et al. (2000). *Formar Leitores: O Contributo Da Biblioteca Escolar*. Temas de Investigação 14, Instituto De Inovação Educacional, Lisboa.
- Serpa, A. I. (2016). A Rede Regional de Bibliotecas Escolares dos Açores. *Revista de Cultura*, n.º 5.
- Silva, E., Bastos, G., Duarte, R. & Veloso, R. (2011). Guião de implementação do programa de Português do ensino básico – Leitura. Lisboa: ME/DGIDC. Acedido em <https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/leituraoriginal.pdf>
- Silva, L. S. (2014). *Hábitos de Leitura em Contexto Familiar*. Instituto Superior Politécnico Gaya.
- Silva, L. M. da (2002). *Bibliotecas Escolares e Construção do Sucesso Educativo*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: A compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação/ Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

SREC (Secretaria Regional de Educação e Cultura), Portaria n.º 53/2010 de 4 de Junho de 2010. Acedido em <http://srec.azores.gov.pt/dre/sd/115161010600/documentos/doc/legislacao/PortariaN.53-2010.pdf>

Stake, R. E. (2012). *A arte da Investigação com Estudos de Custo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Veiga, M. J. A. (2000). *Ler ou não ler eis a questão*. Acedido em http://195.23.38.178/casdaleitura/portalpha/bo/documentos/ot_ler_nao.pdf

Vilar, M. T. (2016). *O Plano Nacional de Leitura: fundamentos e resultados*. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Anexos

REDE REGIONAL DE BIBLIOTECAS ESCOLARES DOS AÇORES

Direção Regional de Educação dos Açores

Formulário de candidatura

Candidatura 2017/2018: Integração no Programa RRBE

IDENTIFICAÇÃO

Escola

Designação:

Concelho:

Tipologia: **ES**
 EBS
 EBI

Alunos

Número de alunos da escola a candidatar

Nível de educação/ensino	N.º
Pré-escolar	<input type="text"/>
1.º ciclo	<input type="text"/>
2.º ciclo	<input type="text"/>
3.º ciclo	<input type="text"/>
Ensino Secundário	<input type="text"/>
Total:	<input type="text"/>

BIBLIOTECA ESCOLAR

Funcionamento

A biblioteca encontra-se em funcionamento no corrente ano letivo?

Sim

Não

Horário de funcionamento:

Das m às m

Horário contínuo? **Sim**

Não

RECURSOS MATERIAIS

Mobiliário

Mobiliário existente

Quantidade

Estante simples

ml: nd:

Estante dupla

ml: nd:

Expositor de material não livro

ml: nd:

Cadeiras

Mesa dupla

Mesa individual

Mesa para trabalho de grupo

Puff

Secretária/mesa

Sofá

Nota: ml – número de metros lineares de estante; nd – capacidade das estantes em número de documentos.

Equipamento

Equipamento existente

Quantidade

Câmara de vídeo

Computador

Computador portátil

Dispositivo multifunções

Impressora

Leitor *ebook*

Leitor áudio

Leitor DVD

Máquina fotográfica digital

Monitor de TV

Projetor multimédia

Quadro interativo

Scanner

Fundo documental

Fundo existente	N.º de títulos
Material livro	<input type="text"/>
Material não livro	<input type="text"/>
Publicações periódicas	<input type="text"/>
Total	<input type="text"/>

Nota: Material livro – não deverão ser incluídos os manuais escolares; **Material não livro** – DVD, CD áudio, jogos, puzzles, outros; **Publicações periódicas** – na contabilização do número de publicações, apenas se devem considerar os títulos ativos que sejam recebidos com regularidade.

Financiamento

Entidade	Valor
DRE/RRBE	<input type="text"/>
Conselho Executivo da Unidade Orgânica Autarquia	<input type="text"/>
Outras entidades	<input type="text"/>
Total	<input type="text"/>

CANDIDATURA

Apresentação

De acordo com o orçamento de que dispõe, identifique as áreas prioritárias de intervenção/melhoria da biblioteca. Enumere, ainda, o mobiliário, o equipamento e/ou o fundo documental a adquirir.

DOCUMENTOS

Planta e fotografias da biblioteca

Efetue o *upload* da planta da biblioteca à escala com implantação e equipamentos por áreas funcionais e duas fotografias atuais do espaço. Esta documentação deverá ser reunida num único documento – PDF max. 2MB

Plano anual de atividades da biblioteca – ano letivo 2017/2018

Formulário da candidatura (presente documento)

NOTA: Só poderá efetuar o *upload* de 1 único ficheiro em formato .zip

OBSERVAÇÕES

Utilize este espaço para registar quaisquer informações que considere pertinentes ou completar algum dos pontos das secções anteriores – máximo 200 palavras.

ASSINATURAS

Clique aqui para introduzir uma data.

Conselho Executivo:

Coordenador da BE:

Formulário de candidatura

Identificação

Unidade Orgânica	
Morada	
Concelho	
Ilha	
Telefone/Fax	
Email do CE	

Projeto

Título	
Duração	

Objetivos

(Indicar, no máximo, três objetivos do projeto)

--

Alunos a integrar no projeto

(Identificar e descrever genericamente as necessidades e o número de alunos NEE envolvidos)

--

Ações a desenvolver

(Descrever as ações fundamentais que se pretende desenvolver)

--

Materiais a produzir ao longo do desenvolvimento do projeto

(Descrever os materiais)

--

Avaliação do projeto

(Instrumentos a utilizar, indicadores de sucesso, etc.)

--

Parcerias

(Identificar as parcerias que contribuam de forma relevante para a concretização do projeto)

--

Recursos existentes na biblioteca escolar

Fundo documental

(Títulos em formatos acessíveis: braille, ebook, audiolivro; caracteres ampliados, outros)

Descrição	Quantidade
.....

Software específico

(Para comunicação aumentativa, acessibilidade digital, promoção da leitura e escrita, da numeracia e competências matemáticas, outros)

Descrição	Quantidade
.....

Equipamento

(Para a concretização do currículo)

Descrição	Quantidade
.....

Outros

Descrição	Quantidade
.....

Recursos a adquirir para a biblioteca escolar

Fundo documental

(Títulos em formatos acessíveis: braille, ebook, audiolivro; caracteres ampliados, outros)

Descrição	Orçamento

Software específico

(Para comunicação aumentativa, acessibilidade digital, promoção da leitura e escrita, da numeracia e competências matemáticas, outros)

Descrição	Orçamento
-----	-----

Equipamento

(Para a concretização do recursos)

Descrição	Orçamento

Outros

Descrição	Orçamento
-----	-----

Total	
-------	--

Equipa dinamizadora do projeto

(Elementos que compõem a equipa: professores de educação especial, coordenador da biblioteca escolar, demais professores, psicólogo, outros)

--

Coordenador do projeto

(Coordenador da Biblioteca Escolar)

Nome

--

Correio eletrónico

kundera@live.com.pt

Conselho Executivo da unidade orgânica

(Parecer do Conselho Executivo relativo à presente candidatura)

O Conselho Executivo considera a implementação deste projeto como um instrumento de valorização pedagógica direcionado para um grupo muito específico de alunos. A atividade de leitura para portadores de necessidades especiais apresenta-se como um espaço novo no contexto de Biblioteca Escolar, salientando que tal atividade requer dedicação, entusiasmo e constante atualização para trabalhar os variados recursos pertinentes à exploração da ludicidade, do brincar aprendendo, do desenvolver potencialidades diversas.

Entre inúmeras razões, pelo fato da leitura ser considerada fundamental para o desenvolvimento do indivíduo comum, também é igualmente fundamental para o portador de necessidades especiais. A leitura, além de despertar o gosto pelos livros e pelo hábito de ler, contribui para compreender os próprios problemas, estimular a imaginação, promover o desenvolvimento linguístico, despertar a valorização exata das coisas, desenvolver potencialidades, estimular sua curiosidade, inquietar-se por tudo que é novo, proporcionando aos alunos o desenvolvimento de atitudes mais expressivas e criativas, as quais são de extrema importância para os alunos, professores, profissionais e também para a família de cada aluno. São respostas às necessidades que cada aluno possui: quanto à linguagem, ao toque, a socialização e à descoberta.

Outras informações

(Utilizar este espaço para outras informações consideradas relevantes)

Local, Data

Nordeste, 23 de janeiro de 2018

Inquérito

Hábitos de leitura

Alunos do Clube de Leitura – 2º ciclo

Dados Pessoais	Idade <input type="checkbox"/>	Género	M <input type="checkbox"/>	F <input type="checkbox"/>
<p>O preenchimento do presente inquérito tem por objetivo a recolha de dados para uma investigação que está a ser desenvolvida, no âmbito de Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, na Universidade Aberta.</p> <p>Trata-se de um inquérito pessoal e autónomo a partir do qual se pretende aferir os teus hábitos de leitura, não pretendendo avaliar nenhum dos teus conhecimentos.</p> <p>Por favor, sê honesto nas tuas respostas.</p> <p>Agradecida.</p>				

1. Costumas dedicar-te à leitura?	Sim 11	Não 4
-----------------------------------	-----------	----------

2. Se respondeste <i>Sim</i> indica as razões.	
a) Porque desenvolve a minha imaginação.	9
b) Porque é pedido pelos professores das várias disciplinas.	1
c) Porque me incentivam a ler.	5
d) Porque a leitura me dá prazer.	5
e) Curiosidade.	9
f) Não tenho outro passatempo.	
g) Sou forçado por pais e professores.	I
h) Outras (diz quais). <i>Enriquecimento de vocabulário</i> <i>Aprendo outras coisas</i> <i>Passatempo</i>	I I I

3. Se respondeste <i>Não</i> indica as razões.	
a) É uma atividade monótona.	II
b) Não fui incentivado a ler por professores.	
c) Não fui incentivado a ler pelos meus familiares.	
d) Ainda não encontrei um livro que me cativasse.	III
e) Não tenho livros.	
f) Tenho outros passatempos mais interessantes.	I
g) Outras (diz quais).	

4. De quem recibes mais incentivos para a leitura? (<u>apenas</u> para os alunos que responderam <i>sim</i> à questão 1).	
a) Dos professores.	8

b) Dos meus pais e familiares.	6
c) Dos meus amigos.	1
d) De ninguém.	2

5. Que género de livros preferes ler? (<u>apenas</u> para os alunos que responderam <i>sim</i> à questão 1 e podes assinalar mais do que uma opção).	
a) Aventuras.	11
b) Romances/contos.	I
c) Teatro	3
d) Policiais	5
e) Poesia.	2
f) Ficção Científica.	I
g) Informativos (sobre animais, plantas, planetas, factos...).	I
h) Outras (diz quais). <i>Banda desenhada</i>	I

6. Com que frequência lêes? (<u>apenas</u> para os alunos que responderam <i>sim</i> à questão 1)	
a) Diariamente.	I
b) Algumas vezes por semana.	5
c) Ocasionalmente (de vez em quando).	3
d) Nas férias.	2
e) Começo a ler, mas não termino.	
f) Obrigado pelos pais/familiares.	I
g) Obrigado pelos professores.	
h) Outras (diz quais).	

7. Em tua casa, os adultos costumam ler? Se sim, quem?	Sim	Não
a) Pai.	4	
b) Mãe.	10	
c) Irmãos.	6	
d) Avós.	1	
e) Tios.	2	
f) Outros (diz quais). <i>Madrinha</i>	1	
Há 1 aluno que não tem, em casa, ninguém que tenha por hábito ler.	1	

8. Em que circunstâncias costumavas dedicar-te à leitura? (<u>apenas</u> para os alunos que responderam <i>sim</i> à questão 1)	
a) No clube de leitura.	11
b) Na sala de aula.	11
c) No recreio.	
d) Em casa de amigos.	
e) No A.T.L./campos de férias.	
f) Na Biblioteca escolar/municipal.	1

g) Em casa.	11
Os alunos que não responderam que gostavam de ler, fazem as suas leituras no Clube de Leitura e na sala de aula.	4
h) Outros (diz quais). _____	

9. Como adquires os livros para ler?	
a) Compro.	5
b) Requisito na biblioteca escolar.	11
c) Requisito na biblioteca municipal.	1
d) Peço emprestado.	3
e) Recebo como prenda.	6
f) Outros (Diz quais). _____	

10. Para ti, ler é...	
a) Uma obrigação.	
b) Um gosto.	6
c) Um passatempo.	8
d) Uma forma de aprender.	7
e) Uma forma de melhorar as avaliações na escola.	5
f) Uma chatice.	
g) Outros (Diz quais). <i>Melhorar a capacidade da leitura</i>	1

11. Achas que lês mais agora do que lias quando eras mais pequeno?	Sim	Não
a) Sim.	12	
b) Não.	1	
c) O mesmo.	1	

12. Na tua opinião, quem promove mais a leitura/livro? (Podes assinalar mais do que uma opção).	
a) Os meus pais e familiares.	10
b) A biblioteca escolar.	4
c) A biblioteca municipal.	
d) Os professores.	9
e) Os meus amigos.	1
f) Outros (Diz quais). _____	

Já terminaste o inquérito I.
Muito obrigada pela tua colaboração.

Inquérito**Plano Regional de Leitura****Alunos do Clube de Leitura – 2º ciclo**

Dados Pessoais	Idade <input type="checkbox"/>	Género	M <input type="checkbox"/>	F <input type="checkbox"/>
<p>O preenchimento do presente inquérito tem por objetivo a recolha de dados para uma investigação que está a ser desenvolvida, no âmbito de Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, na Universidade Aberta.</p> <p>Trata-se de um inquérito pessoal e autónomo a partir do qual se pretende aferir os teus conhecimentos acerca do Plano Regional de Leitura (PRL), não pretendendo avaliar nenhum dos teus conhecimentos.</p> <p>Por favor, sê honesto nas tuas respostas.</p> <p>Agradecida.</p>				

1. Antes de leres alguns dos volumes da coleção <i>Férias nos Açores</i> , tinhas conhecimento do Plano Regional de Leitura?	Sim	Não
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----	-----

2. Obtiveste conhecimento do PRL através:	
a) do Clube de Leitura.	
b) de promoções dos livros nas livrarias.	
c) da Biblioteca Escolar.	
d) da Biblioteca Municipal.	
e) de familiares.	
f) de amigos.	
g) de professores.	
h) dos meios de comunicação e redes sociais.	
i) Outras (diz quais).	

3. Para além dos volumes da coleção <i>Férias nos Açores</i> , já leste mais alguma obra do PRL?	Sim	Não
---------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----	-----

4. O que te motivou para a leitura de outra obra do PRL? (<u>apenas</u> para os alunos que responderam <i>sim</i> à <i>questão 3</i>).	
a) Por imposição do professor.	
b) Por sugestão do professor.	
c) Por gosto.	
d) Por curiosidade.	
e) Por falta de outras opções.	
f) Para dinamizar atividades de leitura no âmbito da Biblioteca Escolar.	
g) Outras (diz quais).	

5. Agora que conheces o que é o PRL, reconheces a sua importância para a tua formação enquanto aluno e açoriano?	Sim	Não
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----	-----

6. Se respondeste <i>sim</i> ...	
a) É uma forma de divulgar os escritores açorianos.	
b) É uma forma de obrigar os alunos a contatarem com a literatura açoriana.	
c) É uma forma de conhecermos os vários aspetos da vida nas outras ilhas.	
d) É uma boa forma para me lembrar que a minha ilha faz parte de um arquipélago e minimiza a minha sensação de isolamento.	
e) Outras (diz quais).	

7. Se respondeste <i>não</i> ...	
f) São obras pouco divulgadas quer nas livrarias quer nas bibliotecas.	
b) São obras pouco interessantes de serem lidas.	
c) São obras difíceis de serem lidas (vocabulário, ideias, enredo...)	
d) Há autores e obras nacionais e estrangeiras muito mais interessantes.	
e) Não tenho qualquer interesse em conhecer as outras ilhas dos Açores, pois devem ser muito semelhantes à minha.	
f) Não tenho sensação de isolamento no local onde moro.	
g) Outras (diz quais).	

8. Quais foram os aspetos mais relevantes importantes para ti na leitura dos volumes da coleção <i>Férias nos Açores</i> ? (assinala as que considerares importantes).	
a) Descobrires a aventura vivida pela personagem em cada uma das ilhas.	
b) Conheceres a descrição que a autora faz de cada uma das ilhas que te permitiu visualizá-la e despertar o desejo de conhecê-la.	
c) Reconheceres que cada uma das ilhas tem aspetos geográficos, religiosos, culturais e históricos semelhantes aos da tua ilha.	
d) Perceberes que cada uma das ilhas tem aspetos geográficos, religiosos, culturais e históricos específicos.	
e) Compreenderes que, ao longo do tempo, as ilhas dos Açores tiveram personalidades cuja importância transcendeu (foi para além) o arquipélago).	
f) Saberes que ao longo do tempo, as ilhas dos Açores acolheram personalidades mundiais importantes.	
g) Entenderes que o modo de vida de cada uma das ilhas está diretamente relacionado com a sua geografia (localização e aspetos geográficos específicos).	
h) Reconheceres que as ilhas dos Açores são marcadas pelo isolamento.	
i) Compreenderes que as ilhas dos Açores foram importantes para alguns dos acontecimentos mais marcantes da História de Portugal.	
j) Valorizares o património cultural, religioso, arquitetónico e histórico do arquipélago.	

k) Perceberes que as várias ilhas do arquipélago formam uma unidade cultural, geográfica, histórica e religiosa, apesar das suas especificidades.	
l) Reconheceres a importância de preservar o património histórico como forma de conheceres o teu passado.	
m) Compreenderes a importância de preservar o património histórico como forma de preservares a tua identidade como açoriano.	
h) Outras (diz quais).	

9. A leitura dos volumes coleção <i>Férias nos Açores</i> contribuiu para o aumento do teu gosto e interesse pela leitura de obras do PRL porque...	
a) É uma narrativa com aventura que nos prende a atenção.	
g) Está escrita com um vocabulário simples de compreender.	
h) É importante para valorizarmos o nosso património insular e conhecermos os vários aspetos culturais, históricos, religiosos e geográficos das várias ilhas.	
i) Promoveu conhecimentos que eu não tinha acerca das outras ilhas dos Açores.	
j) Outras (diz quais).	



10. A leitura dos volumes coleção <i>Férias nos Açores</i> não contribuiu para o aumento do teu gosto e interesse pela leitura de obras do PRL porque...	
a) É uma narrativa sem ação ou aventura que prenda a atenção.	
b) Está escrita com vocabulário difícil de compreender.	
c) Apresenta um texto monótono e repetitivo em todos os volumes.	
d) Não me interessa conhecer aspetos específicos das outras ilhas.	
e) Outros (Diz quais).	

11. Após teres lido e trabalho os volumes da coleção <i>Férias nos Açores</i> , sentes que o teu conhecimento acerca da História, Cultura e Geografia dos Açores saiu:	
a) Reforçado.	
b) Mantido.	
c) Confundido.	
d) Nenhuma das opções.	
e) Outras (diz quais).	

12. Para leres mais uma obra que integre a lista do PRL...	
a) Será por imposição.	
b) Será por curiosidade.	
c) Se o título for apelativo.	
d) Se a obra for aconselhada por familiares, amigos, professores...	
e) Se a obra for publicitada na BE, nas redes sociais, pelo escritor, nas livrarias...	

f) Não tenho interesse em voltar ler obras do PRL.	
g) Outras (diz quais).	

Já terminaste o inquérito II.
Muito obrigada pela tua colaboração

	Escola Básica e Secundária de Nordeste Clube de Leitura <i>Palavras Vivas</i> I Guião de exploração da coletânea <i>Férias nos Açores</i> «Kathy na Graciosa»	
-----------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------

1. Repara no título da obra e na ilustração da capa. A obra que vais analisar tem como objetivo levar-te numa viagem pelo arquipélago dos Açores, mais especificamente à ilha da Graciosa (a 308 km de distância). **Sugere** possíveis enredos

2. Na referência bibliográfica de um livro, deves indicar o seu autor, título, editora, número de edição e ano de publicação.

2.1. Efetua a referência bibliográfica desta obra, consultando a ficha técnica na página 1.

Autor (a)	
Título da obra	
Título da coleção	
Design Gráfico	
Revisão	
Editora	
Edição	
Data	

3. De acordo com o que está explicitado entre as páginas 3 e 6, **responde:**

3.1. Kathy tornou-se uma turista nos Açores porque

- Ouvira falar daquele arquipélago através de publicidade.
- Conheceu o arquipélago numa das suas aulas de História.
- Quisera conhecê-lo, pois tinha familiares naquele arquipélago.
- Ganhou uma viagem àquele arquipélago.

3.2. Kathy, para conhecer todas as ilhas que compõem o arquipélago, fez

- Duas viagens, num espaço de três anos.

- Duas viagens, num espaço de dois anos.
- Uma única viagem que durou três meses.
- Uma única viagem que durou dois anos.

3.3. Quando Kathy busca o sentido de «raízes» vem

- Procurar o passado dos familiares.
- Conhecer as suas origens culturais.
- Contatar os seus parentes açorianos.
- Encontrar o seu local de nascimento.

3.4. A autora apresenta o mapa dos Açores destacando com cor diferente a ilha que dá o subtítulo ao livro para que o jovem leitor

- Reconheça todas as ilhas do arquipélago.
- Localize a ilha no grupo a que pertence.
- Perceba a localização geográfica daquela ilha em relação às outras.
- Memorize os nomes de todas as ilhas do arquipélago.

4. Quanto aos seus **aspetos geográficos**, responde ao que te é solicitado. De acordo com o explicitado entre as páginas 8 e 9, **completa** os espaços:

4.1. Kathy e os primos partem da ilha de _____ em direção à ilha _____ que fica mais a _____ do grupo _____. Foi a _____ ilha a ser descoberta.

4.2. **Explica o sentido da frase** «É a força da ilha» que apenas se pode compreender quando nela se nasce» (p. 29)

5. Quanto aos seus **aspetos históricos e culturais**, responde ...

5.1. Ao desembarcar na ilha da Graciosa, há uma determinada construção (p. 10) que sobressai. **Preenche** o esquema de acordo com as informações.

Nome da construção**Utilidade**

Localização

Justificação para esta localização

5.2. Explica a origem da cruz encontrada na entrada da vila (p. 16).

5.3. Explica de que modo vulcanismo da ilha foi aproveitado na arquitetura (p. 17).

5.4. Há construções antigas, do início do povoamento, que foram preservadas e aproveitadas para outros fins. **Exemplifica-as.** (p. 18)

5.5. Indica a relação entre o tipo de construção civil – solares ou casas solarengas – com o estatuto social e económico dos seus proprietários (p. 18).

5.6. A ilha da Graciosa também foi visitada por pessoas importantes que não residiam na ilha. **Identifica-as.** (p. 47/8).

Personalidade	Importância

5.7. Ao ler o livro, obténs informação acerca da origem dos primeiros povoadores da ilha. **Indica-a** (p. 34).

5.8. A freguesia da Praia fora, até meados do século XIX (1867) Vila, perdendo, a partir de então aquele estatuto. **Explicita** a:

- a) razão pela qual tal aconteceu;
- b) o que tem de interessante.

5.9. Na freguesia da Praia, as personagens do livro, ficam desapontadas e entristecidas por saberem que a «Torre Sineira» que «do alto do seu isolamento, olhava para os que por ela passavam» (p. 41) era o que sobrava de um antigo Convento Franciscano. **Justifica** aquela decepção e tristeza.

«Kathy na Graciosa»

5.10. Consideras importante a existência de Museus Etnográficos? Justifica.

5.11. Ao longo da obra, as personagens mais novas (Kathy e os primos) consideram que há informações quer históricas quer culturais que se tornam interessantes se houver quem as possa explicar de forma engraçada. **Concordas** com a afirmação? **Justifica.**

6. Quanto aos seus aspetos económicos, responde ...

6.1. Relativamente às **adegas, diz** (p. 44/45):

- a) a sua função.
- b) a sua constituição.

6.2. Quando a autora explica, através de uma das personagens, o modo como se procedia quer ao transporte dos cereais para o moinho quer ao pagamento feito ao moleiro pretende caracterizar uma parte do quotidiano dos habitantes. A partir da explicação dada, **como o classificarias.** Assinala a opção que te parece correta (p. 15):

- Pobre e difícil
- Farta e feliz
- Difícil, mas farta

6.2. A ilha Graciosa tem falta de água, por isso, os povoadores/habitantes da Graciosa em construíram tanques. **Preenche** o esquema para que possas perceber de que forma era aproveitada a água das chuvas (p. 21).

Tanques

- Utilidade

Tanques

- Utilidade

«Kathy na Graciosa»

6.3. Os pavimentos empedrados quer de interiores quer de exteriores mostram mais um aproveitamento dos recursos naturais da ilha (p. 22). **Justifica.**

6.4. **Explica a predominância** dos espaços designados de «granéis» (p. 23).

6.5. A Graciosa, outrora, fora uma ilha que se dedicara à caça à baleia. **Refere de que forma** a autora obteve esta informação (p. 24).

6.6. Para além do moleiro (mencionado no início do livro), há uma outra ocupação em vias de desaparecimento na ilha. **Indica** a sua **designação** e a sua **utilidade** (p. 42).

6.7. **Explica** o que são «os sombreiros» (p. 42).

6.8. **Indica** qual é a importância do termo «Região Demarcada» na venda de um determinado produto (p. 45).

7. Quanto à sua religiosidade, responde...

7.1. **Reconta**, brevemente, a lenda que explica a construção da ermida de Nossa Senhora da Ajuda (p. 27).

7.2. **Relaciona** a construção do edifício religioso designado de Nossa Senhora da Vitória com a necessidade de se fazer um agradecimento divino (p. 28).

7.3. **Relaciona** a manifestação de fé – procissão - com o medo sentido pela população e a necessidade de se obter a proteção divina (p. 29).

7.4. A ilha da Graciosa tem uma cultura muito marcada pela religiosidade. **Concordas** com a afirmação? **Justifica.**

8. Para terminares o guião, numera o itinerário (percurso) percorrido pela Kathy e família ao longo da ilha.

- | | | |
|--------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Vila de Santa Cruz | <input type="checkbox"/> Casa das Meninas – Vila de Santa Cruz | <input type="checkbox"/> Ermida de Nossa Senhora d’Ajuda |
| <input type="checkbox"/> Caldeira/Furna Enxofre | <input type="checkbox"/> Museu Etnográfico de Santa Cruz | <input type="checkbox"/> Moinhos de vento – Praia |
| <input type="checkbox"/> Carapacho | <input type="checkbox"/> Ermida de São João – Monte d’Ajuda | <input type="checkbox"/> Ermidinha de Santo António – Vila de Santa Cruz |
| <input type="checkbox"/> Praia | <input type="checkbox"/> Praça de Toiros – Monte d’Ajuda | <input type="checkbox"/> Câmara Municipal – Vila de Santa Cruz |
| <input type="checkbox"/> Ermida de Nossa Senhora d’Ajuda – Monte d’Ajuda | <input type="checkbox"/> Ponta da Barca | <input type="checkbox"/> Igreja da Misericórdia |
| <input type="checkbox"/> Ermida de São Salvador – Monte d’Ajuda | <input type="checkbox"/> Ermida de Nossa Senhora da Vitória | <input type="checkbox"/> Igreja Matriz de Santa Cruz |
| <input type="checkbox"/> Barro Vermelho | <input type="checkbox"/> Igreja de Nossa Senhora da Luz – Freguesia da Luz | <input type="checkbox"/> Torre Sineira – resto do Convento Franciscano de Santa Cruz |



«Kathy na Graciosa»

9. Após teres lido e compreendido o livro, visualizaste um filme documentário acerca daquela ilha. **Enumera** os aspetos que consideres que deveriam ter sido:

- a) mencionados no filme (mas estão explicitados no livro).
- b) mencionados no livro (mas que estão explicitados no filme).
- c) aspetos coincidentes entre o livro e o filme.

10. Para finalizar a exploração da ilha da Graciosa, irás **preencher** o quadro que está abaixo.

Itens de preenchimento	Graciosa
História	
Economia	
Arquitetura Civil	
Arquitetura Religiosa	
Festividades Religiosas	
Festividades Pagãs	
Personalidades que a visitaram.	
Personalidades dela oriundas	
Natureza	

	Escola Básica e Secundária de Nordeste Clube de Leitura <i>Palavras Vivas</i> I Guião de exploração da coletânea <i>Férias nos Açores</i> «Kathy na Graciosa»	
-----------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------

1. Repara no título da obra e na ilustração da capa. A obra que vais analisar tem como objetivo levar-te numa viagem pelo arquipélago dos Açores, mais especificamente à ilha da Graciosa (a 308 km de distância). **Sugere** possíveis enredos.

Uma aventura num lago.

A visita de uma menina estrangeira/turista à Graciosa

2. Na referência bibliográfica de um livro, deves indicar o seu autor, título, editora, número de edição e ano de publicação.

2.1. Efetua a referência bibliográfica desta obra, consultando a ficha técnica na página 1.

Autor (a)	<i>Regina Tristão da Cunha</i>
Título da obra	« <i>Kathy na Graciosa</i> »
Título da coleção	<i>Férias nos Açores</i>
Design Gráfico	<i>António Araújo</i>
Revisão	<i>Maria João Ferreira dos Santos</i>
Editora	<i>Blu Edições</i>
Edição	<i>1ª</i>
Data	<i>2004</i>

3. De acordo com o que está explicitado entre as páginas 3 e 6, **responde**:

3.1. Kathy tornou-se uma turista nos Açores porque

- Ouvira falar daquele arquipélago através de publicidade.
- Conhecera o arquipélago numa das suas aulas de História.
- Quisera conhecê-lo, pois tinha familiares naquele arquipélago.*
- Ganhara uma viagem àquele arquipélago.

3.2. Kathy, para conhecer todas as ilhas que compõem o arquipélago, fez

- Duas viagens, num espaço de três anos.*
- Duas viagens, num espaço de dois anos.
- Uma única viagem que durou três meses.
- Uma única viagem que durou dois anos.

3.3. Quando Kathy busca o sentido de «raízes» vem

- Procurar o passado dos familiares.
- Conhecer as suas origens culturais.*
- Contatar os seus parentes açorianos.
- Encontrar o seu local de nascimento.

3.4. A autora apresenta o mapa dos Açores destacando com cor diferente a ilha que dá o subtítulo ao livro para que o jovem leitor

- Reconheça todas as ilhas do arquipélago.
- Localize a ilha no grupo a que pertence.
- Perceba a localização geográfica daquela ilha em relação às outras.*
- Memorize os nomes de todas as ilhas do arquipélago.

4. Quanto aos seus **aspectos geográficos**, responde ao que te é solicitado. De acordo com o explicitado entre as páginas 8 e 9, **completa** os espaços:

4.1. Kathy e os primos partem da ilha de *São Jorge* em direção à ilha *Graciosa* que fica mais a *Norte* do grupo *Central*. Foi a *sétima* ilha a ser descoberta.

4.2. **Explica o sentido da frase** «É a força da ilha» que apenas se pode compreender quando nela se nasce» (p. 29)

A frase refere-se às frequentes crises sísmicas que são entendidas pela população como uma situação que integra as suas vidas, pois é o movimento interno da própria ilha.

5. Quanto aos seus **aspectos históricos e culturais**, responde ...

5.1. Ao desembarcar na ilha da Graciosa, há uma determinada construção (p. 10) que sobressai. **Preenche** o esquema de acordo com as informações.

Nome da construção	Utilidade <i>Moer milho e trigo para que a população os transformasse em pão.</i>
<i>Moinhos de vento ou moinhos de penais</i>	Localização <i>Em lugares ventosos.</i>
	Justificação para esta localização <i>Para aproveitar a energia eólica, pois a Graciosa é pobre em água, logo não possuía moinhos movidos a água.</i>

5.2. **Explica** a origem da cruz encontrada na entrada da vila (p. 16).

É a «Cruz da Barra» ou a «Cruz de São Sebastião» e foi erguida em seguimento de uma promessa feita pela tripulação de um navio que enfrentou um grande temporal, caso sobrevivesse ao aportar.

5.3. **Explica** de que modo vulcanismo da ilha foi aproveitado na arquitetura (p. 17).

O vulcanismo está presente na arquitetura graças ao aproveitamento feito com a pedra (fruto das explosões vulcânicas) na decoração das fachadas (molduras das janelas, varandas e portas).

5.4. Há construções antigas, do início do povoamento, que foram preservadas e aproveitadas para outros fins. **Exemplifica-as.** (p. 18)

A Câmara Municipal sita num antigo solar do conde de Simas, um nobre que possuía imensas terras de vinha e casas.

5.5. **Indica a relação** entre o tipo de construção civil – solares ou casas solarengas – com o estatuto social e económico dos seus proprietários (p. 18).

Os solares ou casas solarengas eram construções grandiosas e com os frontispícios cuidadosamente guarnecidos cuja construção estava apenas ao alcance de famílias endinheiradas.

5.6. A ilha da Graciosa também foi visitada por pessoas importantes que não residiam na ilha. **Identifica-as.** (p. 47/8).

Personalidade	Importância
<i>Chateaubriand</i>	<i>Príncipe e escritor francês fugido da Revolução Francesa.</i>

<i>Almeida Garrett</i>	<i>Um grande escritor e poeta português que viveu durante muitos anos na ilha Terceira.</i>
<i>Padre Jesuíta António Vieira</i>	<i>Um famoso diplomata e orador português.</i>

5.7. Ao ler o livro, obténs informação acerca da origem dos primeiros povoadores da ilha. **Indica-a** (p. 34).

A informação recebida diz respeito ao local onde o primeiro povoador, Vasco Gil Sodré, se fixou (Carapacho).

5.8. A freguesia da Praia fora, até meados do século XIX (1867) Vila, perdendo, a partir de então aquele estatuto. **Explicita** a:

- razão pela qual tal aconteceu; *tinha escassos rendimentos.*
- o que tem de interessante. *  a povoa o mais antiga da Graciosa.*

5.9. Na freguesia da Praia, as personagens do livro, ficam desapontadas e entristecidas por saberem que a «Torre Sineira» que «do alto do seu isolamento, olhava para os que por ela passavam» (p. 41) era o que sobrava de um antigo Convento Franciscano. **Justifica** aquela dece o e tristeza.

A Torre Sineira foi outrora parte da importante Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, pertencente ao Convento Franciscano de Santo Cruz, demolido no século XX. As personagens alegam que a destrui o do que   antigo prejudicar  a História e a memória local.

5.10. **Consideras** importante a existência de Museus Etnográficos? **Justifica.**

Sim, considero porque guardam a memória do quotidiano dos locais, em especial no seu modo de vida.

5.12. Ao longo da obra, as personagens mais novas (Kathy e os primos) consideram que há informa o quer históricas quer culturais que se tornam interessantes se houver quem as possa explicar de forma engraçada. **Concordas** com a afirma o? **Justifica.**

Sim, porque a História tem de ser contada como se tivesse sido vivida para que possamos imaginar que passamos por aquelas situa o e, posteriormente, as compreendamos.

6. Quanto aos seus aspetos econ micos, responde ...

6.1. Relativamente às **adegas**, **diz** (p. 44/45):

- a sua fun o. *Servia para a produ o de vinho.*
- a sua constitui o. *Nas adegas havia um tanque, a selhinha, o tinote, pote das aduelas.*

6.2. Quando a autora explica, através de uma das personagens, o modo como se procedia quer ao transporte dos cereais para o moinho quer ao pagamento feito ao moleiro

«Kathy na Graciosa»

pretende caracterizar uma parte do quotidiano dos habitantes. A partir da explicação dada, **como o classificarias**. Assinala a opção que te parece correta (p. 15):

Pobre e difícil

Farta e feliz

Difícil, mas farta

6.2. A ilha Graciosa tem falta de água, por isso, os povoadores/habitantes da Graciosa em construíram tanques. **Preenche** o esquema para que possas perceber de que forma era aproveitada a água das chuvas (p. 21).

Tanques

- *Reservatórios de água doce advinda das chuvas para o gado beber;*
- *apoio aos lagares na lavagem das pipas.*

6.3. Os pavimentos empedrados quer de interiores quer de exteriores mostram mais um aproveitamento dos recursos naturais da ilha (p. 22). **Justifica**.

Os pavimentos empedrados são fruto do aproveitamento dos calhaus junto ao mar.

6.4. **Explica a predominância** dos espaços designados de «granéis» (p. 23).

Os granéis eram espaços para arrumo de cereais, uma vez que a Graciosa é muito produtiva em termos graníferos e vinho.

6.5. A Graciosa, outrora, fora uma ilha que se dedicara à caça à baleia. **Refere de que forma** a autora obteve esta informação (p. 24).

As personagens observaram outro granel, parte do «Barracão das Lanchas», do tempo em que os navios ancoravam fora do cais. Agora albergava as canoas baleeiras pertencentes ao Museu.

6.6. Para além do moleiro (mencionado no início do livro), há uma outra ocupação em vias de desaparecimento na ilha. **Indica** a sua **designação** e a sua **utilidade** (p. 42).

A ocupação é a de oleiro e construía, para venda, utensílios domésticos como alguidares, salgadeiras, púcaras, talhões e telhas.

6.7. **Explica** o que são «os sombreiros» (p. 42).

Sombreiros são os forno e oficinas que serviam para a cozedura do barro.

6.8. **Indica** qual é a importância do termo «Região Demarcada» na venda de um determinado produto (p. 45).

O termo «Região Demarcada» indica que o produto tem qualidade.

7. Quanto à sua religiosidade, responde...

7.1. **Reconta**, brevemente, a lenda que explica a construção da ermida de Nossa Senhora da Ajuda (p. 27).

A lenda conta que, enquanto a população abria um acesso para o monte, surgiu, numa pequena cavidade, uma imagem de Nossa Senhora. Esta foi levada para a igreja, reaparecendo, todavia, no mesmo local onde fora encontrada. No altar da dita igreja observavam-se pequenas pedradas que indiciavam o movimento da imagem e a sua recusa em ficar ali. Quando a população se preparava para construir uma ermida no alto da colina, surgiram duas crianças com «saquinhos» de dinheiro para auxiliar a obra. A sua presença foi considerada um milagre e um sinal de aprovação de Nossa Senhora para que se erguesse a ermida em louvor a «Nossa Senhora da Ajuda».

7.2. **Relaciona** a construção do edifício religioso designado de Nossa Senhora da Vitória com a necessidade de se fazer um agradecimento divino (p. 28).

A ermida foi erguida em sinal de agradecimento pela vitória dos graciosenses relativamente a um ataque de piratas argelinos, no século XVII.

7.3. **Relaciona** a manifestação de fé – procissão - com o medo sentido pela população e a necessidade de se obter a proteção divina (p. 29).

O medo referido foi perpetrado por uma crise sísmica, sendo que a procissão de penitência do mês de maio, dedicada a Nossa Senhora de Guadalupe, foi a forma encontrada para pedir proteção à dita santa.

7.4. A ilha da Graciosa tem uma cultura muito marcada pela religiosidade. **Concordas** com a afirmação? **Justifica**.

Sim, pois há a referência à construção de várias ermidas, igrejas e manifestações de fé nas festividades.

8. Para terminares o guião, numera o itinerário (percurso) percorrido pela Kathy e família ao longo da ilha.

Vila de Santa Cruz - 1	Casa das Meninas – Vila de Santa Cruz - 6	Igreja de São Mateus - 17
Caldeira/Furna do Enxofre - 13	Museu Etnográfico de Santa Cruz - 20	Moinhos de vento – 2
Carapacho - 15	Ermida de São João – Monte d’Ajuda - 11	Ermidinha de Santo António – Vila de Santa Cruz - 4
Praia - 16	Praça de Toiros – Monte d’Ajuda - 8	Câmara Municipal – Vila de Santa Cruz - 5
Ermida de Nossa Senhora d’Ajuda – Monte d’Ajuda - 9	Igreja de Nossa Senhora da Luz – Freguesia da Luz - 14	Igreja da Misericórdia - 18
Ermida de São Salvador – Monte d’Ajuda - 10	Igreja Matriz de Santa Cruz - 21	Torre Sineira – resto do Convento Franciscano de Santa Cruz - 19
Barro Vermelho - 12	Cruz da Barra - 3	Praça - 7



9. Após teres lido e compreendido o livro, visualizaste um filme documentário acerca daquela ilha. **Enumera** os aspetos que consideres que deveriam ter sido:

- mencionados no filme (mas estão explicitados no livro).
- mencionados no livro (mas que estão explicitados no filme).
- aspetos coincidentes entre o livro e o filme.

10. Para finalizar a exploração da ilha da Graciosa, irás **preencher** o quadro que está abaixo.

Itens de preenchimento	Graciosa
História	<i>Foi a sétima ilha a ser descoberta, A identificação de Vasco Gil Sodré como o primeiro povoador da ilha a desembarcar no local designado de Carapacho. A divisão da ilha em duas capitánias entregues a Pedro Correia da Cunha (marido da irmã de Colombo) e a Duarte Barreto (que após ter sido morto em combate por corsários originou unificação da ilha numa única capitania, por ser demasiado pequena).</i>
Economia	<i>Relevância dada a profissões praticamente extintas, como a de moleiro e oleiro. Registo dado à produção granífera e de vinho, tendo uma zona demarcada. Referência à caça à baleia.</i>
Arquitetura Civil	<i>Referência a solares (Solar do Conde de Simas e Casa das Meninas), hoje convertidos em espaços para outros serviços (Câmara Municipal). Relevância dada ao uso dos recursos naturais da ilha na decoração (empedramento interior e exterior).</i>
Arquitetura Religiosa	<i>Referência, ao longo de todo o volume, da construção de igrejas (destacando-se a igreja Matriz dedicada à Santa Cruz,</i>

	<i>a igreja da Misericórdia, onde se venera a imagem do Senhor Santo Cristo, igreja de São Mateus, igreja de Nossa Senhora da Luz), ermidas (Ermida de Nossa Senhora da Ajuda, ermida de Santo António, ermida de Nossa Senhora da Vitória) e conventos franciscanos (Torre Sineira).</i>
Festividades Religiosas	<i>Procissão de penitência de maio em honra de Nossa Senhora de Guadalupe. Festas em honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres.</i>
Festividades Pagãs	<i>Touradas</i>
Personalidades que a visitaram.	<i>Príncipe Alberto do Mónaco Chateaubriand Almeida Garrett Padre António Vieira</i>
Natureza	<i>Furna do Enxofre Caldeira Termas do Carapacho</i>

	<p>Escola Básica e Secundária de Nordeste Clube de Leitura <i>Palavras Vivas</i> II Guião de exploração da coletânea <i>Férias nos Açores</i> «Kathy no Faial»</p>	
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------

1. A obra que vais analisar tem como objetivo levar-te numa viagem pelo arquipélago dos Açores, mais especificamente à ilha do Faial (a 294 km de distância). Repara no título da obra e na ilustração da capa. Sugere possíveis enredos.

2. Na referência bibliográfica de um livro, deves indicar o seu autor, título, editora, número de edição e ano de publicação.

2.1. Efectua a referência bibliográfica desta obra, consultando a ficha técnica na página 1.

Autor (a)	
Título da obra	
Título da coleção	
Design Gráfico	
Revisão	
Editora	
Edição	
Data	

3. De acordo com o que está explicitado entre as páginas 3 e 6, **assinala** com um X a única opção correta

3.1. Kathy tornou-se uma turista nos Açores porque

- Ouvira falar daquele arquipélago através de publicidade.
- Conheceu o arquipélago numa das suas aulas de História.
- Quisera conhecê-lo, pois tinha familiares naquele arquipélago.
- Ganhou uma viagem àquele arquipélago.

3.2. Kathy, para conhecer todas as ilhas que compõem o arquipélago, fez

- Duas viagens, num espaço de três anos.
- Duas viagens, num espaço de dois anos.
- Uma única viagem que durou três meses.
- Uma única viagem que durou dois anos.

3.3. Quando Kathy busca o sentido de «raízes» vem

- Procurar o passado dos familiares.
- Conhecer as suas origens culturais.
- Contatar os seus parentes açorianos.
- Encontrar o seu local de nascimento.

3.4. A autora apresenta o mapa dos Açores, destacando com cor diferente a ilha que dá o subtítulo ao livro para que o jovem leitor

- Reconheça todas as ilhas do arquipélago.
- Localize a ilha no grupo a que pertence.
- Perceba a localização geográfica daquela ilha em relação às outras.
- Memorize os nomes de todas as ilhas do arquipélago.

4. Assinala com um X apenas as afirmações verdadeiras, de acordo com o que está escrito entre as páginas 8 a 13.

- A viagem de barco entre as ilhas do Pico e Faial faz-se num curto espaço de tempo.
- O contato entre os habitantes da ilha do Pico e do Faial é esporádico (raro).
- À beira da ilha do Faial, tal como nas outras, há ilhéus fruto de explosões vulcânicas.
- A ilha que está mais próxima do Faial é a de São Jorge.
- Na ilha, houve o aproveitamento de espaços históricos antigos para zonas turísticas.

- A ilha do Faial, tal como algumas das outras ilhas, foi atacada, em outros tempos, por piratas europeus e africanos.

5. Quanto aos seus aspetos históricos e culturais, responde...

5.1. Na página 13, menciona-se um Forte que tem muito valor histórico. **Justifica** este valor.

5.2. Explica o sentido da frase «É natural, pois o que acontecia numa ilha do grupo central, acontecia nas outras». (P. 13)

5.3. A marina da Horta tem uma beleza especial (p. 14). **Justifica**.

5.4 A cidade da Horta, ainda guarda vestígios de ataques de piratas e corsários de outrora. **Exemplifica** com uma informação da página 16.

5.5. Na página 17, há a informação de que o Faial adquiriu muita importância política quando os Açores se tornaram uma região autónoma. **Refere** que construção arquitetónica espelha esta autonomia.

5.6. Kathy passa pelo Museu e o que vê em determinadas peças deixa-a espantada. **Justifica** aquela sensação (p. 21)

5.5. Continuando o seu périplo pela cidade da Horta, Kathy depara-se com duas estátuas de duas personalidades cuja importância estende-se para além do arquipélago até Portugal Continental (p. 22/23). Completa o quadro com a informação solicitada.

Personalidade

- Importância

Personalidade

- Importância

5.8. A Horta é a sede da Assembleia Legislativa Regional. **Indica** qual é a sua importância (p. 25).

«Kathy no Faial»

5.9. Kathy, tendo raízes açorianas mas vivendo nos Estados Unidos, procura estabelecer paralelismos (comparações) entre o Faial e a sua terra. **Exemplifica** com duas situações (p. 26)

5.10. A designação da ilha passou por várias fases até chegar à atual. **Completa** o quadro com alterações na sua nomenclatura.

Ilha de Ventura -	
Ilha de D. Luís	
Ilha do Faial -	

5.11. Na página 29, a autora diz que o rei de Portugal teve alguns receios face à ocupação da ilha.

5.12. Indica que receio foi este.

5.13. Diz que medidas tomou.

5.14. Contudo, passados muitos séculos, a influência flamenga ainda está muito presente na ilha do Faial. **Justifica** com as informações da página 29.

5.15. Apresenta o motivo pelo qual uma erupção vulcânica na ilha do Pico poderia afetar a ilha do Faial.

5.16 O nome de uma das freguesias, «Espalhafatos» está relacionado com um fato histórico (p. 39). **Descreve-o**.

5.17. Explica o sentido da frase «Tens aqui o exemplo do nascer de uma ilha» (p. 43).

5.18. Foram muitas as personalidades ilustres que passaram pela ilha do Faial. **Preenche** o quadro com os motivos que justificam a sua estadia nesta ilha (págs50/2).

Charles Lindergh -

James Cook -

Príncipe Alerto do Mónaco -

5.19. Na página 55/6 explica-se que os três grupos que constituem o arquipélago tiveram as suas raízes de povoamento em locais diversos. **Indica**-os.

5.20. O «Peter Café Sport», página 58, tem uma importância marcante na vida da cidade da Horta. **Justifica**.

6. Quanto aos aspetos económicos, responde...

6.1. Explica o que são «toldas» e qual é a sua utilidade. (p. 33)

6.2. Entre a ilha do Faial e a da Graciosa há semelhanças no que diz respeito a uma infraestrutura importante para a economia. **Refere**-a (p. 38).

6.3. Explica o que são «eiras» de acordo com a página 41/2.

6.4. Explica a necessidade de se estabelecerem relações políticas entre os Estados Unidos e o arquipélago dos Açores (p. 47).

6.5. Exemplifica como foi importante a presença de norte americanos na ilha no combate à fome (p. 47)

6.6. A cidade da Horta teve muita importância no final do século XIX, pois, devido à sua posição estratégica, aproximou os continentes Europeu e Americano. **Indica** de que forma (p. 50).

6.7. O «Porto Pim» (p. 46), sinónimo de Porto Seguro, é um ponto económico importante. **Justifica**.

6.8. Explica o sentido do «salto» apresentado na página 48.

6.9. O que podes inferir da vida dos faialenses, após ter percebido o significado do «salto»? **Assinala** com um X a opção que te parece mais indicada.

- Vida difícil sem perspectivas de melhoria
- Vida difícil, embora marcada pela alegria.
- Vida difícil, com esperança de melhoria

6.10. Na página 52 encontras uma das razões para que a ilha do Faial fosse atacada frequentemente por corsários. **Indica-a.**

7. Quanto às suas manifestações religiosas, responde...

7.1. A ilha do Faial tem uma cultura muito marcada pela religiosidade. **Concordas** com a afirmação? **Justifica.**

7.2. Tal como acontece nas outras ilhas, e como já constaste/ou irás constatar na leitura de outras obras desta coleção, a vivência no Faial é muito marcada pela religiosidade. Na página 16, **retira** informação acerca da devoção prestada:

objeto de culto	
o motivo	
marca arquitetónica	

8. Na página 18, há a referência, tal como nos outros volumes que leste/lerás de uma ordem religiosa importante. **Menciona-a.**

8.1. Na página 30, há a referência a um culto religioso que é comum à tua ilha e também à Graciosa. **Refere-o.**

8.2. A religiosidade também está presente na gastronomia faialense. **Explica** de que forma.

8.3. Os franciscanos, tal como na Graciosa, tiveram uma importância marcante no quotidiano faialense. Justifica de acordo com o lido na página 62.

9. Para finalizar... Ordena tudo quanto a Kathy e a sua família visitaram e apreciaram na visita à ilha do Faial desde que lá aportaram até a abandonarem.

<input type="checkbox"/> Castelo de Santa Cruz	<input type="checkbox"/> Igreja Matriz da cidade da Horta	<input type="checkbox"/> Igreja de Nossa Senhora das Graças
<input type="checkbox"/> Avenida Marginal	<input type="checkbox"/> Museu	<input type="checkbox"/> Flamengos
<input type="checkbox"/> Jardim Público e Torre do Relógio	<input type="checkbox"/> Assembleia Legislativa Regional	<input type="checkbox"/> Caldeira
<input type="checkbox"/> Império dos Nobres	<input type="checkbox"/> Espalamaca	<input type="checkbox"/> Freguesia Pedro Miguel

<input type="checkbox"/> Ribeirinha	<input type="checkbox"/> Espalhafatos	<input type="checkbox"/> Capelinhos
<input type="checkbox"/> Varadouro	<input type="checkbox"/> Monte da Guia	<input type="checkbox"/> Areal Porto Pim
<input type="checkbox"/> Peter Café Sport	<input type="checkbox"/> Museu de Arte Sacra	

10. Após teres lido e compreendido o livro, visualizaste um filme documental acerca daquela ilha. **Enumera** os aspetos que consideres que deveriam ter sido:

- mencionados no filme (mas estão explicitados no livro).
- mencionados no livro (mas que estão explicitados no filme).
- aspetos coincidentes entre o livro e o filme.

11. Para finalizar a exploração da ilha do Faial, irás **preencher** o quadro que está abaixo com os aspetos relevantes.

Itens de preenchimento	Faial
História	
Economia	
Arquitetura Civil	
Arquitetura Religiosa	
Festividades Religiosas	
Festividades Pagãs	
Personalidades que a visitaram.	
Personalidades dela oriundas	
Natureza	

	<p>Escola Básica e Secundária de Nordeste Clube de Leitura <i>Palavras Vivas</i> II Guião de exploração da coletânea <i>Férias nos Açores</i> «Kathy no Faial»</p>	
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

1. A obra que vais analisar tem como objetivo levar-te numa viagem pelo arquipélago dos Açores, mais especificamente à ilha do Faial (a 294 km de distância). Repara no título da obra e na ilustração da capa. Sugere possíveis enredos.

Uma viagem de barco ao Faial

Uma modelo numa marina, na ilha do Faial.

2. Na referência bibliográfica de um livro, deves indicar o seu autor, título, editora, número de edição e ano de publicação.

2.1. Efetua a referência bibliográfica desta obra, consultando a ficha técnica na página 1.

Autor (a)	<i>Regina Tristão da Cunha</i>
Título da obra	« <i>Kathy no Faial</i> »
Título da coleção	<i>Férias nos Açores</i>
Design Gráfico	<i>António Araújo</i>
Revisão	<i>Maria João Ferreira dos Santos</i>
Editora	<i>Blu Edições</i>
Edição	<i>1^a</i>
Data	<i>2004</i>

3. De acordo com o que está explicitado entre as páginas 3 e 6, **assinala** com um X a única opção correta

3.1. Kathy tornou-se uma turista nos Açores porque

- Ouvira falar daquele arquipélago através de publicidade.
- Conheceu o arquipélago numa das suas aulas de História.
- Quisera conhecê-lo, pois tinha familiares naquele arquipélago.*
- Ganhara uma viagem àquele arquipélago.

3.2. Kathy, para conhecer todas as ilhas que compõem o arquipélago, fez

- Duas viagens, num espaço de três anos.*
- Duas viagens, num espaço de dois anos.
- Uma única viagem que durou três meses.
- Uma única viagem que durou dois anos.

3.3. Quando Kathy busca o sentido de «raízes» vem

- Procurar o passado dos familiares.
- Conhecer as suas origens culturais.*
- Contatar os seus parentes açorianos.
- Encontrar o seu local de nascimento.

3.4. A autora apresenta o mapa dos Açores, destacando com cor diferente a ilha que dá o subtítulo ao livro para que o jovem leitor

- Reconheça todas as ilhas do arquipélago.
- Localize a ilha no grupo a que pertence.
- Perceba a localização geográfica daquela ilha em relação às outras.*
- Memorize os nomes de todas as ilhas do arquipélago.

4. **Assinala** com um X apenas as afirmações verdadeiras, de acordo com o que está escrito entre as páginas 8 a 13.

- A viagem de barco entre as ilhas do Pico e Faial faz-se num curto espaço de tempo.*
- O contato entre os habitantes da ilha do Pico e do Faial é esporádico (raro).
- À beira da ilha do Faial, tal como nas outras, há ilhéus fruto de explosões vulcânicas.*
- A ilha que está mais próxima do Faial é a de São Jorge.

Na ilha, houve o aproveitamento de espaços históricos antigos para zonas turísticas.

A ilha do Faial, tal como algumas das outras ilhas, foi atacada, em outros tempos, por piratas europeus e africanos.

5. Quanto aos seus aspetos históricos e culturais, responde...

5.1. Na página 13, menciona-se um Forte que tem muito valor histórico. **Justifica** este valor.

O Forte data do século XVI, pois das suas ameias vigiava-se e combatia-se o inimigo, ou seja, piratas e corsários europeus e africanos.

5.2. Explica o sentido da frase «É natural, pois o que acontecia numa ilha do grupo central, acontecia nas outras». (P. 13)

Os acontecimentos facilmente se espalhavam entre as ilhas do grupo Central devido à sua proximidade geográfica.

5.3. A marina da Horta tem uma beleza especial (p. 14). **Justifica**.

A beleza da marina deve-se ao facto de todos os iatistas que por lá aportam deixarem uma pintura na parede para testemunhar a sua presença.

5.4 A cidade da Horta, ainda guarda vestígios de ataques de piratas e corsários de outrora. **Exemplifica** com uma informação da página 16.

A Torre do Relógio é o que resta da primeira igreja Matriz da Horta que foi incendiada por corsários ingleses.

5.5. Na página 17, há a informação de que o Faial adquiriu muita importância política quando os Açores se tornaram uma região autónoma. **Refere** que construção arquitetónica espelha esta autonomia.

A Sociedade Amor da Pátria foi o espaço onde o Parlamento Açoriano se reuniu pela primeira vez.

5.6. Kathy passa pelo Museu e o que vê em determinadas peças deixa-a espantada. **Justifica** aquela sensação (p. 21)

A Kathy fica extasiada pois as peças são construídas em miolo de figueira.

5.5. Continuando o seu périplo pela cidade da Horta, Kathy depara-se com duas estátuas de duas personalidades cuja importância estende-se para além do arquipélago até Portugal Continental (p. 22/23). Completa o quadro com a informação solicitada.

Personalidade - Duque de Ávila e Bolama

- Importância - *foi um grande diplomata no século XIX, sendo presidente da Câmara, deputado e ministro do governo português. além de embaixador na França e na Bélgica. Também foi responsável pela atribuição do estatuto de cidade à Horta.*

Personalidade - Manuel de Arriaga

- Importância - *Primeiro Presidente da República Portuguesa*

5.8. A Horta é a sede da Assembleia Legislativa Regional. **Indica** qual é a sua importância (p. 25).

É ali que se tomam as decisões políticas e administrativas que se aplicarão apenas aos Açores.

5.9. Kathy, tendo raízes açorianas mas vivendo nos Estados Unidos, procura estabelecer paralelismos (comparações) entre o Faial e a sua terra. **Exemplifica** com duas situações (p. 26)

A existência do parlamento e de partidos políticos.

5.10. A designação da ilha passou por várias fases até chegar à atual. **Completa** o quadro com alterações na sua nomenclatura.

Ilha de Ventura - devido aos vários aventureiros que foram atraídos pela fama da ilha possuir minas de prata e estanho.

Ilha de D. Luís

Ilha do Faial - existência de faias que a cobriam, aquando da sua descoberta.

«Kathy no Faial»

5.11. Na página 29, a autora diz que o rei de Portugal teve alguns receios face à ocupação da ilha.

5.12. **Indica** que receio foi este. *O receio foi que se formasse uma comunidade só flamenga na ilha e garantir o domínio lusitano, uma vez que já se atribuía a designação de «Ilhas Flamengas».*

5.13. **Diz** que medidas tomou. *O rei enviou portugueses do norte de Portugal, a partir da ilha Terceira, para ocuparem a ilha.*

5.14. Contudo, passados muitos séculos, a influência flamenga ainda está muito presente na ilha do Faial. **Justifica** com as informações da página 29.

A sua presença ainda se faz sentir graças aos sobrenomes existentes, assim como os nomes atribuídos a alguns dos locais.

5.15. **Apresenta** o motivo pelo qual uma erupção vulcânica na ilha do Pico poderia afetar a ilha do Faial.

O Faial e o Pico são geograficamente próximos, por isso as consequências naturais de um vulcão seriam facilmente sentidas em ambas as ilhas.

5.16 O nome de uma das freguesias, «Espalhafatos» está relacionado com um fato histórico (p. 39). **Descreve-o**.

O nome advém da confusão estabelecida após os faialenses terem expulsado os espanhóis (após 1640), em que estes deixaram cair alguma roupa arrumada à pressa, espalhando-a pelo chão.

5.17. **Explica** o sentido da frase «Tens aqui o exemplo do nascer de uma ilha» (p. 43).

A frase refere-se ao acréscimo que a ilha teve devido à explosão vulcânica dos «Capelinhos», no qual já começam a brotar as primeiras plantas.

5.18. Foram muitas as personalidades ilustres que passaram pela ilha do Faial. **Preenche** o quadro com os motivos que justificam a sua estadia nesta ilha (págs50/2).

Charles Lindergh - Experimentou as condições do porto da Horta para a companhia Clippers da Pan American que organizava voos regulares entre a Europa e a América, via Horta.

James Cook - célebre explorador e navegador inglês no seu regresso a Inglaterra dos mares austrais.

Príncipe Alerto do Mónaco - notável oceanógrafo.

5.19. Na página 55/6, explica-se que os três grupos que constituem o arquipélago tiveram as suas raízes de povoamento em locais diversos. **Indica**-os.

Os grupos Central e Ocidental tiveram as suas raízes em flamengos e portugueses no Norte; no grupo Oriental predominou portugueses do Sul do país.

5.20. O «Peter Café Sport», página 58, tem uma importância marcante na vida da cidade da Horta. **Justifica**.

O bar é um dos 50 mais famosos, pois é muito útil durante a estadia dos iatistas estrangeiros recebendo a correspondência, dando indicações, trocando dinheiro, verificando barómetros, apoiando no que necessitam.

6. Quanto aos aspetos económicos, responde...

6.1. Explica o que são «toldas» e qual é a sua utilidade. (p. 33)

As «toldas» é o termo que designa as «burras» de milho, estruturas onde se pendurava as maçarocas de milho que, ao longo do ano, iam sendo consumidas.

6.2. Entre a ilha do Faial e a da Graciosa há semelhanças no que diz respeito a uma infraestrutura importante para a economia. **Refere**-a (p. 38).

São os moinhos de vento, do tipo holandês.

6.3. Explica o que são «eiras» de acordo com a página 41/2.

Eram construções que serviam para secar e malhar feijão, tremoço e outros cereais, enquanto a debulhadora mecânica não surgiu.

6.4. Explica a necessidade de se estabelecerem relações políticas entre os Estados Unidos e o arquipélago dos Açores (p. 47).

«Kathy no Faial»

A intensidade das escalas dos barcos baleeiros na ilha do Faial determinou a abertura de consulados norte-americanos no arquipélago.

6.5. Exemplifica como foi importante a presença de norte americanos na ilha no combate à fome (p. 47)

Os americanos chegaram a socorrer os habitantes quer do Pico quer do Faial com muitos alqueires de milho e trigo que vinham dos Estados Unidos.

6.6. A cidade da Horta teve muita importância no final do século XIX, pois, devido à sua posição estratégica, aproximou os continentes Europeu e Americano. **Indica** de que forma (p. 50).

Foi importante, pois na Horta foi colocado o primeiro cabo telegráfico submarino, ligando ambos os continentes.

6.7. O «Porto Pim» (p. 46), sinónimo de Porto Seguro, é um ponto económico importante. **Justifica**.

O Porto Pim é uma baía, antes cratera, por onde se exportava o pastel, a laranja e o vinho do Pico.

6.8. Explica o sentido do «salto» apresentado na página 48.

O «salto» era a saída de muitos jovens para os Estados Unidos a bordo dos navios baleeiros que aportavam ao Faial para se reabastecerem de víveres e recrutavam alguns homens para servir a bordo.

6.9. O que podes inferir da vida dos faialenses, após ter percebido o significado do «salto»? **Assinala** com um X a opção que te parece mais indicada.

- Vida difícil, sem perspectivas de melhoria*
- Vida difícil, embora marcada pela alegria.*
- Vida difícil, com esperança de melhoria*

6.10. Na página 52 encontras uma das razões para que a ilha do Faial fosse atacada frequentemente por corsários. **Indica-a**.

Os corsários vinham para os mares dos Açores esperar que os galeões espanhóis regressassem das Américas e da Índia, cheios de preciosidades e ouro, entretanto, enquanto não chegavam, atacavam as ilhas.

7. Quanto às suas manifestações religiosas, responde...

7.1. A ilha do Faial tem uma cultura muito marcada pela religiosidade. **Concordas** com a afirmação? **Justifica**.

Sim, pois há a referência à construção de várias igrejas, mosteiros e festividades religiosas.

7.2. Tal como acontece nas outras ilhas, e como já constaste/ou irás constatar na leitura de outras obras desta coleção, a vivência no Faial é muito marcada pela religiosidade. Na página 16, **retira** informação acerca da devoção prestada:

objeto de culto	<i>Espírito Santo</i>
o motivo	<i>Findar a erupção vulcânica de 1672, no Cabeço do Fogo</i>
marca arquitetónica	<i>Construção «Império dos Nobres»</i>

8. Na página 18, há a referência, tal como nos outros volumes que leste/lerás de uma ordem religiosa importante. **Menciona**-a.

Ordem Franciscana.

8.1. Na página 30, há a referência a um culto religioso que é comum à tua ilha e também à Graciosa. **Refere**-o.

É o culto ao Senhor Santo Cristo dos Milagres.

8.2. A religiosidade também está presente na gastronomia faialense. **Explica** de que forma.

Está presente através de um pudim de feijão que um frade confeccionou para minimizar as saudades da comida de casa. Atualmente, é uma sobremesa presente nos dias de festa.

8.3. Os franciscanos, tal como na Graciosa, tiveram uma importância marcante no quotidiano faialense. Justifica de acordo com o lido na página 62.

Os franciscanos praticavam o ensino, as artes, a caridade diária, como tiveram um papel relevante em alimentar, em alturas de fome, a população, inclusive a do Pico que atravessava o canal para lhes pedir trigo e pão.

9. Para finalizar... **Ordena** tudo quanto a Kathy e a sua família visitaram e apreciaram na visita à ilha do Faial desde que lá aportaram até a abandonarem.




Espalamaca 9.	Capelinhos 16.	Igreja de Nossa Senhora das Graças 10.
Caldeira 12.	Museu 7.	Flamengos 11.
Jardim Público e Torre do Relógio 3.	Assembleia Legislativa Regional 8.	Avenida Marginal 2.
Sociedade «Amor da Pátria» 5.	Castelo de Santa Cruz 1.	Freguesia Pedro Miguel 13.
Cedros 15.	Espalhafatos 14.	Igreja Matriz da cidade da Horta 6.
Varadouro 17.	Monte da Guia 18.	Areal Porto Pim 19.
Peter Café Sport 21.	Igreja de Nossa Senhora das Angústias 20.	Império dos Nobres 4.

10. Após teres lido e compreendido o livro, visualizaste um filme documentário acerca daquela ilha. **Enumera** os aspetos que consideres que deveriam ter sido:

- mencionados no filme (mas estão explicitados no livro).
- mencionados no livro (mas que estão explicitados no filme).
- aspetos coincidentes entre o livro e o filme.

44. Para finalizar a exploração da ilha do Faial, irás **preencher** o quadro que está abaixo com os aspetos relevantes.

Itens de preenchimento	Faial
História	Povoada por flamengos e portugueses do Norte do país. O Forte (Castelo de Santa Cruz) foi ocupado pelos espanhóis no período do domínio Filipino -1583 até 1640 - e tomado, posteriormente, no século XIX às tropas fiéis a D. Miguel. Reforço do envio de povoadores da ilha Terceira para equilibrar a comunidade flamenga que surgia na Horta.
Economia	Artesanato Agricultura, onde remanescem ainda construções designadas de «eiras» para malhar o feijão, tremço e outros cereais.
Arquitetura Civil	Castelo de Santa Cruz (século XVI); «Sociedade Amor da Pátria»; Assembleia Legislativa Regional.
Arquitetura Religiosa	Colégio dos Jesuítas, com a sua igreja Matriz de São Salvador; Igreja do Convento de São Francisco; Igreja da Senhora das Angústias (séc. XVIII); Mosteiro e Igreja do Carmo; «Império dos Nobres»
Festividades Religiosas	Festa de Nossa Senhora das Angústias; Festas do Senhor Santo Cristo Crucificado; Festas do Divino Espírito Santo; Festas de São João.
Festividades Pagãs	Semana do Mar.
Personalidades que a visitaram.	Charles Lindbergh James Cook Príncipe Alberto do Mónaco Raul Brandão Francis Drake
Personalidades dela oriundas	Manuel de Arriaga
Natureza	Caldeira Capelinhos Existência da maior colónia de garajaus da Europa, onde nidificam o «Garajau Comum» e o «Garajau Rosado»

	<p>Escola Básica e Secundária de Nordeste</p> <p>Clube de Leitura <i>Palavras Vivas</i></p>	 
<p>III Guião de exploração da coletânea <i>Férias nos Açores</i></p> <p>«Kathy em Santa Maria»</p>		

1. Repara no título da obra e na ilustração da capa. A obra que vais analisar tem como objetivo levar-te numa viagem pelo arquipélago dos Açores, mais especificamente à ilha de Santa Maria (a 138 km de distância). **Sugere** possíveis enredos.

2. Na referência bibliográfica de um livro, deves indicar o seu autor, título, editora, número de edição e ano de publicação.

2.1. **Efetua** a referência bibliográfica desta obra, consultando a ficha técnica na página 1.

Autor (a)	
Título da obra	
Título da coleção	
Design Gráfico	
Revisão	
Editora	
Edição	
Data	

3. De acordo com o que está explicitado entre as páginas 3 e 6, **assinala** com um X a única opção correta:

3.1. Kathy tornou-se uma turista nos Açores porque

- Ouvira falar daquele arquipélago através de publicidade.
- Conhecera o arquipélago numa das suas aulas de História.
- Quisera conhecê-lo, pois tinha familiares naquele arquipélago.
- Ganhara uma viagem àquele arquipélago.

3.2. Kathy, para conhecer todas as ilhas que compõem o arquipélago, fez

- Duas viagens, num espaço de três anos.
- Duas viagens, num espaço de dois anos.
- Uma única viagem que durou três meses.
- Uma única viagem que durou dois anos.

3.3. Quando Kathy busca o sentido de «raízes» vem

- Procurar o passado dos familiares.
- Conhecer as suas origens culturais.
- Contatar os seus parentes açorianos.
- Encontrar o seu local de nascimento.

3.4. A autora apresenta o mapa dos Açores destacando com cor diferente a ilha que dá o subtítulo ao livro para que o jovem leitor

- Reconheça todas as ilhas do arquipélago.
- Localize a ilha no grupo a que pertence.

Perceba a localização geográfica daquela ilha em relação às outras.

Memorize os nomes de todas as ilhas do arquipélago.

4. Relativamente à ilha de Santa Maria responde:

4.1. Santa Maria foi

A primeira ilha a ser descoberta.

A primeira ilha do grupo ocidental a ser descoberta.

A única ilha a ser descoberta no século XVII.

4.2. Os seus descobridores tinham noção que haviam chegado àquela ilha porque

Ouviram o barulho de povoadores na ilha.

Viram povoadores ao largo da costa.

Notaram a presença de aves que denunciavam a presença de terra.

4.3. Kathy, ao observar a ilha, tem a sensação desta estar

Abandonada

Queimada

Desabitada

4.4. Santa Maria é conhecida por ser a

Ilha do sol

Ilha queimada

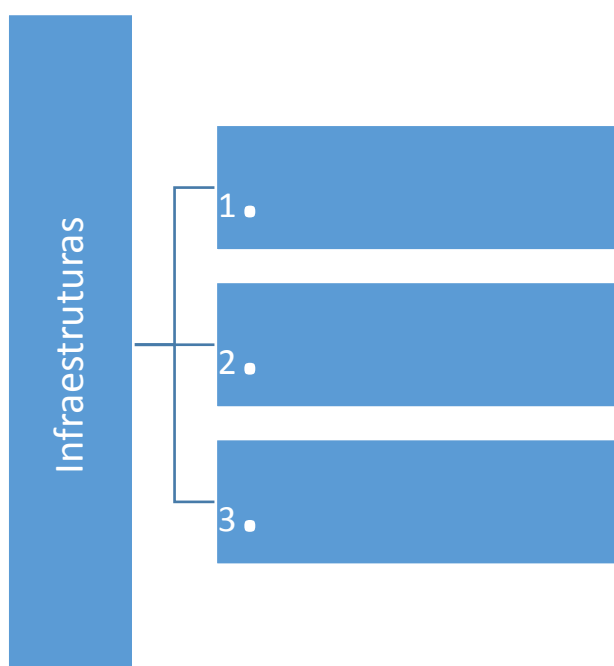
Ilha pequena

5. Quanto aos seus aspetos históricos e culturais, responde ...

5.1. **Completa** o quadro com a informação solicitada.

Primeira vila a ser fundada	Primeiro navegador a chegar à ilha
Razão pela qual	
os navegadores não ficaram na ilha de São Miguel e preferiram Santa Maria	os norte-americanos se estabeleceram em Santa Maria

5.2. Após a saída dos norte-americanos, a população da ilha aproveitou todas as infraestruturas construídas. **Preenche** o esquema com exemplos deste aproveitamento.



5.3. **Retira** dois exemplos da página 15 duas construções antigas que foram recuperadas e reaproveitadas.

5.4. O domínio espanhol do século XVI deixou marcas na ilha de Santa Maria. **Exemplifica.**

5.5. Transcreve da página 15 uma frase que indique a presença de piratas naquela ilha, à semelhança do que se passou na do Faial e Graciosa.

5.6. Completa o texto com as informações que constam da página 15.

Carvalho de Araújo foi um _____,
_____. Foi uma figura importante
porque defrontou um _____ para proteger o seu
navio.

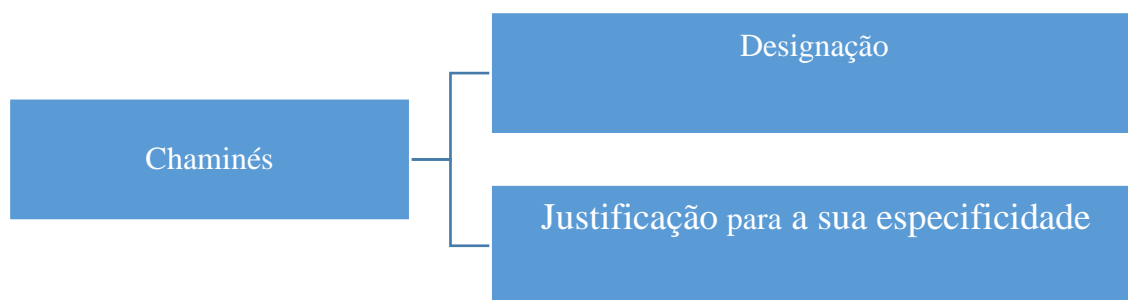
5.7. Justifica:

o nome dado a Santa Maria de «Ilha do Ovo	a importância do lugar designado de «Anjos»
a importância do lugar designado de «Santana».	a paragem de Colombo em Santa Maria

5.8. Na página 32, surge a questão da importância de se preservar «as coisas antigas». **Explica** esta necessidade.

5.9. Há um aspeto similar entre as ilhas de Santa Maria e a da Terceira referido na página 41. **Explicita-o.**

5.10. As chaminés típicas de ilha de Santa Maria são diferentes das outras nas restantes ilhas do arquipélago. De acordo com o explicado na página 43, **preenche** o esquema:



6. Quanto aos seus aspetos religiosos, responde ...

6.1. Refere a relíquia encontrada em Santana que remonta ao tempo dos primeiros povoadores.

6.2. Da igreja Matriz, original do século XVI, apenas se manteve, até aos nossos dias, uma capela e uma porta. **Indica**, de acordo com a página 28, o que aconteceu ao restante edifício.

6.3 A dada altura, a personagem designada de Fred considera que há demasiados edifícios religiosos no arquipélago. **Refere** que explicação lhe foi dada.

6.4. Na ilha de Santa Maria, destaca-se as festas em honra do Espírito Santo, tal como na tua ilha. No entanto, há aspetos muito próprios da ilha de Santa Maria.

6.4.1. Preenche o esquema com as informações referentes àquela festa (pág. 41).

1. Cortejo com a folia dos foliões, à frente.

Festas do
Espírito
Santo

2.

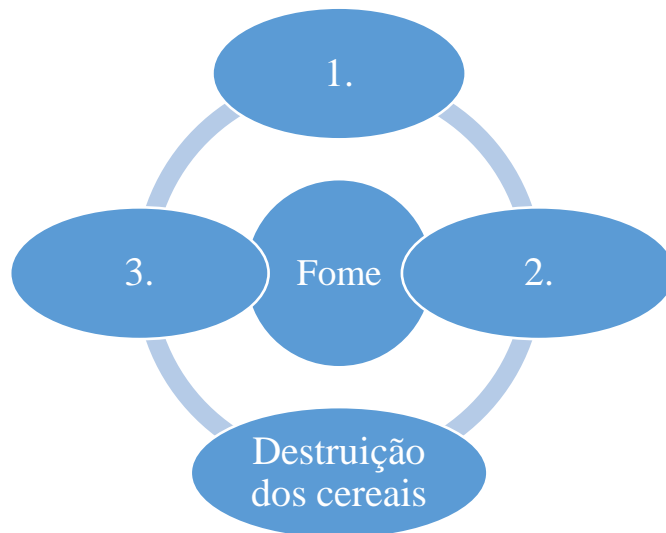
3.

4.

6.5. **Por que motivo** as festas em honra do Espírito Santo são, de acordo com a obra na página 44, uma marca do arquipélago dos Açores.

7. Quanto aos seus **aspetos económicos, responde...**

7.1. **Preenche** o esquema com os fatores que levaram aos surtos de fome na ilha, de acordo com o exposto na página 33.



7.2. A ilha de Santa Maria é conhecida pelas suas olarias, **relaciona**-as com a origem dos seus povoadores.

7.3. **Por que** motivo as peças de olaria da ilha de Santa Maria eram diferentes e de qualidade superior em comparação com as do resto do arquipélago.

7.4. Justifica a origem do nome da freguesia Almagreira», de acordo com página 37, assim como a importância desta para a ilha.

7.5. Explica o que são (página 38):

- «Covas mata-mouros», «matamorras».
- palheiros».

8. Para finalizar... Ordena tudo quanto a Kathy e a sua família visitaram e apreciaram na visita à ilha de Santa Maria desde que lá aportaram até a abandonarem.

<input type="checkbox"/> Espírito Santo	<input type="checkbox"/> Ermida de São Pedro	<input type="checkbox"/> Feteiras
<input type="checkbox"/> Almagreira	<input type="checkbox"/> Santa Bárbara	<input type="checkbox"/> Vila do Porto
<input type="checkbox"/> Largo do Município	<input type="checkbox"/> Forte de São João Batista	<input type="checkbox"/> Anjos
<input type="checkbox"/> Miradouro do Lagoínho	<input type="checkbox"/> Forte de São Brás	<input type="checkbox"/> Santana
<input type="checkbox"/> Pico Alto	<input type="checkbox"/> Matriz	<input type="checkbox"/> Praia Formoso

9. Após teres lido e compreendido o livro, visualizaste um filme documentário acerca daquela ilha. **Enumera** os aspetos que consideres que deveriam ter sido:

9. a) mencionados no filme (mas estão explicitados no livro).
10. b) mencionados no livro (mas que estão explicitados no filme).
11. c) aspetos coincidentes entre o livro e o filme.

10. Para finalizar a exploração da ilha de Santa Maria, irás **preencher** o quadro que está abaixo com os aspetos relevantes.

Itens de preenchimento	Santa Maria
História	
Economia	
Arquitetura Civil	
Arquitetura Religiosa	
Festividades Religiosas	

Festividades Pagãs	
Personalidades que a visitaram.	
Personalidades dela oriundas	
Natureza	



Escola Básica e Secundária de Nordeste

Clube de Leitura *Palavras Vivas*

III Guião de exploração da coletânea *Férias nos Açores*

«Kathy em Santa Maria»



1. Repara no título da obra e na ilustração da capa. A obra que vais analisar tem como objetivo levar-te numa viagem pelo arquipélago dos Açores, mais especificamente à ilha de Santa Maria (a 138 km de distância). **Sugere** possíveis enredos.

*Três amigos têm uma aventura na praia.
Três amigos, sendo um deles a Kathy, vão para Santa Maria.*

2. Na referência bibliográfica de um livro, deves indicar o seu autor, título, editora, número de edição e ano de publicação.

2.1. **Efetua** a referência bibliográfica desta obra, consultando a ficha técnica na página 1.

Autor (a)	<i>Regina Tristão da Cunha</i>
Título da obra	« <i>Kathy na Graciosa</i> »
Título da coleção	<i>Férias nos Açores</i>
Design Gráfico	<i>António Araújo</i>
Revisão	<i>Maria João Ferreira dos Santos</i>
Editora	<i>Blu Edições</i>
Edição	<i>1ª</i>
Data	<i>2004</i>

3. De acordo com o que está explicitado entre as páginas 3 e 6, **assinala** com um X a única opção correta:

3.1. Kathy tornou-se uma turista nos Açores porque

Ouvira falar daquele arquipélago através de publicidade.

Conheceria o arquipélago numa das suas aulas de História.

Quisera conhecê-lo, pois tinha familiares naquele arquipélago.

Ganhara uma viagem àquele arquipélago.

3.2. Kathy, para conhecer todas as ilhas que compõem o arquipélago, fez

Duas viagens, num espaço de três anos.

Duas viagens, num espaço de dois anos.

Uma única viagem que durou três meses.

Uma única viagem que durou dois anos.

3.3. Quando Kathy busca o sentido de «raízes» vem

Procurar o passado dos familiares.

Conhecer as suas origens culturais.

Contatar os seus parentes açorianos.

Encontrar o seu local de nascimento.

3.4. A autora apresenta o mapa dos Açores destacando com cor diferente a ilha que dá o subtítulo ao livro para que o jovem leitor

Reconheça todas as ilhas do arquipélago.

Localize a ilha no grupo a que pertence.

Perceba a localização geográfica daquela ilha em relação às outras.

Memorize os nomes de todas as ilhas do arquipélago.

4. Relativamente à ilha de Santa Maria **responde:**

4.1. Santa Maria foi

- A primeira ilha a ser descoberta.*
- A primeira ilha do grupo ocidental a ser descoberta.
- A única ilha a ser descoberta no século XVII.

4.2. Os seus descobridores tinham noção que haviam chegado àquela ilha porque

- Ouviram o barulho de povoadores na ilha.
- Viram povoadores ao largo da costa.
- Notaram a presença de aves que denunciavam a presença de terra.*

4.3. Kathy, ao observar a ilha, tem a sensação desta estar

- Abandonada
- Queimada*
- Desabitada

4.4. Santa Maria é conhecida por ser a

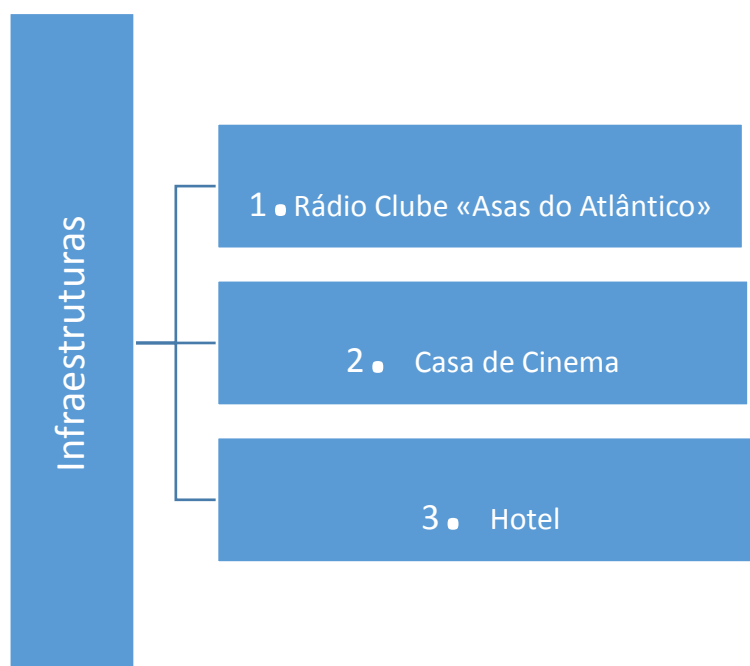
- Ilha do sol*
- Ilha queimada
- Ilha pequena

5. Quanto aos seus **aspetos históricos e culturais**, responde ...

5.1. **Completa** o quadro com a informação solicitada.

Primeira vila a ser fundada <i>Vila do Porto</i>	Primeiro navegador a chegar à ilha <i>Diogo Silves</i>
Razão pela qual	
os navegadores não ficaram na ilha de São Miguel e preferiram Santa Maria <i>Devido aos tremores de terra</i>	os norte-americanos se estabeleceram em Santa Maria <i>Devido ao seu valor estratégico</i>

5.2. Após a saída dos norte-americanos, a população da ilha aproveitou todas as infraestruturas construídas. **Preenche** o esquema com exemplos deste aproveitamento.



5.3. **Retira** dois exemplos da página 15 duas construções antigas que foram recuperadas e reaproveitadas.

O convento setecentista de Santa Maria Madalena foi transformado em lar de idosos e o convento de Santo António, século XVIII, convertido na Biblioteca Pública.

5.4. O domínio espanhol do século XVI deixou marcas na ilha de Santa Maria. **Exemplifica.**

Ainda existe o forte de São Brás do século XVII.

5.5. **Transcreve** da página 15 uma frase que indique a presença de piratas naquela ilha, à semelhança do que se passou na do Faial e Graciosa.

«(...) Em 1616, foi ocupada por piratas marroquinos (...)».

5.6. **Completa** o texto com as informações que constam da página 15.

Carvalho de Araújo foi um *herói da I Grande Guerra*. Foi uma figura importante porque defrontou um *submarino alemão* para proteger o seu navio.

5.7. **Justifica:**

o nome dado a Santa Maria de «Ilha do Ovo <i>Devido à sua forma ovalada.</i>	a importância do lugar designado de «Anjos» <i>Local desembarque dos primeiros povoadores</i>
a importância do lugar designado de «Santana». <i>Lugar onde foram erguidas as casas do primitivo povoado, com coberturas de colmo.</i>	a paragem de Colombo em Santa Maria <i>Colombo, devido às tormentas que passara, prometeu aportar na primeira terra que encontrasse para assistir a uma missa.</i>

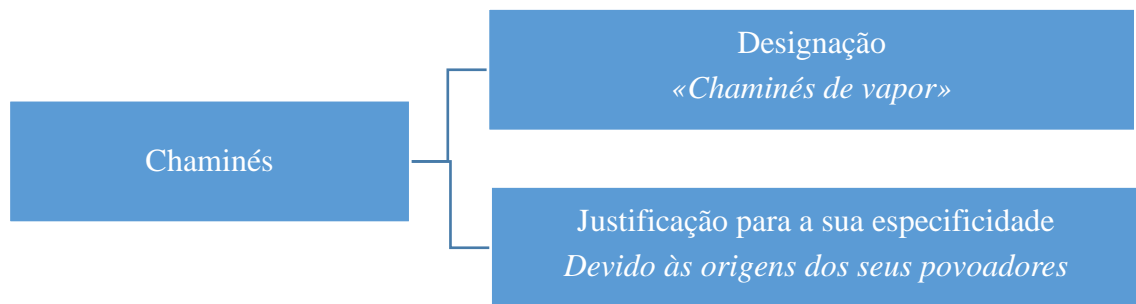
5.8. Na página 32, surge a questão da importância de se preservar «as coisas antigas». **Explica** esta necessidade.

As coisas antigas são testemunhos de outros tempos e de outras vivências.

5.9. Há um aspeto similar entre as ilhas de Santa Maria e a da Terceira referido na página 41. **Explicita-o.**

O aspeto similar é o das festas consagradas ao Espírito Santo.

5.10. As chaminés típicas de ilha de Santa Maria são diferentes das outras nas restantes ilhas do arquipélago. De acordo com o explicado na página 43, **preenche** o esquema:



6. Quanto aos seus aspetos religiosos, responde ...

6.1. Refere a relíquia encontrada em Santana que remonta ao tempo dos primeiros povoadores.

A primeira sineira, em ruínas, da anterior igrejinha do primitivo povoado.

6.2. Da igreja Matriz, original do século XVI, apenas se manteve, até aos nossos dias, uma capela e uma porta. **Indica**, de acordo com a página 28, o que aconteceu ao restante edifício.

Foi atacado por piratas e foi consumida por um incêndio.

6.3 A dada altura, a personagem designada de Fred considera que há demasiados edifícios religiosos no arquipélago. **Refere** que explicação lhe foi dada.

A construção dos edifícios religiosos advém das promessas feitas para agradar a Deus, mas também para a nobreza mostrar a sua riqueza através das construções de edifícios consagrados à religião.

6.4. Na ilha de Santa Maria, destaca-se as festas em honra do Espírito Santo, tal como na tua ilha. No entanto, há aspetos muito próprios da ilha de Santa Maria.

6.4.1. Preenche o esquema com as informações referentes àquela festa (pág. 41).

Festas do Espírito Santo

1. *Cortejo com a folia dos foliões, à frente.*

2. *Segue-se o imperador e as pessoas que levam os açafates com o «pão da mesa».*

3. *A fechar, vêm os carros de bois, com as cangas engalanadas por belos efeitos de flores, transportando pão, carne, vinho e lenha para a cozedura do jantar.*

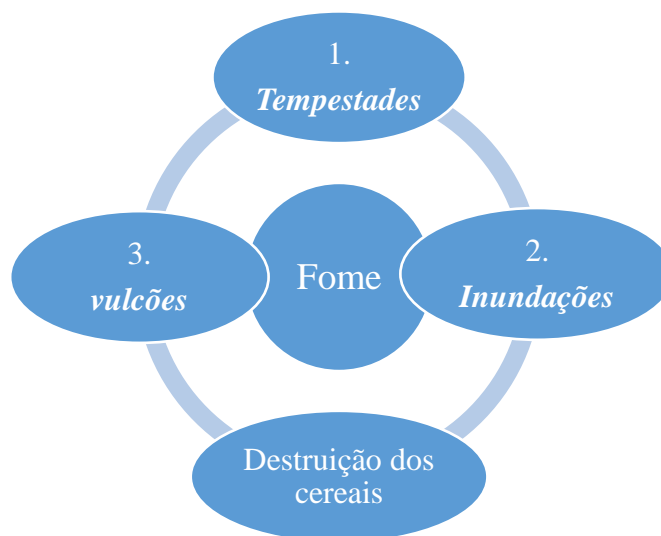
4. *No domingo, após a coroação, todos saboreiam, nas mesas à volta do império, a sopa de carne.*

6.5. **Por que motivo** as festas em honra do Espírito Santo são, de acordo com a obra na página 42, uma marca do arquipélago dos Açores.

É uma festa de fé do povo açoriano, pois praticam-se desde o povoamento, quando os açorianos recorriam a Deus nos seus momentos de aflição.

7. Quanto aos seus **aspetos económicos, responde...**

7.1. **Preenche** o esquema com os fatores que levaram aos surtos de fome na ilha, de acordo com o exposto na página 33.



7.2. A ilha de Santa Maria é conhecida pelas suas olarias, **relaciona**-as com a origem dos seus povoadores.

Os primeiros povoadores eram originários do Alentejo e do Algarve e trouxeram consigo a arte da olaria que remonta da ocupação árabe daqueles sítios.

7.3. Por que motivo as peças de olaria da ilha de Santa Maria eram diferentes e de qualidade superior em comparação com as do resto do arquipélago.

Eram de superior qualidade, pois o barro era de melhor qualidade devido à sua constituição geológica da ilha, uma vez que possui calcário, o qual, ao unir-se ao barro das outras ilhas, favorecia a qualidade.

7.4. Justifica a origem do nome da freguesia Almagreira», de acordo com página 37, assim como a importância desta para a ilha.

A designação advém do termo «almagre», uma argila vermelha, rica em chumbo, que se usava no fabrico de loiça vidrada e na pintura dos vãos de portas e janelas.

7.5. Explica o que são (página 38):

- «Covas mata-mouros», «matamorras» - *eram silos subterrâneos para armazenar os cereais em grão, como prevenção das crises e dos assaltos dos piratas.*
- «palheiros» - *serviam para guardar palha, abrigar o carro de bois e as alfaías e, também, o gado.*

8. Para finalizar... Ordena tudo quanto a Kathy e a sua família visitaram e apreciaram na visita à ilha de Santa Maria desde que lá aportaram até a abandonarem.

9. Espírito Santo	3. Ermida de São Pedro	11. Feteiras
8. Almagreira	10. Santa Bárbara	1. Vila do Porto
15. Largo do Município	14. Forte de São João Batista	4. Anjos
12. Miradouro do Lagoínho	2. Forte de São Brás	5. Santana
13. Pico Alto	6. Matriz	7. Praia Formoso

9. Após teres lido e compreendido o livro, visualizaste um filme documentário acerca daquela ilha. **Enumera** os aspetos que consideres que deveriam ter sido:

12. a) mencionados no filme (mas estão explicitados no livro).
13. b) mencionados no livro (mas que estão explicitados no filme).
14. c) aspetos coincidentes entre o livro e o filme.

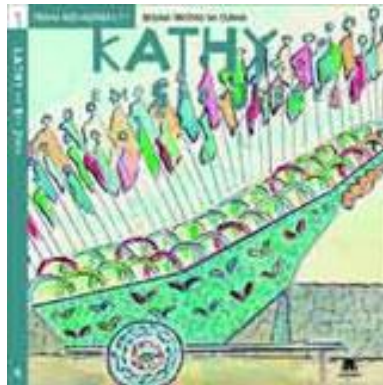
10. Para finalizar a exploração da ilha de Santa Maria, irás **preencher** o quadro que está abaixo com os aspetos relevantes.

Itens de preenchimento	Santa Maria
História	<i>Foi a primeira ilha a ser descoberta. Tem a mais antiga povoação açoriana, criada em 1439. Ponto de passagem e paragem de Colombo. Povoadores advindos do Alentejo e do Algarve.</i>
Economia	<i>Videiras. Cereais. Olarias (exportação de telhas, loiça...) Artesanato.</i>
Arquitetura Civil/militar	<i>Forte de São Brás, do século XVII. Forte de São João Batista. Farol do Castelo ou da Maia.</i>
Arquitetura Religiosa	<i>Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção do século XV-XVI. Igreja de Nossa Senhora da Vitória do século XVII, anexa ao Convento de São Francisco. Convento de Santo António. Convento de Santa Maria Madalena com a sua capela exterior. Ermida de Nossa Senhora dos Anjos, do século XV. Igreja de Santa Bárbara, do século XVI. Igreja da Nossa da Purificação, em Santo Espírito Santo, do século XVI, mas ampliada no século XVIII. Império (espaço dedicado às festividades do Espírito Santo).</i>
Festividades Religiosas	<i>Festas do Espírito Santo. Festa da padroeira Nossa Senhora da Assunção, Vila do Porto.</i>
Festividades Pagãs	<i>Maré de Agosto.</i>
Personalidades que a visitaram.	<i>Cristóvão Colombo. Carvalho de Araújo.</i>
Natureza	<i>A sua maior elevação é Pico Alto com 590 de altitude. Praia de São Lourenço. Praia Formosa. Ilhéu do Romeiro ou de São Lourenço.</i>



Escola Básica e Secundária do Nordeste

Clube de Leitura



PASSAPORTE CULTURAL INTER ILHAS - FÉRIAS NOS AÇORES -

Nome do aluno: _____ N.º: _____

Ano /Turma: _____ Data de início da viagem: ____ / ____ / ____

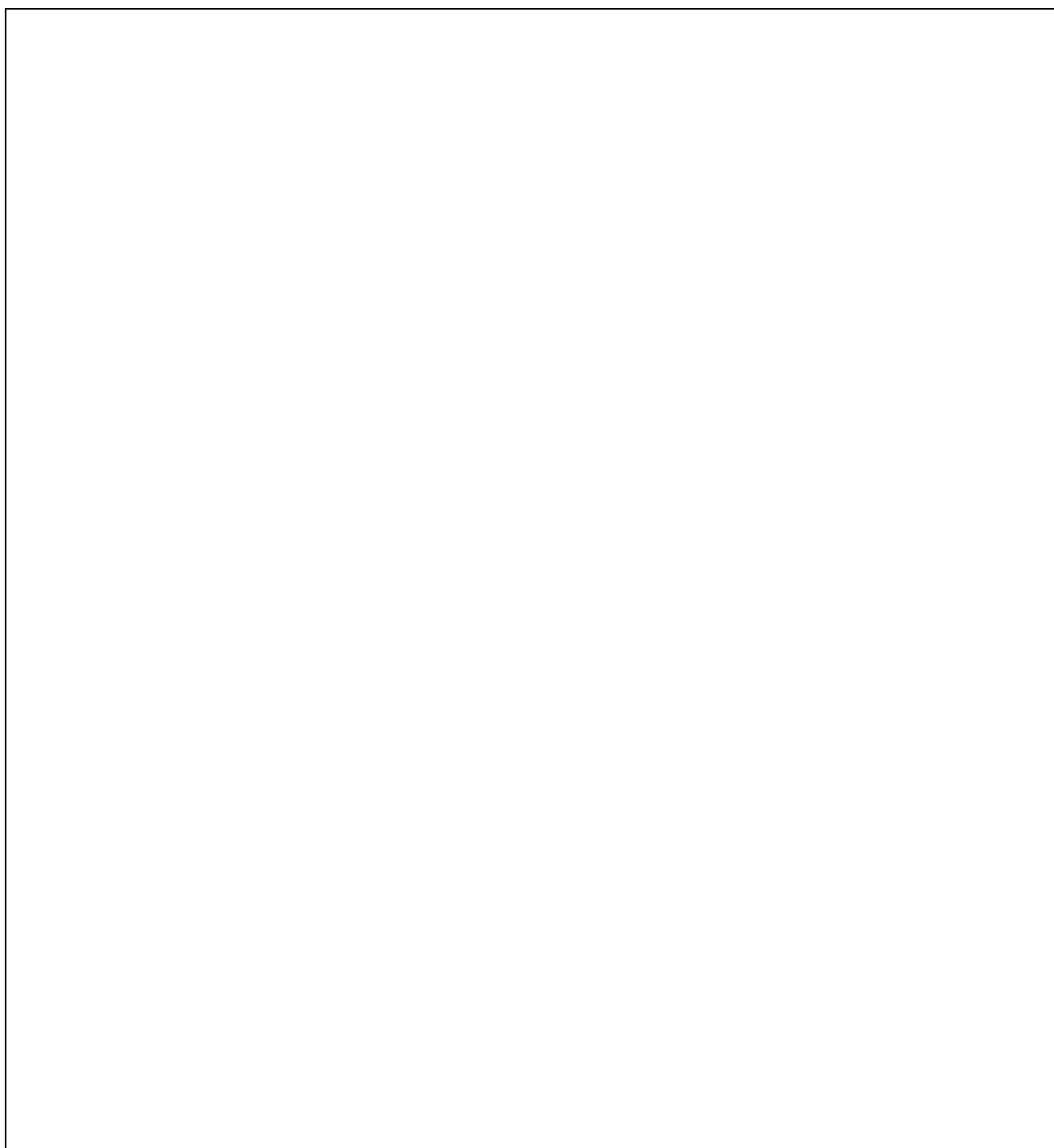
Título do livro – Kathy em _____

Autora: _____

Ilustração: _____

Nº de páginas: _____

Mapa da ilha (desenha)



Enredo: _____

A ILHA

Dimensão: _____

Localização: _____

População: _____

Nº de concelhos: _____

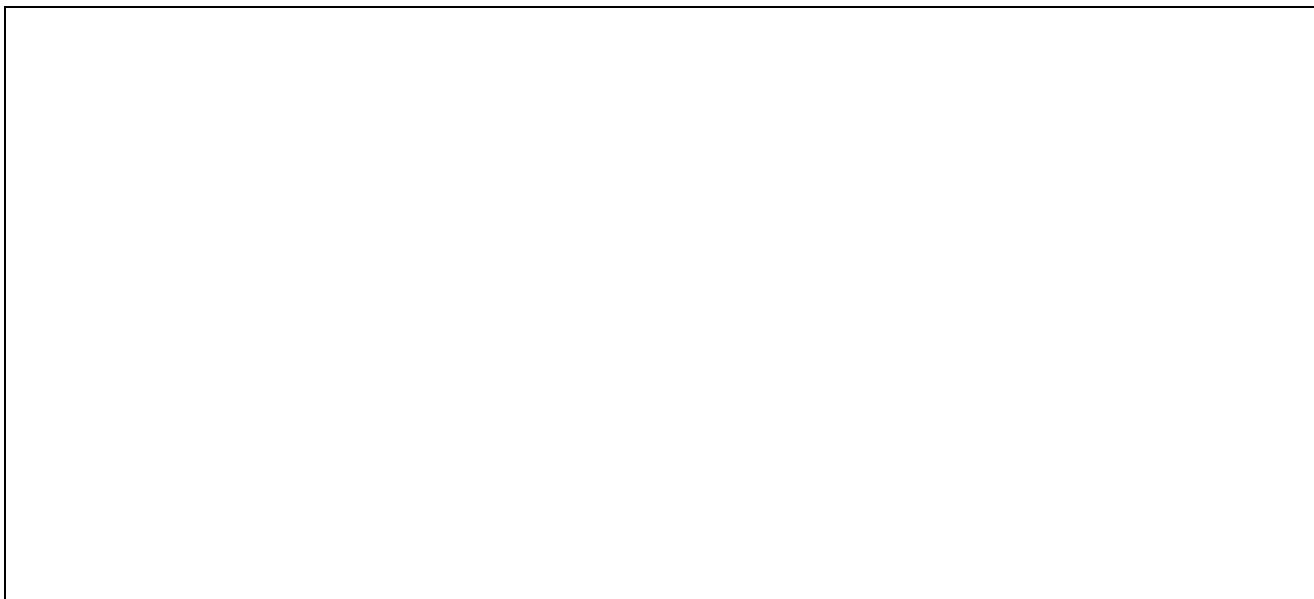
Designação dos mesmos: _____

Ponto mais elevado: _____

Património arquitetónico

Religioso (exemplos):

Habitacional (exemplos):



Outro (exemplos): :



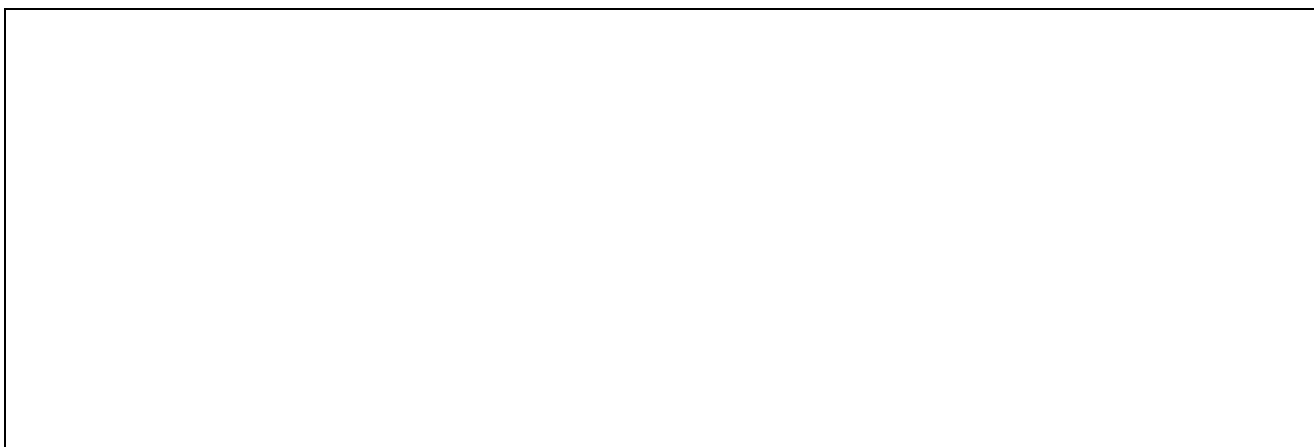
Património natural ((exemplos):



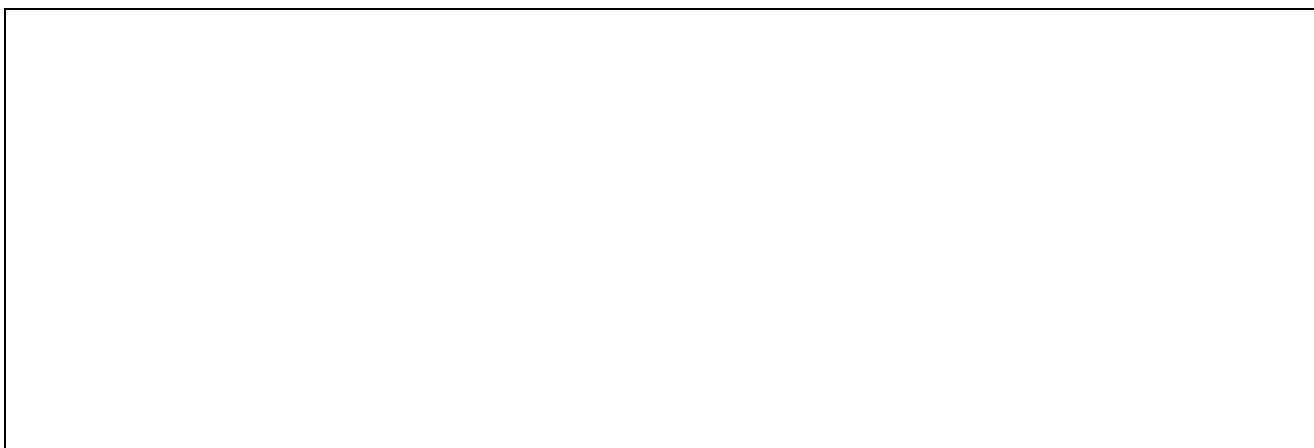
Património cultural ((exemplos):



Festividades ((exemplos):



Curiosidades





Batalha Naval Literária – Questionário

Grupo A

- 1- A que distância está Santa Maria de São Miguel? – *138 Km*
- 2- Qual é a ilha de origem da escritora da coleção «Férias nos Açores»? – *São Jorge*
- 3- Qual é o nome da escritora da coleção «Férias nos Açores»? – *Regina Tristão da Cunha.*
- 4- Quantos volumes fazem parte da coleção «Férias nos Açores»? – *9 volumes*
- 5- As obras da autora fazem parte de um projeto literário regional. Como se designa? – *Plano Regional de Leitura*
- 6- Qual é a origem da personagem principal da obra? – *Norte-americana/californiana*
- 7- Qual é a grande festa religiosa de Santa Maria? – *Espírito Santo*

Grupo B

- 1 – Qual é a ilha, do grupo central, que fica mais a norte? – *Graciosa*
- 2 – Qual é o tipo de moinho que é frequente na ilha Graciosa? – *Moinho de vento/penais*
- 3 – Por que razão não há moinhos de água na Graciosa? – *Porque esta é pobre em água.*
- 4 – Qual foi o navegador, ao serviço dos reis espanhóis, que descobriu um território muito importante, que aportou em Santa Maria? - *Colombo*
- 5 – Como se designava o famoso orador português que era padre jesuíta? – *António Vieira*
- 6 – Onde se fixaram os primeiros povoadores? – *Carapacho*
- 7 – Qual é a povoação mais antiga da Graciosa? – *Vila da Praia.*

Grupo C

- 1 – Por que motivo a marina do Faial tem uma beleza única? - *Os iatistas que por lá aportam deixarem uma pintura na parede para testemunhar a sua presença*
- 2 – No museu da Horta, há peças feitas de um produto natural? – *Miolo de figueira*
- 3 – Quem foi a personalidade faialense que teve uma grande importância nacional no início do século XX? – *Manuel de Arriaga*
- 4 – Qual foi o primeiro navegador a chegar a Santa Maria? – *Diogo Silves*
- 5 – Que outras designações teve a ilha do Faial, antes desta ter este nome? – *Ilha de Ventura e Ilha de São Luís.*

6 – Indica o nome do piloto aviador que experimentou o porto da Horta? – Lindbergh

7 – Como se designa o bar mais importante da Horta? – Peter Café

Grupo D

1 – Como se designavam as estruturas onde se pendurava as maçarocas de milho que, ao longo do ano, iam sendo consumidas? – Toldas/Burras de milho

2 – Qual é a infraestrutura importante para a economia faialense semelhante à graciosense? – Moinhos de vento

3 – Qual foi o povo que foi muito importante para os faialenses, em particular nas alturas de fome e miséria? – Norte-americanos

4 – O que era «o salto»? – A saída de jovens faialenses a bordo dos barcos baleeiros para chegarem aos E.U.A.

5 – Por que motivo os corsários atacavam as ilhas dos Açores? – Aguardavam a passagem dos galeões espanhóis carregados de riquezas.


6 – Na ilha do Faial e da Graciosa há um culto religioso semelhante a um existente em São Miguel. Indica-o. – Senhor Santo Cristo dos Milagres.


7 – Santa Maria é conhecida por ser a ilha...- Queimada





ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DO NORDESTE
ANO LETIVO 2017/2018

Batalha Naval Literária Açoriana

	A	B	C	D	E
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					

	A	B	C	D	E
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					

	A	B	C	D	E
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					

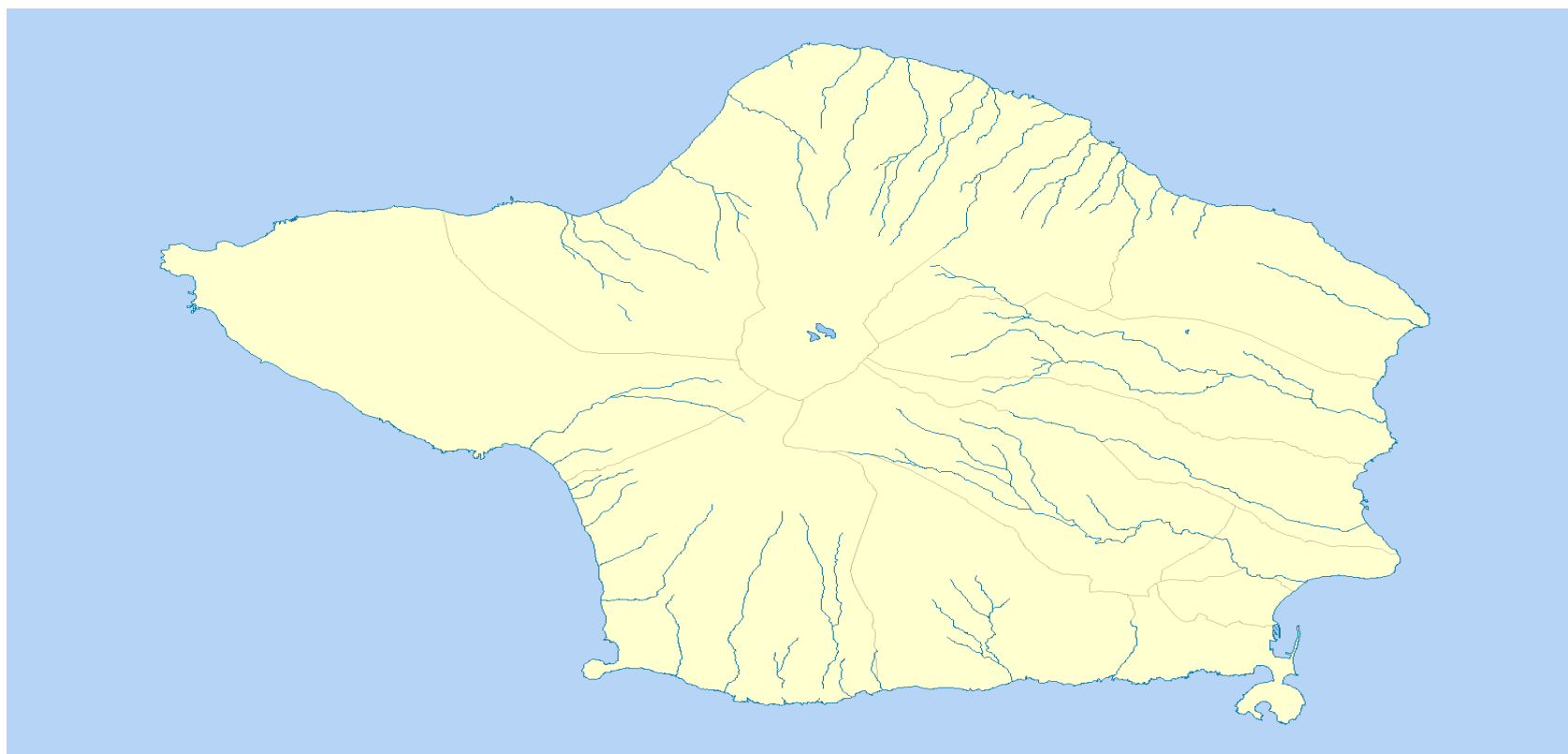
	A	B	C	D	E
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					



ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DO NORDESTE

ANO LETIVO 2017/2018

1. Depois de teres explorado a obra «Kathy no Faial», e de acordo com o mapa que faz parte dela, regista na imagem baixo, os locais referidos na obra.





ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DO NORDESTE

ANO LETIVO 2017/2018

1. Depois de teres explorado a obra «Kathy na Graciosa», e de acordo com o mapa que faz parte dela, regista na imagem baixo, os locais referidos na obra.





ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DO NORDESTE

ANO LETIVO 2017/2018

1. Depois de teres explorado a obra «Kathy em Santa Maria», e de acordo com o mapa que faz parte dela, regista na imagem baixo, os locais referidos na obra.

